

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – UEG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LÍNGUA,  
LITERATURA E INTERCULTURALIDADE – POSLLI

CARLOS FERNANDES ALVES

**O /R/ EM CODA NA CIDADE DE GOIÁS: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA**

Goiás – GO  
2025

CARLOS FERNANDES ALVES

**O /R/ EM CODA NA CIDADE DE GOIÁS: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade para exame de Defesa e obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Silva Vieira Pereira

Linha de pesquisa: Estudos de Língua e Interculturalidade.

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data<sup>1</sup>. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

### Dados do autor (a)

Nome completo Carlos Fernandes Alves

E-mail carlosfnds18@gmail.com

### Dados do trabalho

Título \_\_\_\_\_

O /R/ em coda na cidade de Goiás: uma análise sociolinguística

### Tipo:

Tese                       Dissertação

**Curso/Programa:** Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade

### Concorda com a liberação documento

SIM                       NÃO

<sup>1</sup> Período de embargo é de até **um ano** a partir da data de defesa.

Cidade de Goiás – GO, 05 de novembro de 2025

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** CARLOS FERNANDES ALVES  
Data: 07/11/2025 10:22:04-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** MARILIA SILVA VIEIRA PEREIRA  
Data: 04/11/2025 16:16:28-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura autor(a)

Assinatura do orientador(a)

### CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

A474r	<p>Alves, Carlos Fernandes.</p> <p>O /r/ em coda na cidade de Goiás : uma análise sociolinguística [manuscrito] / Carlos Fernandes Alves. – Goiás, GO, 2025. 143 f. ; il.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Marília Silva Vieira Pereira Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2025.</p> <p>1. Linguística da língua portuguesa. 1.1. Sociolinguística variacionista. 1.1.1. Coda silábica - /r/. 1.2. Identidade linguística regional - Goiás, GO. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 81'27(817.3)</p>
-------	--

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

## UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu

**UEG CÂMPUS CORA CORALINA**

Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000

Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

### ATA DE EXAME DE DEFESA 32/2025

Aos trinta e um dias do mês de outubro de dois mil e vinte e cinco às catorze horas, realizou-se o Exame de Defesa da dissertação do(a) mestrando(a) Carlos Fernandes Alves, intitulado **“O /R/ EM CODA NA CIDADE DE GOIÁS: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA”**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dra. Marília Silva Vieira Pereira – Presidente – (POSLLI/UEG), Dra. Dircel Aparecida Kailer (UEL) e Dra. Viviane Faria Lopes (POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo(a) mestrando(a) e seu/sua orientador(a). Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder à avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o(a) presidente da banca examinadora, proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi (x) aprovada, ( ) aprovada com ressalvas, ( ) reprovada com as seguintes exigências (se houver): acatar as sugestões da banca.

Cumpridas as formalidades de pauta, às 15h35 a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

Goiás-GO, 31 de outubro de 2025.

Documento assinado digitalmente  
 **MARILIA SILVA VIEIRA PEREIRA**  
Data: 31/10/2025 15:42:50-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Marília Silva Vieira Pereira (POSLLI/UEG)

Documento assinado digitalmente  
 **DIRCEL APARECIDA KAILER**  
Data: 04/11/2025 14:45:13-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Dircel Aparecida Kailer (UEL)

Documento assinado digitalmente  
 **VIVIANE FARIA LOPES**  
Data: 03/11/2025 08:46:31-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Viviane Faria Lopes (POSLLI/UEG)

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por todo o suporte e proteção durante as viagens de madrugada para a cidade de Goiás; por atender às minhas orações e me tranquilizar em momentos de desespero.

À minha mãe, Maria do Rosário, meu maior amor neste mundo, por me ouvir, incentivar e orar por mim. Esta vitória também é dela, que, mesmo sem ter concluído o ensino básico, compreende a importância dessa trajetória para mim.

Aos meus irmãos, Liliane e Ricardo, por estarem sempre ao meu lado.

Aos meus amigos, Pablo Timóteo, Yasmin e Fábio Costa, pelo carinho e apoio ao longo desta jornada.

Ao meu amigo Marcos Antonio, pelo carinho e escuta ativa nestes meses. Conheci-o há pouco tempo, mas tornou-se muito importante para mim.

À minha amiga Aline Kellen, pelo companheirismo em todas as etapas do mestrado. Me acolheu, ouviu e ajudou, sobretudo na etapa de escrita desta dissertação, com longas ligações chorosas (e de alegrias também). Ela fez com que este caminho fosse menos pesado.

À minha turma do POSLLI, pelo companheirismo, especialmente durante o período das disciplinas. Interagimos muito, e isso foi essencial.

Aos professores do POSLLI, pelo acolhimento e por me apresentarem um mundo de possibilidades.

Ao meu ex-diretor, Deusimar, por compreender minhas ausências e permitir que eu deixasse substituto durante minhas aulas do mestrado. Seu apoio e compreensão foram importantíssimos!

Ao Vander, por disponibilizar seu tempo para nos auxiliar no manuseio do *Rstudio*.

À banca de qualificação, presidida por minha orientadora, Profa. Marília Vieira, e composta pela Profa. Dra. Dircel Aparecida Kailer (UEL) e pela Profa. Dra. Viviane Farias Lopes (UEG/POSLLI), agradeço por aceitarem o convite e pelas contribuições.

À banca de defesa, presidida por minha orientadora, Profa. Marília Vieira, e composta pela Profa. Dra. Dircel (UEL) e pela Profa. Dra. Viviane Farias Lopes (UEG/POSLLI), agradeço por aceitarem o convite e pelas contribuições.

À minha orientadora, Profa. Marília Silva Vieira Pereira, pela orientação cuidadosa e atenciosa. Ela é um exemplo de profissional. Todo PPG deveria ter uma professora como ela: dedicada, ágil e paciente. Marília, minha gratidão pelos conselhos, pelas aulas maravilhosas, pelo acompanhamento assíduo e pela rigidez!

## Língua

Esta língua é como um elástico  
que espicharam pelo mundo.  
No início era tensa,  
de tão clássica.

Com o tempo, se foi amaciando,  
foi-se tornando romântica,  
incorporando os termos nativos  
e amolecendo nas folhas de bananeira  
as expressões mais sisudas.

Um elástico que já não se pode  
mais trocar, de tão gasto;  
nem se arrebenta mais, de tão forte.  
Um elástico assim como é a vida  
que nunca volta ao ponto de partida.

**Gilberto Mendonça Teles**

## RESUMO

A presente pesquisa investiga a variação do /R/ em coda silábica na fala de moradores da Cidade de Goiás – GO. O estudo foi realizado com base nos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2001; 2008[1972]; Weinreich; Labov; Herzog, 2006), que concebem a língua como parte inerente à estrutura social. Além disso, estabeleceu-se um diálogo com os estudos sobre o significado social da variação (Eckert, 2008, 2012), com o intuito de compreender como a variação do /R/ pode estar atrelada à construção de identidade social e histórica, refletindo um profundo enraizamento sociocultural da comunidade de fala investigada. O fenômeno em questão já foi amplamente analisado em diferentes comunidades linguísticas, em estudos que também fundamentam esta dissertação, tais como os de Amadeu Amaral (1920), Monaretto (1997, 2000, 2002), Callou, Leite e Moraes (1996), Cristóvão Silva (2003), Rennie (2016) e Ricardo (2022). Logo, ao voltar-se para a comunidade de fala supracitada, o estudo buscou preencher uma lacuna na pesquisa sociolinguística, ao mesmo tempo em que pretendeu inserir a cidade de Goiás no mapeamento sociolinguístico brasileiro. Como *corpus*, foi utilizado o banco de dados coletado por Bernardes (2020), composto por 24 entrevistas gravadas com informantes vilaboenses. As entrevistas foram conduzidas a partir de um roteiro semiestruturado. Em seguida, foram extraídos os trechos que continham ocorrências do fenômeno linguístico em análise. Essas ocorrências foram, primeiramente, submetidas a tratamento acústico por meio do programa PRAAT, com o objetivo de identificar e distinguir os diferentes sons realizados para o /R/. Posteriormente, os dados foram analisados estatisticamente no software *RStudio*, com o intuito de verificar a influência das variáveis linguísticas e extralinguísticas sobre a variação observada. Foram consideradas, na análise estatística, variáveis linguísticas como: contexto fonético precedente, contexto fonético seguinte, classe morfológica, posição da coda, tonicidade da sílaba, extensão do vocábulo e contexto morfológico. E, as variáveis sociais analisadas foram: sexo, faixa etária e nível de escolaridade. A aplicação da regressão logística teve como foco a variante retroflexa, devido à sua predominância no *corpus* analisado. Os resultados indicaram que, dentre as variáveis linguísticas, a classe morfológica, a posição da coda e a tonicidade da sílaba foram as mais significativas. No plano social, a variável faixa etária destacou-se como a de maior relevância na correlação com a ocorrência da variante. A presença marcante do /R/ retroflexo evidencia que a cidade de Goiás é atravessada por uma forte tradição histórica, possivelmente herdada do período da invasão dos bandeirantes paulistas durante o Ciclo do Ouro, no século XVIII.

**Palavras-chave:** Sociolinguística Variacionista. /R/ em coda silábica. Cidade de Goiás – GO. Identidade.

## ABSTRACT

This research investigates the variation of /R/ in syllable coda in the speech of residents of Cidade de Goiás – GO. The study was conducted based on the theoretical and methodological assumptions of Variational Sociolinguistics (Labov, 2001; 2008[1972]; Weinreich; Labov; Herzog, 2006), which conceive language as an inherent part of social structure. Furthermore, a dialogue was established with studies on the social meaning of variation (Eckert, 2008, 2012) in order to understand how /R/ variation may be linked to the construction of social and historical identity, reflecting a deep sociocultural rootedness in the speech community under investigation. The phenomenon in question has already been widely analyzed in different linguistic communities, in studies that also support this dissertation, such as those by Amadeu Amaral (1920), Monaretto (1997, 2000, 2002), Callou, Leite, and Moraes (1996), Cristófaró Silva (2003), Renniecke (2016), and Ricardo (2022). Thus, by focusing on the aforementioned speech community, the study sought to fill a gap in sociolinguistic research, while also aiming to include Cidade de Goiás in the Brazilian sociolinguistic mapping. The corpus consisted of the database collected by Bernardes (2020), composed of 24 recorded interviews with residents of Vila Boa. The interviews were conducted using a semi-structured script. Excerpts containing occurrences of the linguistic phenomenon under analysis were then extracted. These occurrences were first subjected to acoustic processing using the PRAAT program in order to identify and distinguish the different sounds produced for /R/. Subsequently, the data were statistically analyzed using RStudio to verify the influence of linguistic and extralinguistic variables on the observed variation. The statistical analysis considered linguistic variables such as preceding phonetic context, following phonetic context, morphological class, coda position, syllable stress, word length, and morphological context. The social variables analyzed were gender, age group, and educational level. Logistic regression was applied with a focus on the retroflex variant due to its predominance in the analyzed corpus. The results indicated that, among linguistic variables, morphological class, coda position, and syllable stress were the most significant. Socially, age group stood out as the variable most strongly correlated with the occurrence of the variant. The prominent presence of the retroflex /R/ indicates that Cidade de Goiás is marked by a strong historical tradition, possibly inherited from the period of the Paulista Bandeirantes' incursions during the Ciclo do Ouro in the 18th century.

**Keywords:** Variational Sociolinguistics; /R/ in syllable coda; Cidade de Goiás – GO; Identity.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Os róticos no Português Brasileiro .....	33
Figura 2: Exemplos e símbolos fonéticos de algumas consoantes róticas .....	44
Figura 3: Representação do /r/ no PB .....	47
Figura 4: Variantes róticas no PB .....	47
Figura 5: Picos de sonoridade, conforme Câmara Jr .....	59
Figura 6: Esquema arbóreo da sílaba .....	59
Figura 7: Forma da onda e espectrograma da palavra “po[ɹ]ta” .....	65
Figura 8: Forma da onda e espectrograma da palavra “po[h]ta” .....	65
Figura 9: Localização da cidade de Goiás-GO .....	67
Figura 10: Vista do Centro Histórico de Goiás/GO (1957) .....	72
Figura 11: Vista Centro Histórico de Goiás-GO atual .....	72
Figura 12: Museu das Bandeiras .....	73
Figura 13: Goiás - vista da Serra Dourada .....	73
Figura 14: Igreja Nossa Senhora da Boa Morte .....	73
Figura 15: Interface inicial do Praat .....	80
Figura 16: Interface com espectrograma criado .....	81
Figura 17: Planilha do Excel com as ocorrências de /R/ .....	82
Figura 18: Interface do RStudio .....	85
Figura 19: Pirâmide Etária da cidade de Goiás .....	99
Figura 20: Taxa de alfabetização por faixa etária .....	101
Figura 21: Audição das variantes estudadas .....	106
Figura 22: Espectrograma - diversão - (GOMC28-Tácio) .....	106
Figura 23: Espectrograma - Barbara - (GOFC45-Luísa) .....	108

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: mudança linguística do pronome você .....	28
Quadro 2: Ocorrências do tepe em seus contextos .....	37
Quadro 3: Ocorrência dos róticos por região.....	48
Quadro 4: Fenômenos linguísticos analisados por Votre (1978) .....	49
Quadro 5: Pares de características usados na pesquisa de Martins (2016).....	60
Quadro 6: Estímulos formulados por Santos (2024) .....	61
Quadro 7: Indicadores gerais da cidade de Goiás/GO.....	68
Quadro 8: Informantes do corpus .....	79
Quadro 9: Codificação das variáveis linguísticas.....	83
Quadro 10: Envelope de variação da pesquisa .....	102
Quadro 11: Valores dos formantes do /R/ retroflexo .....	107

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Variantes no PE encontradas por Martins e Rennieke (2013).....	35
Tabela 2: Distribuição geral dos dados .....	104
Tabela 3: Atuação do contexto fonético precedente no /r/ retroflexo .....	109
Tabela 4: Atuação do contexto fonético seguinte no /r/ retroflexo .....	110
Tabela 5: Atuação da variável classe morfológica no /r/ retroflexo.....	111
Tabela 6: Atuação da variável posição da coda no /r/ retroflexo .....	112
Tabela 7: Atuação da variável tonicidade da sílaba no /r/ retroflexo .....	113
Tabela 8: Atuação da variável extensão do vocábulo no /r/ retroflexo .....	114
Tabela 9: Atuação da variável contexto morfológico no /r/ retroflexo .....	116
Tabela 10: Atuação da variável sexo no /r/ retroflexo.....	117
Tabela 11: Atuação da variável faixa etária no /r/ retroflexo .....	118
Tabela 12: Atuação da variável escolaridade no /r/ retroflexo .....	120

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição geral das variantes .....	105
Gráfico 2: Ocorrências do /R/ retroflexo por sexo .....	117
Gráfico 3: Ocorrências do /R/ retroflexo por faixa etária.....	119
Gráfico 4: Ocorrências do /R/ retroflexo por escolaridade.....	121
Gráfico 5: Cruzamento entre faixa etária e escolaridade para o /R/ retroflexo .....	121

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO 1 - DA LINGUÍSTICA À SOCIOLINGUÍSTICA</b> .....	19
1.1 Formalismo X Funcionalismo .....	19
1.2 Teoria da Variação e Mudança Linguística .....	24
1.3 A variação fonético-fonológica.....	32
1.3.1. Os róticos no Português.....	35
1.4 Comunidade de fala .....	38
<b>CAPÍTULO 2 – A VARIAÇÃO NO USO DOS RÓTICOS</b> .....	43
2.1 Classificação e caracterização dos róticos .....	43
2.1.1 Estudos de variação dos róticos no Português Brasileiro.....	48
2.2 O rótico retroflexo .....	54
2.3 O rótico aspirado.....	57
2.4 A coda silábica.....	58
2.5 O /R/ em coda na fala goiana.....	62
2.6 Características acústicas das variantes de /R/ .....	64
<b>CAPÍTULO 3 – PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	67
3.1 Contexto histórico e socioeconômico da cidade de Goiás.....	67
3.1.1 A Cidade de Goiás como Patrimônio da Humanidade.....	71
3.2. A constituição do <i>corpus</i> .....	74
3.2.1 Ética na pesquisa sociolinguística .....	76
3.2.2. Coleta e organização do <i>corpus</i> .....	77
3.3 <i>Praat</i> – Análise acústica .....	79
3.4. A análise estatística na Sociolinguística: a linguagem <i>R</i> .....	81
<b>CAPÍTULO 4 – GRUPOS DE FATORES: VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E SOCIAIS</b> .....	86
4.1 Variáveis Linguísticas.....	86
4.1.1 Contexto fonético-fonológico precedente .....	87
4.1.2 Contexto fonético-fonológico seguinte .....	88
4.1.3 Classe Morfológica .....	89
4.1.4 Posição silábica: coda interna e externa.....	91
4.1.5 Tonicidade da sílaba.....	92
4.1.6 Extensão do vocábulo.....	93

4.1.7 Contexto Morfológico .....	94
4.2 Variáveis Sociais.....	95
4.2.1 Sexo.....	95
4.2.2 Faixa Etária .....	98
4.2.3 Escolaridade .....	100
4.3 Envelope de variação .....	102
<b>CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DE DADOS</b> .....	104
5.1 Inspeção Acústica das variantes do <i>corpus</i> .....	105
5.2 Variáveis Linguísticas.....	109
5.2.1 Contexto fonético precedente.....	109
5.2.2 Contexto fonético seguinte.....	110
5.2.3 Classe morfológica.....	111
5.2.4 Posição silábica: coda interna ou externa.....	112
5.2.5 Tonicidade de Sílabas .....	113
5.2.6 Extensão do vocábulo.....	114
5.2.7 Contexto Morfológico .....	115
5.3 Variáveis Sociais.....	116
5.3.1 Sexo.....	117
5.3.2 Faixa Etária .....	118
5.3.3 Escolaridade .....	120
5.4 Significado social do /R/ na Cidade de Goiás-GO.....	122
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	125
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	128
<b>APÊNDICES</b> .....	137

## INTRODUÇÃO

Do tripé da universidade, a pesquisa foi a que menos pude vivenciar durante a graduação, em grande parte por haver poucos professores dedicados a essa dimensão. Especificamente, só tive a oportunidade de iniciar nesse caminho em 2017, no penúltimo ano do curso, por meio de um projeto idealizado por uma professora, que abordava a variação linguística, ainda que de maneira muito embrionária. A experiência culminou na apresentação de um trabalho fora do ambiente acadêmico habitual, ampliando minha visão sobre a pesquisa científica. A partir dessa experiência, meus horizontes se ampliaram e percebi que esse era um caminho possível.

Depois disso, cheguei a iniciar disciplinas como aluno especial em outros programas de pós-graduação, mas nenhuma experiência havia despertado tanto meu interesse quanto o POSLLI. Acompanhava o programa pelo site da UEG e pelas postagens nas redes, mas a distância me afastava. Quando me mudei para mais perto, não hesitei: participei do processo seletivo. Já sabia quem queria como orientadora, pois acompanhava o trabalho da Profa. Marília, tanto pelos relatos de colegas quanto pelas produções acadêmicas divulgadas. Ao ser aprovado, tive a sensação de uma oração atendida. Por isso, esta pesquisa representa não apenas a realização de um sonho profissional, mas também a concretização de um desejo cultivado com fé e dedicação.

O interesse em pesquisar sobre o /R/ em coda começou ainda na graduação, mais especificamente ao observar uma colega de classe, natural de Goiânia, que havia se mudado para o interior para cursar Letras. Na sua fala, o /R/ era bastante marcado, ou seja, usava com frequência o retroflexo, algo que destoava dos demais colegas e moradores daquela cidade, que não apresentavam tal realização de forma tão frequente.

Essa observação inicial me levou a estudar e perceber que a variação do /R/ em coda silábica é um fenômeno linguístico amplamente investigado nos estudos sociolinguísticos, devido sua alta variabilidade. Trata-se de um traço fonético que, além de apresentar múltiplas variantes, também se associa frequentemente a marcas de identidade regional. Dessa forma, o /R/ em coda se destaca como uma variável sociolinguística de grande relevância teórica e empírica para a descrição do Português Brasileiro.

Diante disso, esta pesquisa analisa a variação do /R/ em coda silábica na fala de moradores da Cidade de Goiás – GO, com o objetivo de identificar a variante mais recorrente, bem como os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam sua ocorrência. Conduzido sob o prisma da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008[1972]) e articulado

com os estudos do significado social da variação (Eckert, 2008, 2012), esse trabalho busca compreender de que maneira esse arquifonema, quando em posição de coda, se conecta com a comunidade de fala na qual está inserido.

Estudos semelhantes já foram realizados em diversas comunidades de falas pelo Brasil e dão sustentação a nossa pesquisa. Pesquisadores como Votre (1978), que investigou a supressão do /R/ em coda interna e externa na fala de informantes do Rio de Janeiro; Monaretto (1997), que identificou a predominância da variante tepe na região Sul do Brasil; e Callou, Leite e Moraes (1996), que analisaram a realização do /R/ em posição de travamento silábico com base em amostras do Projeto NURC, provenientes da década de 1970, abrangendo cinco centros urbanos: Porto Alegre, São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro e Recife são exemplos de estudos que evidenciam a complexidade e a diversidade da realização desse arquifonema no português brasileiro (PB).

Além desses clássicos, outros trabalhos, como o de Amaral (1920), Cristóvão Silva (2003), Brescancini (2004), Reinecke (2006), Carvalho (2009), Lima (2013), Milani (2017), Almeida (2018), Ricardo (2022) foram importantes para ampliar a compreensão sobre os processos de variação e mudança do /R/ em diferentes regiões do Brasil, abordando aspectos fonético-fonológicos, históricos e sociolinguísticos. Esses estudos abordaram não somente o /R/ retroflexo, mas também outras variantes, como o tepe alveolar [r], a fricativa glotal [h], a fricativa uvular [χ], a vibrante múltipla [ʀ] e até mesmo o apagamento do /R/ em coda silábica, mostrando que é um campo fértil para compreender a variação deste segmento.

Por outro lado, embora a variação do /R/ seja um fenômeno bastante investigado em diversas regiões do Brasil e conte com um volume expressivo de estudos, observa-se que poucas pesquisas são voltadas especificamente para a região Centro-Oeste, especialmente no que diz respeito às localidades do interior de Goiás. Essa carência de estudos é especialmente relevante quando se considera a posição geográfica da região Centro-Oeste e sua formação histórica, fortemente influenciada por fluxos migratórios internos e externos, que resultaram em um cenário linguístico altamente heterogêneo.

Entre os poucos trabalhos que abordam a realidade linguística do interior goiano, destacam-se os estudos de Lima (2013), Milani (2017) e Almeida (2018), que oferecem contribuições importantes, embora pontuais, para a compreensão das dinâmicas de variação linguística nessa área e que foram utilizados como referências fundamentais na presente pesquisa. Diante disso, essa pesquisa se torna importante por tentar preencher essa lacuna e inserir Goiás, antiga capital do estado e importante cidade histórica, no mapa linguístico goiano e brasileiro.

Com isso, delineamos como objetivo central descrever e analisar a variação do /R/ em coda silábica na fala de moradores da Cidade de Goiás – GO. A partir desse objetivo geral, estabelecemos objetivos específicos que orientam a investigação em suas diferentes etapas: 1) identificar e descrever as variantes de /R/ no falar vilaboense; 2) investigar quais variáveis linguísticas e sociodemográficas influenciam essa variação; 3) observar as diferenças acústicas, por meio do PRAAT, entre as principais variantes encontradas na comunidade de fala estudada<sup>1</sup> e 4) analisar, estatisticamente, a correlação entre as variantes ocorridas e os fatores condicionadores.

A análise quantitativa, realizada com base em uma amostra de fala da Cidade de Goiás, está calcada em fatores linguísticos, a saber: contexto fonético precedente, contexto fonético seguinte, classe morfológica, posição da coda, tonicidade da sílaba, extensão do vocábulo e contexto morfológico. Já os fatores sociais são sexo, faixa etária e nível de escolaridade.

Nesse contexto, procuramos responder à pergunta central desta pesquisa: O retroflexo é realmente a variante predominante do /R/ em coda na fala goiana, ou existem outras variantes, como o /R/ aspirado, que também caracteriza a fala dos goianos, ou pelo menos, a da comunidade de fala da Cidade de Goiás? A partir dessa principal, outra pergunta subjacente surge: A variação do /R/ em coda reflete algum possível significado social nessa comunidade de fala?

A presente dissertação está organizada em cinco capítulos, de forma a acomodar adequadamente as discussões teóricas, metodológicas e analíticas desenvolvidas ao longo do estudo.

O capítulo 1 versa sobre os caminhos da Sociolinguística enquanto ramo da Linguística. Iniciamos discutindo a diferença de formalismo e funcionalismo, com o intuito de situar teoricamente a abordagem adotada nesta pesquisa. Depois, partimos para as premissas da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006; Labov, 2008[1972]) com o objetivo de fundamentar os próximos passos. Além disso, inserimos uma discussão pertinente sobre variação fonético-fonológica, para explicar e situar o fenômeno analisado nesta pesquisa.

O capítulo 2 é dedicado à revisão de literatura sobre os sons róticos, abordando tanto suas características fonéticas e fonológicas quanto os principais conceitos envolvidos em sua descrição. Além disso, apresenta um panorama de estudos empíricos que investigaram a

---

<sup>1</sup> Essa inspeção acústica no PRAAT tem como único objetivo diferenciar as variantes encontradas, não se prolonga para além dessa etapa.

variação do /R/ em diferentes regiões do Brasil, com especial atenção para os trabalhos que trataram da posição de coda silábica.

O capítulo 3 apresenta os materiais e métodos utilizados na construção desta pesquisa, abordando desde as considerações geográficas, históricas e culturais da Cidade de Goiás até a constituição e descrição do banco de dados utilizado para a análise. Ademais, explicamos sobre o uso do PRAAT, para o tratamento acústico dos dados e do *Rstudio*, para a análise estatística dos resultados.

O capítulo 4 dedica-se à apresentação e descrição dos grupos de fatores considerados na análise, ou seja, das variáveis linguísticas e sociais adotadas na pesquisa. Além disso, expõe as hipóteses formuladas para cada uma dessas variáveis, com base na literatura discutida e nas observações preliminares do *corpus*.

Por fim, o capítulo 5 apresenta a análise dos dados, contemplando tanto os resultados das inspeções acústicas realizadas com o auxílio do software PRAAT, por meio de espectrogramas, quanto os dados estatísticos obtidos a partir do *RStudio*. Além desses resultados quantitativos, o capítulo traz reflexões sobre o possível significado social das variantes do /R/ na comunidade de fala da Cidade de Goiás – GO, articulando os achados empíricos às discussões teóricas desenvolvidas ao longo do trabalho.

## CAPÍTULO 1 - DA LINGUÍSTICA À SOCIOLINGUÍSTICA

Os estudos da Sociolinguística são relativamente novos, se compararmos a outros campos da Linguística – como a Morfologia e a sintaxe, por exemplo – tendo sua consolidação a partir das pesquisas de William Labov (2008[1972]), na segunda metade do século XX. Antes disso, os estudos linguísticos tinham como foco os aspectos estruturais e formais da língua, sem considerar as práticas sociais e culturais dos falantes, isto é, as análises estavam voltadas para o fenômeno linguístico em si, desvinculados de quais outros aspectos.

Diante disso, esta seção abordará o percurso da Linguística, explorando os principais paradigmas que conectam o formalismo à Sociolinguística. Inicialmente, serão discutidas bases teóricas e metodológicas do formalismo, perpassando os estudos funcionalistas, com o objetivo de apresentar diferenças entre essas abordagens e suas contribuições para a análise linguística.

Na sequência, o objeto será situar a Sociolinguística como um campo que surge em respostas às limitações das abordagens tradicionais que tratavam a língua de forma isolada dos fatores sociais, culturais e históricos.

### 1.1 Formalismo X Funcionalismo

Na trajetória histórica da linguística, o foco dos estudos foram tomando vários contornos, com base nas observações e nos aspectos teóricos-metodológicos. A princípio, o cerne das pesquisas era a língua em si, na sua imanência, sem considerar aspectos externos a ela, ideia defendida por Saussure (1995) com seus apontamentos estruturalistas e dicotômicos. Tal proposta serviu de base para uma série de pesquisas desenvolvidas por outros autores que compartilhavam dessas mesmas premissas. Por outro lado, houve autores que discordaram dessa proposta, tais como Givón, 1995; Halliday, 1989, Votre; Naro, [1992] 2019 e Labov, 2008[1972], pois defendiam que os elementos extralinguísticos<sup>2</sup> deveriam incorporar o bojo dos estudos da língua.

É nesse contexto que a dualidade Formalismo *versus* Funcionalismo se solidifica como dois paradigmas fundamentais nos estudos da língua. É importante explicar as bases teóricas de cada um nesse trabalho, com vistas a situar a abordagem usada para compreender o fenômeno linguístico pesquisado, mostrando como cada perspectiva contribui para a compreensão da

---

<sup>2</sup> O Funcionalismo linguístico tratado aqui é de forma abrangente, sem delimitar correntes teóricas dessa perspectiva. No desenrolar das discussões, as bases e diferenciações internas serão feitas.

pesquisa. Na perspectiva formalista, serão abordadas duas correntes linguísticas: o Estruturalismo e o Gerativismo.

Segundo Dillinger (1991, p. 397), o Formalismo estuda a “forma linguística (fonética, fonologia, morfologia e sintaxe), dando continuidade à gramática tradicional”. Dessa forma, o foco está voltado para as características internas da língua e suas relações, de como elas se organizam e se constroem enquanto estruturas autônomas e não leva em consideração as situações comunicativas.

Um dos precursores dessa linha de pensamento foi Saussure (1995), no início do século XX, com o texto *Curso de Linguística Geral (CLG)*. A ele é atribuído o crédito de ter inaugurado os estudos linguísticos, com a Linguística Moderna. No entanto, antes disso, há registros de estudos da língua realizados principalmente por filósofos, denominados “ciências da linguagem”, porém, não eram abordagens sistemáticas e abstratas, como aconteceu no século XX, a partir dos pressupostos saussurianos.

Nesse sentido, de acordo com Borges Neto (2004), antes do século XX, a Linguística se dividia em nacional e filológica. Na vertente nacional, os expoentes foram Platão e Aristóteles, com estudos calcados a partir da relação de som e sentido, rejeitando quaisquer ideias de variação linguística. O ponto de vista filológico, liderado por gramáticos alexandrinos, não ignorava a variação linguística, mas a concebia como um desvio. Foi nesse contexto, conforme Borges Neto (2004), que apareceu a primeira perspectiva normativa/descritiva na história dos estudos da linguagem e que surgiram as discussões entre correto/incorreto.

Ao regressar para o século XX, conforme mencionado anteriormente, tem-se Saussure (1995) como principal representante do Estruturalismo. Nessa linha de pensamento, ele, estabeleceu também as famosas dicotomias, postuladas pelos seus alunos, com vistas a explicar como funcionava esse processo. As principais para a finalidade desta pesquisa são *langue* e *parole* (língua e fala), enquanto a primeira é vista como homogênea e social, como um sistema de signos; a segunda, é heterogênea, um ato individual de vontade. No entanto, por mais que se saiba que o *CLG* tenha sido redigido por seus alunos e não por ele, de fato, ainda, enquanto comunidade linguística, o status de Saussure (1995) dentro do esse campo de estudo permanece.

Outra dicotomia saussuriana é diacronia e a sincronia. Para a diacronia, a língua muda e se transforma ao longo do tempo, trata-se de evoluções. Já a sincronia, é “tudo aquilo que se relaciona com o aspecto estático da língua” (Saussure, 1995, p. 96), isto é, é um estudo da língua em um momento específico no tempo. Além dessas, o autor também é conhecido pela noção de signo linguístico, que é resultado da junção de significado e significante, ou seja, a combinação

do conceito ou ideia (significado) com os aspectos sonoros ou escritos (significante). Em outras palavras, é associação que há entre o elemento linguístico e a sua representação.

Por outro lado, é importante ressaltar que surgiram outros teóricos que refutam e/ou expandem as ideias do Estruturalismo, por meio de outras abordagens, principalmente quando tiveram acesso a manuscritos do linguista suíço. Nesse contexto, há autores que negam a validade do *Curso*,

Algunos autores parten de relecturas del Curso de Lingüística General a la luz de los manuscritos (elg), otros niegan la validez intelectual del Curso de Lingüística General (clg), por considerar que la posición epistemológica de Saussure fue traicionada por los primeros editores y lo caracterizan como texto apócrifo. Es el caso de Bouquet [2010], entre otros. (Riestra, 2017, p. 63).<sup>3</sup>

De acordo com Riestra (2017), em seus estudos sobre as epistemologias de Saussure, aponta que alguns estudiosos, como Tulio de Mauro (1973) e Coseriu (1992), negam a validade dos apontamentos presentes no *Curso*, uma vez que os editores da obra podem ter deturpado as ideias, tornando o texto sem autenticidade. Assim, não é possível comprovar, uma vez que o livro foi publicado postumamente a Saussure. No entanto, sua importância é inegável, visto que até mesmo as críticas se baseiam nas leituras de Escritos sobre a Linguística Geral (ELG/2004).

Outro autor que pode se dizer formalista (Dillinger, 1991) e que deu destaque à visão formal da língua nos Estados Unidos a partir da década de 1960 foi Noam Chomsky, com a corrente gerativista. Para ele, a língua é concebida como um sistema de princípios universais e de um conhecimento mental que o falante possui a partir do estado inicial da faculdade da linguagem<sup>4</sup>. Em linhas gerais, o gerativismo de Chomsky tinha por princípio o sistema abstrato de regras na formação de sentenças gramaticais, apresentadas em sua obra *Estruturas Sintáticas*, publicada em 1957.

Assim, nessa tessitura de argumentos, percebe-se que o Gerativismo está voltado para as questões de funcionamento da linguagem humana, mas de forma interna, voltada para as estruturas gramaticais que o indivíduo era capaz de formar naturalmente, sem ter acesso a quaisquer relações sociais. De modo mais sistemático, os estudos de Chomsky (1980)

---

<sup>3</sup> Tradução do trecho: Alguns autores partem de releituras do Curso de Linguística Geral à luz dos manuscritos (ELG), enquanto outros negam a validade intelectual do Curso de Linguística Geral (CLG), por considerarem que a posição epistemológica de Saussure foi traída pelos primeiros editores, caracterizando-o como um texto apócrifo. Esse é o caso de Bouquet [2010], entre outros.

<sup>4</sup> Contrário aos preceitos behavioristas de sua época, Chomsky (1980) expõe que a capacidade do indivíduo de falar e entender a língua deve ser entendida como um produto de um dispositivo inato, mas não influenciado pelas características que o cercam, isto é, os fatos externos não determinam o modo de falar. Neste ínterim, Chomsky (1980) diz que o cérebro forma a competência linguística de um falante, capaz de produzir e entender naturalmente e inconscientemente enunciados e a essa condição inata de gerar a competência linguística, ele nomeou de faculdade da linguagem.

enfocavam características psicológicas e mentais, para a explicação dos aspectos circundantes da língua enquanto entidade formal, expondo sua estrutura e uso que, para ele, são de ordem universal e de origem biológica, sem mera atuação de condicionantes históricos e sociais.

Assim como Saussure, Chomsky (1978) também formulou algumas dicotomias, como é o caso de competência e performance. Para o autor, a competência “destaca-se como a capacidade de produzir variadas sentenças, em outras palavras, o sujeito sabe produzir sentenças de acordo com uma gramática interna” (Chomsky, 1978, p. 12) e a performance é o uso prático da língua em situações reais de comunicação. Essas duas noções correspondem aos objetos de estudos de Chomsky e que colaboram para a compreensão da representação mental que os falantes possuem.

Ao contrário do Formalismo, o Funcionalismo não se atém a analisar a estrutura interna da língua. Isso significa que os pesquisadores funcionalistas não abandonam a forma, mas procuram, nas interações comunicativas, entender como a língua(gem) é utilizada para atender às necessidades sociais e culturais dos indivíduos, em outras palavras, a língua é estudada como instrumento de interação social. De acordo Dillinger (1991, p. 400),

O Funcionalismo se preocupa com as relações (ou funções) entre a língua como um todo e as diversas modalidades de interação social e não tanto com as características internas da língua. Assim, os funcionalistas frisam a importância do papel do contexto, em particular, o contexto social na compreensão da natureza das línguas.

Logo, os significados não partirão das estruturas linguísticas em si, mas das interações que essas farão com as situações comunicativas dos falantes. Givón (1995) endossa essa discussão quando pontua que a linguagem está a favor das atividades socioculturais e que a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas. Dessa forma, a linguagem é compreendida como maleável e a forma está intimamente ligada às funções comunicativas em seus contextos diversos.

Uma das correntes do paradigma funcionalista é Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday (1989), nas escolas de Londres, cujo objetivo era mostrar que a língua era um sistema potente de significados e que a gramática deve trabalhar a favor desses significados e não desvinculados. Além disso, o autor pontua que a língua é um sistema e que as escolhas dos falantes dependem de três fatores importantes: i) a relação sujeito e mundo; ii) sujeito e outro sujeito e iii) sujeito e língua. Essas três relações produzem significados diferentes.

Halliday (1989) desenvolve uma teoria que considera a interação social como ponto forte para compreender a língua. Mais que isso, concebe o sistema linguístico sob uma

perspectiva que havia sido preterida pelos formalistas em seus estudos. Pezatti (2004) explica como se dá essa relação:

Para a perspectiva funcionalista, há uma relação não arbitrária entre a estrutura da língua e suas regularidades, explicadas a partir da maneira como os falantes se comunicam. As estruturas das expressões estão a serviço de algumas funções como a ideacional, a interpessoal e a textual (Halliday, 1978). Essas funções dizem respeito ao modo e organização do discurso em determinado contexto discursivo (função textual), ao modo como o falante organiza a experiência sobre o mundo (ideacional) e ao modo como se dá a interação entre falante e ouvinte e outros fatores da situação de interação (interpessoal). De acordo com o funcionalismo, as estruturas das expressões linguísticas são configurações de funções, cada qual tendo uma significação na sentença. (Pezatti, 2004, p. 198).

Outra corrente funcionalista fundamental e que aparece de maneira mais saliente nos estudos linguísticos é a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que tem como preceito estudar a língua em sua dimensão prática e social, enfatizando como a comunicação se dá em contextos reais e interativos (Bybee, 2010; Traugott, 2008; Hopper, Traugott, 1997). Essa abordagem propõe que a linguagem não é apenas um conjunto de regras gramaticais, mas uma ferramenta dinâmica que os falantes utilizam para realizar ações, expressar significados e construir relações sociais.

Também chamada de Linguística Cognitivo-Funcional, ela produz novas roupagens aos estudos linguísticos. Para Martelotta (2011), analisar somente o que está disposto numa frase, por exemplo, não é suficiente. É necessário estar além disso, trazendo o olhar tanto para o texto, mas também para o diálogo e as características cognitivas do falante.

[...] LFCU não se restringe à observação de aspectos formais da língua, ou da difusão das formas pela organização social, mas leva em conta, em suas análises, dados semânticos, pragmáticos e discursivos que se manifestam na língua em uso. Em linhas gerais, essa área de pesquisa defende uma relação estreita entre a codificação linguística e o uso que os falantes fazem da língua em situações reais de interação comunicativa. (Da Cunha; Bispo, 2016, p. 54).

Dessa forma, com base na citação acima, percebe-se que a LFCU possibilita uma compreensão mais abrangente e contextualizada dos fenômenos linguísticos, destacando a importância de se considerar a variabilidade e a criatividade do uso da língua, de acordo com seus contextos comunicativos.

Em termos de comparação, há teóricos que não acreditam na integração das duas perspectivas: formalista e funcionalista. Em seu texto, *Forma e Função na Linguística*, Dillinger (1991) diz que Naro e Votre (1989) afirmam isso: “abordagens diferentes e excludentes”, ou seja, a integração de ambas não seria impossível. No entanto, no texto *Mecanismos Funcionais do uso da língua: função e forma*, publicado em 1992 como resposta

e com o objetivo de esclarecer essa e outras afirmações, os autores tecem uma lista de possíveis (co) relações e divergências.

Nesse sentido, Naro e Votre ([1992] 2019, p. 287) defendem que a “hipótese central [...] é de que a forma a variável dependente e as funções são variáveis independentes. Ambas – forma e função – são igualmente relevantes para a construção da teoria funcionalista.” Sendo assim, é importante perceber o nível de interdependência entre essas duas perspectivas.

Na sequência, será discutida outra corrente linguística que também integra, em suas pesquisas, os elementos extralinguísticos como parte dos estudos: a Sociolinguística. Lyons (2011, p. 169) acredita nessa aproximação quando afirma que “o funcionalismo em linguística tendeu a enfatizar o caráter instrumental da linguagem. Há, portanto, uma afinidade natural entre o ponto de vista funcionalista e do sociolinguista [...]”. Dessa forma, é perceptível uma ampliação na compreensão da língua(gem), não apenas focando na estrutura, mas como prática social flexível e marcada por variações de ordem social, histórica e cultural.

## 1.2 Teoria da Variação e Mudança Linguística

A teoria da variação e mudança linguística são os objetos centrais da Sociolinguística, um ramo da linguística que estuda as relações entre língua e sociedade, ainda que seja, segundo Camacho (2001), uma definição muito simplificadora. Mais que isso, ainda segundo o autor, “trata dos estudos que lidam com fatores sociais em grande escala associados à linguagem (p. 49)” como por exemplo, línguas de contato, mono e bilinguismo, variação linguística e ensino, etnografia, dentre outros aportes. Isso dá à Sociolinguística um caráter interdisciplinar, por abarcar diferentes áreas de conhecimento.

A primeira vez que o vocábulo “Sociolinguística” foi mencionado no âmbito linguístico, remonta ao ano de 1953, em um trabalho de Haver C. Currie. Segundo McCleary (2007, p. 243), devido à grande divulgação de trabalhos sobre estudos da comunicação e a divulgação de trabalhos a respeito da Sociologia e da Linguística, aumentou o interesse de discutir sobre a relação da língua com seus falantes.

No entanto, é a partir de 1964, em um congresso organizado por William Bright em Los Angeles, que a Linguística ganharia outros contornos. Muitos estudiosos, como Haugen, Fisher, Gumperz, Labov (2008[1972]) e Hymes apresentaram trabalhos que tinham como temática a relação da língua com os fatores sociais. Esses estudos, posteriormente, foram publicados com o título *Sociolinguistics* (1966), o que contribuiu para a consolidação do termo e da subárea.

Após esse evento, as pesquisas sociolinguísticas começaram a aparecer e ganhar destaque no cenário linguístico e das ciências sociais, uma vez que estudiosos dessa última se interessaram pela natureza social e cultural da linguagem. Hymes, como pontua Alkmin (2001), foi um desses pesquisadores que publicou um artigo – *Etnografia da Comunicação* – que explicava o comportamento linguístico no bojo cultural, tratando de aspectos da etnologia, psicologia e linguística.

Na sequência, com a pesquisa sobre como os fatores sociais (idade, sexo, profissão e origem) influenciavam na variação linguística em Martha's Vineyard, situada no litoral de Massachusetts, William Labov (2008[1972]) se consagra como representante da Sociolinguística em 1963. Mais tarde, em 1964, conforma ainda aponta Alkmin (2001), Labov (2008[1972]) também pesquisa sobre a estratificação do inglês (sobre a variável /r/) em lojas de departamento em Nova York. Nessa, em específico, ele cria um modelo de descrição e análise dos fenômenos linguísticos em contexto social.

O título *Sociolinguística Variacionista* ou *Teoria da Variação* se deve ao seu representante-mor, William Labov (2008[1972]). Desde então, ele tem sido usado como referência nos estudos sociolinguísticos, sobretudo, os de Primeira Onda, que leva em conta tanto as categorias sociodemográficas: sexo/gênero, escolaridade, idade e outros, quanto fatores linguísticos.

O uso do termo “onda” foi adotado por Eckert (2012) para categorizar os estudos da Sociolinguística, com base nas transformações e novas abordagens adotadas pelas pesquisas. Contudo, é importante compreender que uma onda complementa a outra, elas não são disruptivas. Além disso, os procedimentos metodológicos ganharam novos incrementos, passando não somente utilizar aspectos quantitativos no seu bojo, mas categorias etnográficas e/ou estilísticas. Os autores classificam esses estudos em três ondas.

Na primeira Onda, as pesquisas sociolinguísticas têm enfoque nas relações entre as categorias linguísticas e as categorias sociodemográficas, como já citado anteriormente. As primeiras são endereçadas a Labov (1966), quando ele abordou a estratificação do inglês nas lojas de Nova York por meio da observação do /r/ pós-vocálico, que variava conforme o *status* da loja, como elas atuavam no comércio e o cargo que o falante ocupava. Em sua coleta de dados, obteve 68 entrevistas na Saks, 125 na Macy's e 71 na Klein, um total de 6h30 de gravações e 264 falantes.

Com esses dados, Labov (1966) quantificou e analisou as ocorrências do /r/, correlacionando-as com fatores extralinguísticos, como classe social, contexto de fala e formalidade da situação comunicativa. O tratamento estatístico é amplamente empregado nesse

estudo, pois busca demonstrar padrões sistemáticos de variação linguística, evidenciando que a escolha de determinadas formas linguísticas não ocorre de maneira aleatória, mas sim de acordo com certas variáveis.

Na segunda Onda, há a presença de categorias etnográficas nos estudos e relacionam com as redes sociais dos falantes, tratando certos traços linguísticos como marca de identidade. Eckert (2012) realizou um estudo com estudantes do ensino médio de uma escola suburbana de Detroit, de maioria branca. Nessa unidade, conviviam grupos opostos: estudantes de classe média – os *jocks* – e o estudantes de classe menos favorecida – os *burnouts*. Ambos os grupos possuíam suas formas particulares de socialização, comportamento e uso da língua que provinham de suas redes e identidades sociais.

A pesquisadora observou que certos traços linguísticos regredem quando a diferença econômica se sobressai, isto é, ao passo que a estratificação social se torna mais evidente, a adoção de variantes linguísticas associadas ao grupo de menor prestígio tende a diminuir, devido à pressão social.

Na terceira Onda, a ênfase recai na prática estilística da variação, compreendendo o papel do falante e as atividades que ele desenvolve nas suas redes sociais. Eckert (2012) traz a noção de significado social da variação atrelado a fatores sociais nas comunidades de práticas, “um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum” (Eckert e McConnell-Ginet, 2010, p. 102). Dessa forma, a autora traz as variáveis como sinalizadoras de posições e características, assim como coloca o estilo como colaboradora para a construção da identidade do falante.

A pesquisa de Ribeiro (2023) exemplifica e representa essa fase nesse trabalho. O autor pesquisou a variação estilística na fala do imigrante haitiano, residente na cidade de Aparecida de Goiânia, região metropolitana de Goiânia, estado de Goiás. Os imigrantes fazem parte de uma comunidade de prática cristã que usam o lambdacismo – troca da consoante rótica /r/ pela consoante lateral /l/ - na fala, como acontece em *Brasil* > *Blasil*.

O pesquisador adotou a investigação participante como parte dos procedimentos metodológicos, com o objetivo de analisar o fenômeno linguístico em seu contexto natural. Para isso, interagiu diretamente com os membros da comunidade de práticas, envolvendo-se nos cultos e nas dinâmicas sociais do grupo. Com um dos resultados, Ribeiro (2023) percebeu que o significado social do lambdacismo estava associado às questões afetivas e culturais que os participantes tentavam manter com a terra natal.

A presente pesquisa se enquadra nos estudos de Primeira Onda, pois correlaciona os aspectos linguísticos e extralinguísticos e adota o trato quantitativo/estatístico como método

para explicar os resultados alcançados. Não nos apegaremos a recortes etnográficos, como propõe as premissas da Segunda e Terceira Onda.

Dessa forma, como já dito outrora, o presente estudo da língua em sua heterogeneidade, mais especificamente. Ao analisar uma comunidade, por exemplo, nos depararemos com uma gama de variantes linguísticas<sup>5</sup> de /R/ em coda silábica

[...] em faltar nenhuma, a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente *heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução*. Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, uma fazer-se permanente e nunca concluído (Bagno, 2007, p. 36, *grifos do autor*).

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006), a heterogeneidade da língua não é defeito, mas uma característica primordial para seu funcionamento, pois a variação é inerente à língua e evidencia as interações entre os aspectos sociais, culturais e históricos de uma comunidade. Além disso, tentam explicar que, por mais a língua mude, a sociedade continua se comunicando.

O caráter heterogêneo dos sistemas linguísticos [...] é produto de combinações, alternâncias ou mosaicos de subsistemas distintos, conjuntamente disponíveis. Cada um desses subsistemas é concebido como um corpo coerente e integral de regras do tipo categórico, neogramático: o único aparato teórico adicional necessário é um conjunto de regras que afirmem as condições para a alternância. (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p 103).

No excerto acima, Weinreich, Labov e Herzog (2006) além de trazer mais uma definição sobre a heterogeneidade da língua comentam sobre a organização da língua. Assim, por mais que a língua seja heterogênea, há uma certa regularidade e presença de padrões de uso. Assim, percebe-se que, embora variável, a língua consegue ter uma organização subjacente.

Nesse contexto, quando se trata de variação linguística, é fundamental pensar em como ela poder ser compreendida. Há duas dimensões: a interna e a externa. A primeira diz respeito à variabilidade nos níveis fonético-fonológico – onde se insere nosso trabalho, pois tratamos das variantes das consoantes róticas – lexicais, morfológicos, sintático, discursivo, dentre outros. A segunda pode acontecer socialmente (diastrática) quando há um recorte de sexo/gênero, faixa etária, escolaridade, nível socioeconômico; também regionalmente (diatópica), quando se trata da origem do falante ou do ponto de vista estilístico (diafásica), quando nos adequamos às situações.

---

<sup>5</sup> “Variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”. (Tarallo, 2002, p. 8)

Em seu estudo com um conjunto de cidades metropolitanas de Porto Alegre (RS), Ricardo (2022) aponta que o /r/ retroflexo apareceu somente em 10,7% dos dados analisados, demonstrando um status, ainda, periférico da variante. Esses dados sofreram pressões da dimensão externa, na qual os fatores sociais como sexo, gênero e escolaridade contribuíram para esses resultados.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006), a mudança linguística é o processo pelo qual as línguas se transformam/evoluem ao longo do tempo – outrora, no estruturalismo, cunhado como processo diacrônico – em vários níveis: fonético-fonológico, morfológico, sintático, lexical, semântico. Essas transformações não acontecem repentinamente. Há um processo gradual e levando em conta os acontecimentos da comunidade de fala, uma vez que “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (Labov, 2008, p. 21).

Um exemplo clássico e representativo da mudança linguística é a transformação do pronome de tratamento “você” na sociedade. Abaixo, um esquema explica a mudança que ocorreu com esse pronome, advindo de pressões sociais e culturais. Bernardes (2020) realizou um estudo de variação e de mudança linguística desse pronome na cidade de Goiás, mostrando como acontece e os fatores ligados a ele. Nascentes (1956) faz um estudo diacrônico sobre o pronome *você*, analisando sua origem a partir da forma de tratamento *Vossa Mercê* e sua progressiva redução fonética ao longo do tempo. O esquema abaixo é representação dessa mudança.

Quadro 1: mudança linguística do pronome você

<i>Vossa mercê</i> > <i>vossemecê</i> > <i>vosmecê</i> > <i>vosm'cê</i> > <i>voscê</i> > <i>você</i> > <i>ocê</i> > <i>cê</i>
---

Fonte: Nascentes (1956)

Ao estudar esse fenômeno, Bernardes (2020) mostrou em sua pesquisa que o uso da forma reduzida *cê* é mais frequente, sobretudo pelos falantes mais jovens e que essa variação já pode estar em processo de mudança linguística na cidade.

A pesquisadora corrobora Tarallo (2002, p. 63), ao advogar que “nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação. Mudança é variação”. Assim, a mudança e variação estão imbricados.

Nessa esteira, para dar contornos para a teoria da mudança linguística e encontrar respostas, o pesquisador, conforme, Weinreich, Labov e Herzog (2006), precisa considerar a descrição de dados empíricos, “fontes necessárias para se confirmar que as possibilidades de diferenciação das formas em variação estão descritas ordenadamente na língua” (Coelho *et al*, 2012, p. 95). Dessa forma, os autores propõem cinco problemas a serem resolvidos e/ou princípios que fundamentam a mudança linguística em curso.

O primeiro, segundo os autores, é o problema de restrição ou fatores condicionantes que diz respeito às quais mudanças possíveis assim como suas condições, sejam internas ou externas. Para traçar essa análise, o pesquisador precisa fazer um levantamento dos elementos linguísticos (internos), frequentes ou não, da nova forma. Já nas condições externas, verificar quais fatores extralinguísticos controlam a mudança.

Sugerimos que um possível objetivo para uma teoria da mudança linguística é determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança; na medida em que tal programa deriva de um estudo minucioso de mudanças em progresso, acreditamos que é possível avançar. (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 121).

O segundo é o problema do encaixamento, ou seja, como a mudança linguística será enquadrada na estrutura linguística e social, com o objetivo de verificar como se implementaria ou não a mudança, definitivamente. Nessa, também há de se contar com os fatores tanto extra quanto intralinguísticos, assim como na primeira questão, pois é essencial para a Sociolinguística, já que “o principal caminho para a solução está na descoberta das correlações entre os elementos do sistema linguístico e entre esses elementos e o sistema não-linguístico de comportamento social” (Labov (2008[1972]), p. 193).

Na sequência, o terceiro é o problema da transição, que diz respeito à observação do processo de mudança, verificando as etapas que o fenômeno linguístico atravessa. É importante lembrar que a mudança não acontece de forma rápida, mas de forma gradual e não discreta (Faraco, 2005) e contando com a variação linguística. Nesse contexto, ao analisar, conseguimos identificar, por exemplo, quais são os fatores sociais que mais condicionam a mudança.

O quarto problema é a avaliação dos falantes, isto é, como os falantes recebem e avaliam a mudança em curso. Coelho (*et al*, 2012, p. 103) propõe a investigação de “como as mudanças observadas podem ser avaliadas em termos de seus efeitos sobre a estrutura linguística, sobre a eficiência comunicativa (carga funcional) e na ampla gama de fatores não linguísticos envolvidos na fala.” Com isso, por meio da avaliação, pode-se perceber se a mudança será

acelerada, demorada ou até interrompida, pois, quem participa ativamente no processo possui um papel fundamental da aceitação da mudança.

Por último, o problema da implementação, que reside na compreensão dos motivos que levaram a mudança a acontecer, tanto em alguns lugares ou em momentos (ou não). Dessa forma, vê-se a “completação da mudança e a passagem da variável para o status de uma constante se fazem acompanhar da perda de qualquer significação social do traço (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 121). Ao passar por essas cinco questões que pavimentam a teoria da mudança linguística, percebe-se a sistematicidade da teoria, ainda que estejamos tratando de uma heterogeneidade linguística, ou seja, não acontece de forma aleatória. Nesse contexto:

Sugere-se que uma mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala. [...] Uma vez que a mudança linguística está encaixada na estrutura linguística, ela é gradativamente generalizada a outros elementos do sistema. Tal generalização não tem nada de instantânea, e a mudança na estrutura social da comunidade normalmente intervém antes que o processo se complete. [...] Por fim, a completção da mudança e a passagem da variável para o status de uma constante se fazem acompanhar da perda de qualquer significação social que o traço possuía (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 121).

Trazendo as discussões para o contexto brasileiro, Freitag (2016), em *Sociolinguística no/do Brasil*, investiga as origens dessa área de estudo. A autora estabelece dois paralelos: a Sociolinguística Laboviana, fundamentada nas obras *The Social Stratification of English in New York City* e *Language in the Inner City*, ao abordar os caminhos teóricos e metodológicos de Labov; e a Sociolinguística no Brasil, cuja gênese está “vinculada à sua operacionalização em bancos de dados linguísticos” (Freitag, 2016, p. 452).

Diferentemente da Sociolinguística norte-americana, a Sociolinguística brasileira começa a tomar contornos por conta dos bancos de dados linguísticos das comunidades de falas, como o Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil (Varsul), composto por entrevistas estratificadas conforme categorias sociodemográficas e que seguiu, como aponta Freitag (2016), o modelo do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (Peul)<sup>6</sup> do Projeto Censo da Variação Linguística do Estado do Rio de Janeiro, liderado por Anthony Julius Naro.

Naro foi um importante nome que contribuiu para a consolidação da Sociolinguística Variacionista no Brasil enquanto teoria linguística. Ao liderar o Peul, seu objetivo era estudar

---

<sup>6</sup> O Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (Peul) existe há mais de quarenta anos e possui sede na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente, conta com pesquisadores da própria universidade e também de outros centros. No site do programa, há bancos de dados com amostras de falas construídos pelos pesquisadores ao longo desses anos: <https://peul.letras.ufrj.br/in%C3%ADcio>.

a variação e mudança linguística do português falado no Rio de Janeiro seguindo os pressupostos teóricos e metodológicos da teoria norte-americana e, com isso, contribuiu para a criação e expansão de diversas pesquisas pelo país.

Dessa forma, percebe-se que a construção de bancos de dados de falas foi mais relevante que a própria teoria em si, ou seja, os procedimentos metodológicos da Teoria da Variação fizeram a Sociolinguística chegar ao Brasil. Depois disso, os centros de pesquisas perceberam que há mais possibilidades – aqui se insere os estudos sobre os diferentes enfoques da sociolinguística, tendo como base o que apregoa suas ondas (Gomes de Oliveira; Majolo Rockenbach; Gutierrez, 2022) – e com mais foco nas abordagens sociais.

Em Goiás, as pesquisas em Sociolinguística ainda engatinham. Há poucos trabalhos que se dedicam à descrição e análise da fala goiana, principalmente se comparado à profusão de pesquisas dos estados da região Sul. O principal empreendimento acadêmico dessa região é o projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), que reúne banco dados e produção científica da fala sulista, tendo colaboração de quatro universidades brasileiras<sup>7</sup> que estudam a diversidade linguística da região.

Por outro lado, esforços têm sido empreendidos para inserir o estado de Goiás no mapeamento sociolinguístico brasileiro a Goiás no que tange às pesquisas sociolinguísticas. Nesse sentido, é importante destacar as pesquisas desenvolvidas na Universidade Estadual de Goiás (UEG) e na Universidade Federal de Goiás (UFG). Na UEG, esses trabalhos abrangeram uma diversidade de focos e corpora, investigando desde fenômenos fonético-fonológicos até morfológicos. Além da Sociolinguística Variacionista, contemplaram a Sociolinguística Educacional e abordagens alinhadas aos estudos etnográficos. Essas pesquisas integram o *Sociolinco*, grupo de pesquisa Sociolinguístico Coralina. Com isso, essa pesquisa se insere nesse contexto, em contribuir para o arcabouço sociolinguístico goiano, por isso, a necessidade de mapear o /r/, buscando compreender quais são os traços particulares que definem a fala goiana e contribuir para a construção de sua identidade linguística, e o /R/ em coda é uma importante marca de identidade.

Assim, a teoria da variação ocupa um espaço especial no ramo da linguística, pois analisa não somente as categorias linguísticas de forma isolada, o que dá liberdade para muitas pesquisas aparecerem e correlacionar a língua com o trato social, revelando outras dinâmicas identitárias.

---

<sup>7</sup> São as universidades: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Paraná (UFPR).

### 1.3 A variação fonético-fonológica

Como mencionado na seção anterior, a variação linguística pode ser compreendida em duas dimensões: interna e externa. Na dimensão interna, a variação ocorre em níveis como o fonético-fonológico, morfológico, sintático, lexical, discursivo, entre outros. Nesta seção, focaremos na variação no nível fonético-fonológico, uma vez que o objetivo principal deste trabalho está centrado na análise das mudanças e variações que ocorrem nesse âmbito, destacando suas implicações para a compreensão da língua em uso.

A fonética e fonologia são dois grupos de estudos da linguística. Ambas estudam e descrevem como os seres humanos ouvem e produzem os sons da fala. A diferença delas está no enfoque: enquanto a fonética estuda os sons (fones) pelo viés físico e articulatório, ou seja, como são produzidos e ouvidos; a fonologia trata das funções desses sons no sistema linguístico, como são organizados e como colaboram para a produção de significados. Callou e Leite (1990, p. 11) fazem uma distinção clássica:

Assim, à fonética cabe descrever os sons da linguagem e analisar suas particularidades articulatórias, acústicas e perceptivas. À fonologia cabe estudar as diferenças fônicas intencionais, distintivas, isto é, que se vinculam a diferenças de significação, estabelecer como se relacionam entre si os elementos de diferenciação e quais as condições em que se combinam uns com os outros para formar morfemas, palavras e frases.

Ainda que cada uma tenha uma definição e conjunto de características, elas são interdependentes, uma vez que para fazer um estudo sociolinguístico, por exemplo, é necessário trazer à baila essas duas áreas. Foi nesse campo, da fonética e da fonologia, que os estudos de Labov (2008[1972]) surgiram e se frutificaram na década de 1960, tanto na pesquisa dos falantes da ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts, quando nas lojas de departamento em Nova York.

No quadro abaixo, na visão de Cristóvão Silva (2016), trago exemplos dos sons de /r/ no português brasileiro para delinear essa distinção e, na sequência, discussão sobre os pontos fonéticos e fonológicos desses sons.

Figura 1: Os róticos no Português Brasileiro

Fricativa	Dental	Alveolar	Retroflexa	Velar	Uvular	Glotal
desv				X	χ	h
voz				ɣ	ʁ	ɦ
Tepe	ɾ					
Vibrante	ɾ					
Aproximante		ɻ	ɻ̠			

Fonte: Silva, 2008 (In: Silva, 2016, p. 25).

Estão distribuídas acima as diferentes representações do /r/ no Português Brasileiro, de acordo com seus aspectos fonéticos, assim como os pontos de articulação (dental, alveolar, retroflexa, vela, uvular e glotal). Além disso, há também como se realizam (tepe, vibrante e aproximante). Toda essa descrição física (símbolos grafados) e articulatórias é responsabilidade da fonética, o que gera diferenciação na realização dos sons.

Para a Fonologia, fica a incumbência de tratar esses sons como traços distintivos que têm funções no sistema linguístico, colaborando para construção e diferenciação de significados. Em um exemplo simples, como “caro” (realizado como tepe) e “carro” (realizado como fricativa), temos fonemas diferentes, ao mesmo tempo que podem variar, dependendo da região do falante.

Nessa pesquisa abordamos a existência de duas variantes de /r/ na cidade de Goiás, a retroflexa e a aspirada, cada uma delas carrega significados sociais que transbordam as funções linguísticas, colaborando para a construção de uma identidade regional. Essa variação fonético-fonológica proporciona para os estudos sociolinguísticos possibilidades para compreender como os aspectos sociais influenciam na realização dos sons da fala.

Alguns autores nomearam esse nível de variação como sociofonética (Foulkes *et al*, 2010), (Baranowski, 2013), que integra a Sociolinguística com a Fonética. Mesmo sem receber tal nome, a Sociolinguística já utilizava dos mecanismos da fonética e da fonologia nas suas pesquisas. Foulkes *et al* (2010, p. 703) conceituam<sup>8</sup>:

Em termos gerais, a sociofonética envolve a integração dos princípios, técnicas e referenciais teóricos da fonética com os da sociolinguística. No entanto, há uma

<sup>8</sup> Trecho encontrado na obra *The Handbook of Phonetic Sciences (second edition)*. Segue o trecho na língua de origem: “in general terms, sociophonetics involves the integration of the principles, techniques, and theoretical frameworks of phonetics with those of sociolinguistics. However, there has been considerable variation both in the usage of the term and the definition of the field, so that sociophonetic research may orient more towards the concerns of sociolinguists on the one hand or phoneticians on the other” (Foulkes *et al*, 2010, p. 703).

variação considerável tanto no uso do termo quanto na definição do campo, de modo que as pesquisas em sociofonética podem se orientar mais para as questões dos sociolinguistas, por um lado, ou dos foneticistas, por outro. (Tradução nossa).

De acordo com excerto, há um limiar entre as pesquisas sociolinguísticas e as Sociofonética, de acordo com os parâmetros que o pesquisador adotar. Não é nosso interesse focar nessa diferenciação, mas em mostrar que a uma faz parte da outra, em alguma medida. Talvez o motivo para demarcar a área em um novo termo seja dar mais destaques aos estudos que envolvem o nível fonético-fonológico.

Conforme os estudos de Baranowski (2013), em seu texto *Sociophonetics*, o conceito de sociofonética, enfatizando que qualquer estudo que traga a fonética como técnica instrumental no seu bojo pode receber essa nomenclatura. Além disso, reconhece a sociofonética como “uma ferramenta que contribui para a compreensão da natureza da variação e mudança linguística” (Baranowski, 2013, p. 405, tradução nossa)<sup>9</sup>. Nesse sentido, a fonética se torna fundamental para a análise dos aspectos sonoros da linguagem em contextos sociolinguísticos, trazendo luz para as características da fala, contribuindo para a investigação sobre a identidade linguística de uma região.

Os estudos Labov (2008[1972]) já demonstravam a relação entre as variações fonético-fonológicas com as categorias sociais, como já mencionado. Pode ser plausível dizer que a sociofonética teve parte de sua origem também em Labov. Há um trecho em que Baranowski (2013, p. 405) também afirma isso:

The foundations of what is referred to as sociophonetics today were laid by Labov Yeager and Steiner [LYS] (1972) in their seminal study of variation and change in American English vowels; the term sociophonetics has until recently been largely associated with acoustic vowel analysis.<sup>10</sup>

Assim, o nível fonético-fonológico oferece muitos subsídios para as pesquisas em sociolinguística. É a partir dele que conseguimos explicar diversos fenômenos de variação linguística no que tange aos sons da fala. Ainda que não seja nosso foco descrever todas as variantes de /r/ encontradas na comunidade de fala de Goiás, utilizamos a fonética e fonologia como ponto de partida para construir a pesquisa.

<sup>9</sup> Segue o trecho na língua de origem, conforme texto original: “contributing to our understanding of the nature of language variation and change” (Baranowski, 2013, p. 405).

<sup>10</sup> Nessa ocasião, optamos por deixar o trecho original. Na sequência, a tradução: “Os fundamentos do que hoje é conhecido como sociofonética foram estabelecidos por Labov, Yeager e Steiner [LYS] (1972) em seu estudo seminal sobre variação e mudança nas vogais do inglês americano; até recentemente, o termo sociofonética estava amplamente associado à análise acústica de vogais.”

### 1.3.1. Os róticos no Português

A alternância entre as variantes de rótico em coda silábica é um fenômeno recorrente em todas as variedades do Português. Nesse sentido, é importante compreender as especificidades do PB e, para isso, esta subseção dedica-se a escrever como essas variantes ocorrem no Português Europeu e no Português Africano, com base nos estudos de Martins e Rennieke (2013) e Boaventura e Cantoni (2024).

Utilizando dados do Acervo Dialetal do Centro de Linguística da Universidade do Porto, composto por 70 amostras de fala espontânea, Martins e Rennieke (2013) descrevem as variantes de /r/ no Português Europeu – por eles denominado como PE. Os autores não utilizam os fatores sociolinguísticos para analisar a distribuição das variantes, concentrando-se principalmente em aspectos fonéticos e fonológicos, para explicar como esses sons são tratados nessa língua.

A análise foi realizada com 55 dessas amostras, todas contendo alguma variante rótica e provenientes de participantes de diferentes regiões de Portugal. Além disso, dividiram as análises em dimensões individuais e geográficas, afim de verificar se havia regularidades ou não. Na tabela abaixo, constam as variantes de /r/ encontradas e a porcentagem de ocorrência verificada pelos pesquisadores em nível geral. Houve participantes que utilizaram mais de uma variante, portanto, também está representado na tabela, participando de mais de uma porcentagem.

Tabela 1: Variantes no PE encontradas por Martins e Rennieke (2013)

<b>Variante de /R/</b>	<b>Número de falantes</b>	<b>Percentuais</b>
Fricativa uvular sonora [ʀ]	42/55	76%
Fricativa uvular surda [χ]	13/55	24%
Fricativa velar surda [x]	9/55	16%
Vibrante alveolar [r]	6/55	11%
Vibrante uvular [ʀ]	6/55	11%

Fonte: Adaptado de Martins e Rennieke (2013)

Com base na descrição dos dados apresentados na tabela, os pesquisadores identificaram cinco variantes de /r/ no PE e constataram que a fricativa uvular sonora [ʀ] é a mais frequente, ocorrendo em 42 dos 55 casos analisados (76%), seguida da Fricativa uvular surda [χ] com 13 dos 55 casos (24%). Além disso, os dados revelaram que as vibrantes alveolares [r] e uvulares [ʀ] parecem estar em processo de desaparecimento, por conta da incidência nas ocorrências,

ambas com 11%. Com esses resultados, Martins e Rennieke (2013, p. 513) confirmam o que outros pesquisados encontraram em pesquisas anteriores.

A fricativa uvular sonora [ʁ] é a variante mais usada, o que suporta a intuição de Mateus e d'Andrade (2000) acerca da dominância de [ʁ] em Lisboa. Os dados do nosso corpus parecem indicar que também é dominante noutras regiões do país. A afirmação de Jesus e Shadle (2005) acerca de [ʁ] e [χ] serem aparentemente mais comuns do que antes se julgava ganha também sustentação à luz dos nossos dados. A realização [r] parece estar, de facto, a perder-se, tendo, a par de [ʁ], o menor número de falantes no nosso corpus.

Partindo para a dimensão individual, os pesquisadores observaram que houve participantes que realizaram duas variantes. Metade dos falantes utilizaram pelo menos três combinações desses sons, mas uma delas ainda era fricativa uvular sonora [ʁ], sendo distribuídas em: [ʁ] (47%), [χ] + [ʁ] (11%), e [x] + [ʁ] (7%). Dessa forma, Martins e Rennieke (2013) observaram que sempre a fricativa uvular estava presente e que, em nenhum momento, aconteceu a realização de três alofones de /r/ por um mesmo participante, ou seja, utilizaram um ou dois sons róticos.

Além dessas variantes, os autores abordam a predominância do tepe em posição de coda, sobretudo em coda final, evidenciando um padrão de realização que pode estar associado a fatores fonológicos, como a neutralização das distinções entre róticos em final de palavra. Mais tarde, verificaremos a mesma saliência no Português Africano (PA), o que aproxima essas duas variedades de português.

No que diz respeito à dimensão geográfica, verificaram também que a fricativa uvular estava em muitas regiões do país e a vibrante alveolar era encontrada no Norte e no Algarve. No centro do país parecem coexistir duas variantes: vibrante alveolar e uvular. Para complementar tais descrições, os pesquisadores produziram projeções cartográficas para ilustrar a distribuição.

Dessa forma, Martins e Rennieke (2013) esboçam que está acontecendo um processo de posteriorização dos sons róticos no PE, que teve início ainda no século XIX. Antes, as variantes mais encontradas eram a vibrante múltipla alveolar [r] e a vibrante múltipla uvular [ʁ], principalmente entre as pessoas mais velhas. Com isso, percebe-se que “embora a representação superficial dos róticos do PE seja divergente, a ligação histórica e alofônica entre eles ainda válida a sua inclusão na mesma classe fonológica de consoantes róticas” (Martins; Rennieke, 2013, p. 521).

Nos trabalhos de Boaventura e Cantoni (2024) sobre os róticos no continente africano, a saber, nos países onde o português é língua oficial – Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau,

Moçambique e São Tomé e Príncipe – se observa um comportamento um pouco diferente dos sons róticos, devido seu número reduzido decorrente do número limitado de falantes. Segundo os autores, isso ocorre porque o português é muito utilizado como segunda língua (L2), atrelado a contextos específicos, ainda que ela seja a língua oficial dos países.

Por meio de análise acústica, Boaventura e Cantoni (2024) analisaram a distribuição dos róticos no PA afim de descrever suas ocorrências e seus respectivos contextos (início de palavra, posição intervocálica, encontro consonantal, coda silábica seguida de consoante e coda final). Para isso, utilizaram o corpus da ELRA (European Language Resources Association) que contém 8h44min de entrevistas divididas em 86 gravações de falas em português não só do continente africano, mas brasileiro e europeu. Para seus estudos, foram utilizadas 18 gravações de falas espontâneas de falantes africanos coletadas no período de 1983 a 1997.

Aqui, interessa descrever os resultados encontrados nos contextos de coda seguida de consoante e coda final, como o intuito de relacionar com os dados do PB. Assim, Boaventura e Cantoni (2024) obtiveram dados expressivos no que diz respeito às ocorrências do tepe [r] com contraste com outras variantes. Ele aparece saliente em todos os contextos fonéticos, principalmente em coda silábica final, em que foi encontrada somente essa ocorrência nos cinco países africanos analisados. Na tabela abaixo, pode-se verificar a presença do tepe em todos os locais da sílaba no PA:

Quadro 2: Ocorrências do tepe em seus contextos

	<b>Início da sílaba</b>	<b>Intervocálico</b>	<b>Encontro consonantal</b>	<b>Coda s/ de consoante</b>	<b>Coda final</b>
Angola	8	189	193	128	57
Cabo Verde	12	158	115	97	20
Guiné-Bissau	10	63	52	36	19
Moçambique	12	84	86	55	41
São Tomé e Príncipe	9	84	63	30	12

Fonte: Boaventura e Cantoni (2024)

De acordo com a tabela, verifica-se a presença massiva do tepe nos contextos intervocálicos e em encontro consonantal. Para os autores, essa é uma ocorrência regular, pois “no PE e no PB também é observado o contraste de róticos em contexto intervocálico, com exclusividade do tepe como manifestação do R-fraco” (Boaventura & Cantoni, 2024, p. 160). O que chama a atenção, portanto, é que a realização do tepe em posição de coda, especialmente em coda final, em outras variedades do Português, pode ocorrer uma maior gama de variantes,

incluindo a presença do rótico retroflexo ou apagamento, como é o caso do PB. Esse padrão sugere um alinhamento particular do PA com o PE, diferenciando-o do PB em termos de estabilidade e distribuição dos róticos.

Outras variantes foram encontradas, mas em menor proporção. Em coda seguida de consoante (coda interna) houve apenas a presença da fricativa velar em Cabo Verde e três ocorrências de retroflexo em São Tomé e Príncipe, pelo mesmo falante e na mesma palavra. Já em coda final, como já dito, o tepe prevaleceu, mas houve um caso de apagamento do rótico em final de palavra nos verbos, também em São Tomé e Príncipe.

Dessa forma, “a ocorrência do tepe em todas os contextos fonológicos é um resultado importante, que pode ser interpretado como uma consequência da instabilidade dos róticos e, possivelmente, um indício de mudança para um sistema de um único rótico nessas variedades.” Boaventura e Cantoni (2024, p. 161). Desse modo, o fenômeno pode estar relacionado a processos de contato entre variedades dialetais e até mesmo a influências sociolinguísticas que favorecem a simplificação do sistema de róticos. No capítulo 2, serão abordadas as variantes de rótico em coda silábica no PB, com ênfase na variedade goiana.

#### 1.4 Comunidade de fala

Ao longo desse trabalho, a expressão “comunidade de fala” tem sido muito utilizada. No entanto, não foi feita, até agora, uma definição. Por isso, o objetivo desse tópico é explicar e tentar delimitar esse conceito e abordar a importância de tal para os estudos sociolinguísticos, sobretudo, nas pesquisas Labovianas.

Conforme Patrick (2002), qualquer área da linguística que trabalha com amostras de falas que representam uma porção de população e que liga falantes individuais a um grupo social, trabalha com a noção de comunidade de fala. Ele reconhece que é uma expressão que pode ter muitas definições, por isso não há um consenso entre os sociolinguistas. O autor ainda diz que o termo pode ser usado para diferentes agrupamentos urbanos, rurais e até temporários.

Por não possuir uma definição precisa, Patrick (2002) traça um panorama teórico do termo, relacionando-o aos estudos linguísticos e às contribuições de outros pesquisadores. Apesar das divergências conceituais, ele destaca a importância da comunidade de fala como um conceito central na Sociolinguística. Nesse bojo, reconhece que o termo já foi utilizado para se referir a grupos variados, desde cidade inteiras (Philadelphia, nos estudos de Labov, 1989) a subgrupos específicos (falantes de Belfast, Milroy e Margrain, 1980).

O autor tenta encontrar um ponto de intersecção entre as abordagens teóricas, debatendo entre o consenso de que a comunidade de fala possui normas compartilhadas e a abordagem de conflito, que enfatiza a diversidade e a competição entre diferentes grupos linguísticos. Ele argumenta que os falantes interagem de maneira dinâmica, negociando e redefinindo continuamente as normas linguísticas dentro de seus contextos sociais. Dessa forma, ele cita os modelos variacionistas de Labov, que propõe normas linguísticas compartilhadas e organização.

De modo abrangente, Vanin (2009) explica que a expressão denota um grupo de falantes que compartilham características linguísticas e que vivem numa mesma região. Por outro lado, com a evolução das pesquisas (sócio) linguísticas, cada teórico adotou uma conceituação com vistas a tentar situar esse grupo de falantes e, para isso, partiram de dois pontos de vistas: a noção do falante enquanto indivíduo, dotado de características e relações; e a noção de comunidade, sendo uma forma de agrupamento desses indivíduos, trazendo uma uniformidade.

Conforme Severo (2008, p. 1), “os indivíduos não são iguais (tendem a ter avaliações diferentes sobre a língua), já que circulam por uma variedade de esferas e grupos sociais (o que favorece a diversidade de atitudes sobre a língua)”, pois cada um pode se manifestar linguisticamente de forma de diferente e de acordo com seus pares. Dessa forma, pensar em uma comunidade da fala homogênea – mas sim heterogênea – não seria o ponto.

Pensar em uma comunidade de fala heterogênea não significa afirmar que ela não possui regras internas. Pelo contrário, mesmo diante da diversidade linguística, a comunidade se mantém organizada por meio de normas sociais compartilhadas entre seus membros, como pontuava Patrick (2002). Esse equilíbrio entre variação e regularidade é um dos aspectos centrais da Sociolinguística e pode ser observado na cidade de Goiás, cuja comunidade de fala reflete tanto elementos históricos e sociais. Goiás se insere nesse conceito, pois abriga uma diversidade de falantes que, apesar das variações linguísticas presentes, compartilham normas que garantem a interação.

Uma Comunidade de Fala (SpCom) é definida em termos funcionalistas como um sistema de diversidade organizada, mantido por normas e aspirações comuns... Os membros de tal comunidade geralmente variam em relação a certas crenças e outros aspectos do comportamento. Essa variação, que pode parecer irregular quando observada no nível individual, ainda assim revela regularidades sistemáticas no nível estatístico dos fatos sociais (Gumperz, 1982, p. 24).<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Citação na língua de origem: A SpCom is defined in functionalist terms as a system of organized diversity held together by common norms and aspirations... Members of such a community typically vary with respect to certain beliefs and other aspects of behavior. Such variation, which seems irregular when observed at the level of the individual, nonetheless shows systematic regularities at the statistical level of social facts. (Gumperz, 1982, p. 24)

Em outra via, Labov (2008[1972]) advoga que a comunidade é o agrupamento de falantes que compartilham normas e atitudes sociais (Vanin, 2009) em relação à língua, ou seja, são as características sociais que estão a favor da língua e não o contrário. Com isso, o foco é a comunidade não o falante de maneira isolada.

A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos, e pela uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso (Labov, 2008 [1972], p. 120-121)

De acordo com excerto, percebe-se que o ponto de partida não é a língua em si, mas os fatores sociais compartilhados. Então, a ideia de Labov (2008), era pautada na uniformidade, ou seja, a comunidade de fala, enquanto conjunto de falantes, é homogênea, mas a língua continua sendo um sistema heterogêneo sujeita à variação. Severo (2008), não vê dessa forma.

Outros autores tentaram construir uma definição de comunidade de fala durante o percurso histórico da sociolinguística. Vanin (2009, p.148), ao citar Gumperz (1968) diz que “uma comunidade de fala é um grupo de falantes – não necessariamente de uma mesma língua – que compartilha um conjunto de normas e regras para o uso da língua”. Aqui percebemos apontamentos próximos de Labov principalmente no que diz respeito à centralidade da prática comunicativa e à interação social para a construção das normas linguísticas.

Já Figueroa (1994) afirma que o indivíduo está subordinado à comunidade e que, com isso, não há como perceber o comportamento linguístico de forma particular, pois isso seria indicado pelo grupo. A autora faz críticas às premissas de Labov sobre comunidade de fala, pois não verifica uma relação clara entre essas duas unidades: indivíduo e grupo social.

Em outra esteira, além de Severo (2008) apontar a heterogeneidade, também, da comunidade de fala, Romaine (1980) questiona se os membros dessa utilizam assumem o mesmo comportamento linguístico, criticando o que havia posto por Labov, já que as mudanças acontecem de maneira individual e não de forma coletiva no grupo social. Logo, percebe-se alguns pontos de intersecção em um apontamento teórico e outro, o que dificulta a chegada em um ponto comum. No entanto, Labov (2008[1972], p. 192) intensifica a discussão:

[...] Esperava-se que, ao nos concentrarmos sobre os julgamentos dos falantes nativos ao invés de sua fala real, muito desta variação poderia ser desviada. De certa forma, esta esperança justifica-se: membros de uma comunidade de fala compartilham um

conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando nós encontramos variação altamente estratificada na fala real.<sup>12</sup>

Nosso objetivo aqui não é determinar qual conceituação é a mais adequada, mas sim traçar um panorama dos diferentes conceitos formulados. No entanto, é fundamental destacar que a noção de *comunidade de fala* se estabelece como a unidade de estudo central na Sociolinguística Variacionista. Diferentemente das abordagens baseadas em *redes sociais* ou *comunidades de prática* – que serão abordadas a seguir – que enfatizam interações individuais e dinâmicas sociais específicas, a comunidade de fala permite uma análise mais ampla e sistemática das variações linguísticas dentro de um grupo social. Assim, não investigamos apenas os comportamentos linguísticos individuais nessa pesquisa, mas sim os padrões compartilhados por um conjunto de falantes inseridos em um contexto sociocultural comum — no caso, a cidade de Goiás.

Além do termo comunidade fala, usado primordialmente em pesquisas labovianas, há também, com a expansão das pesquisas sociolinguísticas, os conceitos de *redes sociais* e *comunidades de práticas*, que dão um novo olhar para a variação.

Denominam-se *redes sociais* o conjunto de vínculos que os falantes possuem dentro de um grupo social, ou seja, “teias de laços que se estendem, potencialmente, a toda a sociedade” (Battisti, 2014, p. 83). Esses laços dependem do nível do vínculo entre os indivíduos, podendo ser fortes, quando “conectam amigos e parentes” e fracas, “àqueles que conectam conhecidos” (Milroy, 2002, p. 550). A análise das redes sociais permite compreender como certas variantes se mantêm ou se propagam dentro de uma comunidade ou como elas se tornam particulares, além de contribuem para a mudança linguística.

O terceiro termo da tríade é *comunidade de práticas* que, assim como redes sociais, apresenta novas perspectivas para a variação linguística. Utilizada bastante nos estudos etnográficos, as comunidades de práticas são grupos de pessoas que compartilham alguma atividade ou interesses em comum. Por meio de uma interação, os membros desse grupo conseguem desenvolver práticas, normas e até uma identidade coletiva. Além disso, “a noção de que as variantes linguísticas alcançam significado por meio desses tipos de redes” (Vanin, 2009, p. 151), o que traz novas rumos para os estudos de variação linguística.

---

<sup>12</sup> Trecho original: ““It was hoped that, by concentrating upon the judgments of the native speaker rather than his actual speech, much of this variation could be bypassed. In some way, this hope is justified: members of a speech community do share a common set of normative patterns even when we find highly stratified variation in actual speech”.

Dessa forma, embora as abordagens de *redes sociais* e *comunidades de prática* sejam valiosas para compreender dinâmicas interacionais e identitárias no uso da linguagem, a perspectiva da *comunidade de fala* se mostra mais adequada para nossa investigação, já que permite observar a variação e a mudança linguística como fenômenos coletivos, analisando como os falantes compartilham normas e estruturas linguísticas na cidade de Goiás. A presente pesquisa explora a variação dos róticos em coda silábica observando categorias sociodemográficas, sem se ater de forma aprofundada no significado social da variação.

Assim, no próximo capítulo, realizaremos uma revisão de literatura sobre os sons róticos, explorando suas características fonéticas e fonológicas. Além disso, apresentaremos pesquisas que analisam essa variedade linguística em diferentes contextos, estabelecendo conexões com o conceito de comunidade de fala. Nosso objetivo é compreender como os sons róticos variam dentro de determinados grupos sociais e de que maneira esses estudos contribuem para a análise da variação linguística na cidade de Goiás.

## CAPÍTULO 2 – A VARIAÇÃO NO USO DOS RÓTICOS

Neste capítulo, abordaremos as características dos sons róticos por meio de uma revisão de literatura, analisando suas variações e os conceitos que os definem. Nosso objetivo é apresentar as possíveis variantes do /R/ de acordo com sua posição na sílaba, além de esclarecer seu estatuto fonético e fonológico no Português Brasileiro (PB).

### 2.1 Classificação e caracterização dos róticos

De acordo com Ladefoged e Maddieson (1996), as consoantes róticas são representadas ortograficamente pelo arquifonema /R/ e podem ser produzidas por diferentes modos de articulação, nas quais se destacam vibrantes, tepes, retroflexas, aproximantes, velares, uvulares e glotais, ao passo que são articulados em vários locais do aparelho fonador. Todos esses sons são agrupados em uma classe representado pelo grafema *r*, baseando na ótica da ortografia e gerando dificuldades pelo viés fonético-fonológico.

No entanto, alguns teóricos não concordam com essa definição dos autores, do ponto de vista ortográfico. Weise (2003) considera que há aspectos em comuns entre esses sons e possibilitam algumas generalizações:

- i. A posição em padrões fonotáticos nas línguas: os sons de *r* são elementos adjacentes às vogais no interior da sílaba. O padrão é: CrVrC, para qualquer língua possibilitando encontros consonantais;
- ii. Os róticos normalmente apresentam uma variante silábica, denominada rótico vocalizado ou vogal roticizada;
- iii. No interior de uma língua, geralmente os róticos de um tipo variam com os de outros tipos;
- iv. Se os róticos variam entre si, sua fonotaxe não se altera;
- v. Restrições fonológicas e outras generalizações, como as apresentadas de (1) a (4), podem fazer referência a /r/ sem fazer nenhuma referência a um tipo de /r/ mais específico. (Weise, 2003, p. 26, tradução nossa)<sup>13</sup>

O grupo dos róticos desperta vários questionamentos nas pesquisas fonológicas, principalmente devido à diversidade de segmentos inseridos no mesmo grupo. Por isso, se torna difícil caracterizar esse grupo de sons, dada a sua variabilidade nas línguas. De acordo com

---

<sup>13</sup> Segue o trecho na língua de origem: 1. The position in the phonotactic patterns of languages: r-sounds are vowel-adjacent elements in the syllable. The pattern is: CrVrC, for any language allowing consonantal clusters at all. – 2. r-sounds, while nonsyllabic consonants in general, often have a syllabic variant, alternatively called a vocalized r or a rhotacized vowel. – 3. Whithin a language, rhotics of one type (synchronically or diachronically). – 4. If rhotics alternate with each other in this way, the phonotactics or these r-sounds does not change. – 5. Phonological constraints on /r/ and other generalizations such as those in 1 to 4 above can refer to /r/ without any reference to the more specific type of /r/ in question. (WEISE, 2003, p. 26)

Maddieson (1984), os róticos são comuns, sendo que 76% das línguas do mundo descritas possuem esse tipo de consoante, mas em apenas 18% delas apresentam variações. Isso significa que haverá contrastividade, dependendo do local onde ele estará. Na imagem abaixo, há a distribuição dos róticos das línguas segundo os autores.

Figura 2: Exemplos e símbolos fonéticos de algumas consoantes róticas

DEFINITION	SYMBOL
VOICED DENTAL OR ALVEOLAR TRILL	ʀ
VOICED DENTAL OR ALVEOLAR TAP OR FLAP	ɾ
VOICED DENTAL OR ALVEOLAR APPROXIMANT	ɹ
VOICED POST-ALVEOLAR FLAP	ɽ
VOICED POST-ALVEOLAR APPROXIMANT	ɻ
VOICED UVULAR TRILL	ʁ
VOICED UVULAR APPROXIMANT	ʀ̥
VOICED DENTAL OR ALVEOLAR LATERAL FLAP	ɽ̥

Fonte: Ladefoged e Maddieson (1996).

Do mesmo modo, essa complexidade fonológica em agrupar em um mesmo grupo com traços semelhantes faz com que os róticos sejam alvo de diversos estudos, devido sua variabilidade. No PB, as pesquisas de Amadeu Amaral (1976), Monaretto (1997, 2000, 2002), Callou, Leite e Moraes (1996), Cristófaró Silva (2003), Ricardo (2022) dentre outros deram robustez ao campo desse estudo sociolinguístico, salientando marcas identitárias e geográficas.

No Português Brasileiro (PB), as consoantes róticas apresentam um comportamento bastante variado, manifestando-se em diferentes realizações fonéticas e fonológicas dependendo da posição na sílaba, do dialeto e de fatores socio(linguísticos). Essa diversidade tem sido objeto de diversas pesquisas em diferentes regiões do país, visando compreender suas variações e condicionantes sociais e linguísticos.

Câmara Jr (1953) talvez tenha sido um dos primeiros teóricos a tentar explicar o funcionamento dos róticos no PB. Nos seus primeiros estudos, ele apontou a existência de somente um fonema rótico, que é o “*r forte*” em início de palavra ou em posição de coda.

No entanto, com o avançar das análises, quando se observava a posição intervocálica, verificava que havia outra possibilidade. Para isso, Câmara Jr (1953) adotou o contraste entre consoante geminada, quando há dobra dos sons de /r/ (por exemplo, em *carro*) e não geminada, quando não acontece essa dobra (como em *caro*), para explicar como se comportava esses róticos. Assim, observou que, acontece o “*r forte*” em contextos geminados e um “*r fraco*” em

contexto não geminados, na posição intervocálica. A partir disso, Camara Jr (1970), passou a abordar a existência de dois fonemas róticos no PB: o “r forte” e o “r fraco”.

Já nas vibrantes a língua vibra, quer num só golpe junto aos dentes superiores, para /r'/ brando, quer, para o /r/ forte, em golpes múltiplos junto aos dentes superiores, ou em vibrações da parte dorsal junto ao véu palatino, ou em vez da língua há a vibração da úvula, ou se dá além do fundo da boca propriamente dita uma fricção faríngea. (Camara Jr, 1970, p. 48).

Há contextos fonéticos que podem acontecer os dois e outros, que só um deles é possível, devido às restrições fonológicas da língua. O "r forte" ocorre em posição inicial de palavra e em contextos de reforço articulatório, como em "rua" e "carro", enquanto o "r fraco" aparece em posição intervocálica, como em "caro" e "para". Essas variações são influenciadas por fatores fonológicos, dialetais e até sociais, sendo um fenômeno relevante para os estudos sociolinguísticos no Brasil.

Com base nisso, as abordagens a respeito dos sons róticos no Brasil giram em torno da existência de um ou dois sons róticos. Monaretto (1997), Abaurre e Sandalo (2003), Mateus (2006) defendem a ideia que exista somente um rótico, já Cristófarro Silva (2003), Massini-Cagliari, Cagliari e Redenbarger (2016) apontam a existência de dois fonemas.

Na sua tese de doutorado, Monaretto (1997) seguiu a primeira premissa de Camara Jr (1953), apontando para a ideia que só há um fonema rótico. Notadamente, como sua pesquisa envolvia banco de dados de participantes da região sul do Brasil, verificou o predomínio da variante tepe em seus dados, sendo a “forma preferida na fala da Região Sul do Brasil e que tem o contexto mais amplo de aplicação, tratando-se da única unidade fonológica” (Monaretto, 1997, p. 239).

Abaurre e Sandalo (2003) vão nessa mesma linha de pensamento, mas se ancoram na Teoria de Traços<sup>14</sup> para defender essa existência única. Para as autoras, o rótico intervocálico fica enfraquecido, pois há um desligamento do traço contínuo e, por sua vez, se transformando em tepe. Como exemplo, elas esboçam o contraste entre: *mar* e *mar azul*. Em algumas comunidades, o primeiro pode ser pronunciado com a fricativa (em coda), mas, quando o contexto seguinte é uma vogal, tornando um contexto intervocálico, a variante tepe toma o lugar.

<sup>14</sup> Postulada por Chomsky e Halle (1968), a Geometria de Traços diz respeito às propriedades fonológicas da língua que envolve os processos articulatório e acústico. São binários. Essa teoria busca organizar os traços distintivos dos sons da língua em uma hierarquia, e não de maneira isolada. Tomemos como exemplo o traço nasal e não nasal.

Em seu trabalho sobre a natureza fonológica da ortografia portuguesa, Mateus (2006) também compartilha da mesma hipótese: o [r] é a única consoante vibrante do português. A autora afirma que o tepe é mais frequente e sua realização pode ser definida contextualmente. Agostinho e Mendes (2020), ao explicar o postulado de Mateus (2006) esboça:

Na posição intervocálica, postulam que é possível haver dois róticos, um na coda na primeira sílaba e outro no onset, na forma subjacente, havendo, dessa forma, ‘carro’ /karro/ e ‘caro’ /karo/. De acordo com esta análise, como o segundo /r/ ocorre após uma consoante, o outro /r/ é realizado como [r], enquanto o primeiro é apagado da coda silábica. (Agostinho; Mendes, 2020, p. 161).

Quando se trata dos sons de /R/ no PB, reporta-se aos contrastes fonêmicos do “r fraco” e o “r forte” defendido por Cristóvão Silva (2003), que discute que essa dualidade só acontece em posição intervocálica, como acontece em “careta/carreta”, contudo pode acontecer em outros contextos fonéticos: a) no início de palavras (exemplo: rua, rato, etc.), b) final de sílaba interna (exemplos: porta, carne, etc.) – que mais tarde trataremos como coda interna – c) final de palavra (exemplos: amar, bar, etc.) e d) quando funciona como segundo elemento de um grupo consonantal (exemplos: cravo, preto, etc.). Em cada um desses ambientes o /r/ se comporta de maneira diferente, mas é na posição de coda que ele tem despertado maior interesse nas pesquisas.

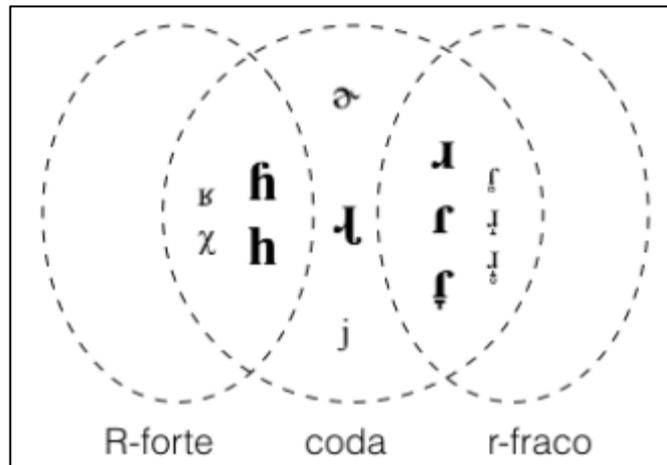
Massini-Cagliari, Cagliari e Redenbarger (2016) defendem a mesma ideia de Cristóvão Silva. Na visão dos autores, o contraste somente acontece na posição intervocálica, enquanto e que se organiza de modo complementar nos demais contextos. Além disso, advogam que o “r fraco” é usado entre vogais e como segundo elemento de onset complexo e o “r forte” em início de sílabas.

Para ilustrar esses segmentos róticos, Iris Rennie (2016) produziu uma representação imagética de como esses sons podem ser, supostamente, organizados na mente do falante. Na imagem, os fonemas mais usados pelos falantes, aparecem em caracteres maiores e mais enfáticos, enquanto os fenômenos menos usados, em caracteres menores. Isso simboliza também, conforme a autora, o seu peso estatístico<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> No capítulo que abordará sobre os procedimentos metodológicos, trataremos dos aspectos estatísticos adotados pela Sociolinguística Variacionista, assim como qual programa será utilizado para análise de dados.

Figura 3: Representação do /r/ no PB



Fonte: Rennicke (2016, p. 90).

Ao observar a figura, percebe-se que a coda é o lugar onde todas essas variantes podem acontecer. Rennicke (2016, p. 90) ainda explica que existe um “quase-contraste” entre o “r forte” e o “r fraco”, pois significa “que duas categorias fonológicas podem contrastar em alguns (mas não todos os) contextos; que esse contraste depende fortemente de idioleto, socioleto e comunidade de fala”. Dessa forma, é notório que cada teórico propõe uma abordagem conforme seus dados e estudos.

Na figura abaixo, Katja Reinecke (2006) traz as variantes róticas mais usadas no PB, organizadas conforme suas características articatórias, mostrando a variedade de sons fonéticos realizados pelo /r/.

Figura 4: Variantes róticas no PB

	ALVEOLAR	RETROFLEXA	VELAR	UVULAR	FARINGAL/GLOTAL
VIBRANTE	1. [r]			6. [R]	
TEPE	2. [r̥]	3a. [ɽ]			
FRICATIVA SURDA			5a. [x]	7a. [χ]	8. [h]
FRICATIVA SONORA			5b. [ɣ]	7b. [ʁ]	
APROXIMANTE	4. [ɻ]	3b. [ɻ]			

Fonte: Reinecke (2006).

Essas variantes estão espalhadas por todo Brasil. Cada uma delas sendo realizadas em ambientes sociolinguísticos diversos, sendo influenciadas pelas dinâmicas locais das redes sociais nas comunidades de falas. Em nossos dados, a frequência da aproximante retroflexa [ɻ] parece acontecer de maneira mais saliente, em detrimento de outras. Assim como acontece,

como já abordamos nessa seção, a predominância do tepe [r] na região sul desse país (Callou, Leite e Moraes, 1996; Monaretto, 1997). Para mostrar uma distribuição das variantes por região do Brasil, Carvalho (2009) adaptou a organização proposta por Reinecke (2006), para melhor ilustrar essas ocorrências.

Quadro 3: Ocorrência dos róticos por região

VARIANTE	REGIÃO GEOGRÁFICA DE OCORRÊNCIA	CIDADE(S)
VIBRANTE ALVEOLAR	Região sul e sudeste	Mais comum no Sul do Brasil em São Paulo
TEPE ALVEOLAR	Região norte, nordeste, centro-oeste, sul e sudeste	Todos os estados do Brasil
RETROFLEXA: TEPE E APROXIMANTE	Região sudeste, sul, centro-oeste e nordeste	No interior dos estados de Minas Gérias, Mato Grosso do Sul, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Sergipe, Maranhão, Paraíba, Ceará e Bahia.
APROXIMANTE ALVEOLAR	Região Sul	Em regiões de contato linguístico, entre o português brasileiro e o italiano ou o alemão.
FRICATIVAS VELAR SONORA E SURDA	Em quase todas as regiões do Brasil	Em quase todas as regiões, com predominância da surda.
FRICATIVAS: UVULAR SURDA E SONORA	Usado em algumas regiões do Brasil. Mas não há ainda pesquisas que precisem as localidades de ocorrência	Há uma alternância de uso não muito clara dessas duas variantes.
FRICATIVA GLOTTAL SURDA	Região norte, nordeste, centro-oeste e sudeste	Variante menos predominante na região Sul e mais predominante na região nordeste, nas cidades de Salvador, Recife, Maranhão, Ceará e Piauí.
VIBRANTE UVULAR	Região sudeste	Predominante apenas no Rio de Janeiro

Fonte: Adaptado de Carvalho (2009).

Na figura, é possível observar que o estado de Goiás aparece como a região que apresenta a variante retroflesa, a fricativa velar surda e a fricativa velar surda. Dessa forma, isso demonstra a diversidade fonética dos róticos nessa área, refletindo um cenário de variação linguística que pode estar associado a fatores históricos, sociais e de contato com outras variedades do português.

### 2.1.1 Estudos de variação dos róticos no Português Brasileiro

O /R/ já foi objeto de muitos sociolinguísticos pelos Brasil e ainda assim continua suscitando indagações, sobretudo quando em posição de coda por sua natureza extremamente variável, como aponta Callou, Leite e Moraes (1996, p. 465) “o fonema [r] apresenta, em

posição de coda silábica, um elevado grau de polimorfismo, prestando-se, exemplarmente, à caracterização da variação no português do Brasil”.

Nesse tópico, trazemos esboços de alguns estudos realizados e seus resultados (Votre, 1978; Callou, Leite e Moraes, 1996a, 1998b; Monaretto, 1997; Carvalho, 2009; Almeida, 2018 e Ricardo, 2022), com vistas a contribuir com nosso trabalho. Tentamos abordar trabalhos de diferentes regiões do Brasil – ainda que pareça que a profusão de pesquisas esteja na região sul – para delinear a discussão aqui proposta.

Votre (1978) foi um dos primeiros pesquisadores a tentar analisar variação linguística/fonológica no Rio de Janeiro. Baseando-se na Teoria da Variação, ele propôs uma análise da tendência de supressão de quatro segmentos de travamento silábico:

Quadro 4: Fenômenos linguísticos analisados por Votre (1978)

- |   |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>R</i>: como em amor<u>r</u>, melho<u>r</u></li> <li>- <i>R</i> em coda interna: Berna<u>r</u>dete, cer<u>v</u>eja</li> <li>- <i>M</i>: como em via<u>g</u>em, fize<u>r</u>am, diz<u>e</u>m</li> <li>- <i>I e U</i>: em quei<u>j</u>o, cou<u>v</u>e</li> </ul> |
|---|

Fonte: Adaptado de Votre (1978, p. 36).

Dentre os fenômenos analisados, interessam-nos os dois primeiros: o /r/ em coda externa e em coda interna. O corpus foi composto por 54 horas de gravação, contendo 14.305 palavras terminadas em -r, produzidas por participantes alfabetizando, sendo quatro homens e cinco mulheres. Além disso, foram analisadas 3.332 palavras oriundas da fala de universitários, entre eles duas mulheres e dois homens.

Ao analisar os dados, Votre (1978) observou que, no primeiro fenômeno – a supressão do /r/ em coda externa (como em amorr, melhor) – acontecia com mais frequência e que era condicionada pela classe morfológica e o contexto fonético seguinte e que “as variáveis extralinguísticas sexo e idade mostraram-se destituídas de poder condicionante. A variável escolaridade mostrou-se representativa” (Votre, 1978, p. 38). Nos anos seguintes, pesquisas sociolinguísticas confirmariam essas hipóteses também.

Por outro lado, a supressão da coda interna (como em Bernardete, cerveja) não se dá da mesma forma em relação à coda final. Pelo contrário, a manutenção do /r/ é mais saliente. Em seus dados, Votre (1978) constatou que tanto os alfabetizando (95.5%) quanto os universitários (100%) mantiveram o /r/ em coda interna.

Mais tarde, Callou, Leite e Moraes (1996a, 1998b) realizaram pesquisas que abordavam o /r/ em travamento silábico. A primeira, em 1996, tratou de amostras de dados da década de

70 de cinco centro urbanos (Porto Alegre, São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro e Recife) do Projeto NURC. As variáveis linguísticas mais significativas foram à coda interna e externa. Em São Paulo e Porto Alegre, encontraram o retroflexo e o tepe, respectivamente. Enquanto em Salvador e Rio de Janeiro, a vibrante fricativa velar e, por fim, no Recife, a presença da fricativa glotal. Em outro trabalho, em 1998, os pesquisadores analisaram o apagamento do /r/ no dialeto carioca e mostraram que esse fenômeno linguístico acontece mais em verbos. No presente estudo, o apagamento não será considerado como uma variante a ser analisada. Além disso, é considerado um caso de mudança linguística e que já se encontra em seu ápice, ou seja, é uma variação estável e que nenhum fator sociodemográfico consegue controlá-la mais.

Monaretto (1997) confirma os resultados encontrados por Callou, Leite e Moraes (1996) em sua pesquisa com amostra de dados de Porto Alegre (RS), na qual há predominância da variante tepe. Mais que isso, a autora analisa dados de outras duas capitais da região sul: Curitiba e Florianópolis. Nessa última, a vibrante posterior se destaca em detrimento do tepe. No entanto, de maneira geral, “o tepe é a variante mais utilizada na posição pós-vocálica nos três Estados, inclusive no de Santa Catarina” (Monaretto, 1997, p. 238). A pesquisadora ainda ratificou a correlação dos aspectos sociais e linguísticos, quando considerou a variável linguística, posição na sílaba; e a social, grupo geográfico, como sendo relevantes para a análise dos dados.

Duas décadas depois, houve uma pesquisa que tentava encontrar outras variantes na região de Porto Alegre. Ricardo (2022) analisou 45 entrevistas sociolinguísticas com participantes das cidades metropolitanas de Porto Alegre (RS) e gerou resultados importantes para esse campo. O intuito da pesquisadora era analisar se a distribuição das variantes róticas em coda encontradas nessas cidades guardavam relação com a capital, ora analisada por Monaretto (1997). Como resultado, Ricardo (2022) mostra que o /r/ retroflexo apareceu somente em 10,7% dos dados analisados, demonstrando um status, ainda, periférico da variante. Por outro lado, ao comparar com dados de Porto Alegre, a presença da variante retroflexa ainda é maior do que o 5% encontrados por Monaretto (1997) na capital.

Saindo das pesquisas sulistas, há estudos relevantes sobre os róticos na região Nordeste. Carvalho (2009) propõe uma análise acústica dos róticos em coda silábica no estado do Piauí. Com um *corpus* formado por 36 entrevistas sociolinguísticas, com participantes do norte do estado e da capital, Teresina, a pesquisadora encontrou quatro variantes: a fricativa glotal [h] se mostrou a mais saliente, com 48,1% das ocorrências e 22% de zero fonético [∅], ou seja, cancelamento do rótico. A pesquisadora afirma que a frequência dessas duas é decorrente da natureza linguística e social da variação.

As outras duas variantes encontradas foi o tepe [r], com 19,1% das ocorrências e a fricativa alveopalatal [ʃ]. Essa última traz uma novidade para o campo, pois “é uma ocorrência não muito encontrada na literatura pertinente” (Carvalho, 2009, p. 13). A pesquisadora se debruçou a explicar as motivações acústicas dessa ocorrência. Do ponto de vista acústico, essa última acontece com variante glotal [h] seguida de uma fricativa alveopalatal [ʃ] que, às vezes, palataliza-se.

Talvez se possa dizer que a mesma ideia defendida neste trabalho com relação à realização de /r/ como [ʃ] de todo não seja invalidada, visto que é constatada a presença da fricativa alveopalatal nas ocorrências levantadas, permanecendo a forma da variante fricativa glotal na estrutura sonora. A diferença é que o fonema /r/ não dá lugar totalmente à fricativa alveopalatal [ʃ] como se supunha antes das análises acústicas. [...] Finalmente, trata-se da descrição dos resultados de um tipo de palatalização em que a fricativa glotal [h] palataliza-se, parcialmente, ao realizar ora como [hʃ̺] ou como [hʃ], realizações particulares do falar piauiense. (Carvalho, 2009, p. 212).

A autora faz um traçado teórico e análises acústicas por meio do *Praat* para tentar explicar o fenômeno linguístico identificado. A ocorrência do [h ʃ] acontece por meio de uma palatalização parcial, na qual a oclusiva alveolar [t] some. É constatado tal fenômeno na fala e uma participante que pronuncia as palavras morte e corte, depois de analisado acusticamente.

Como resultados, Carvalho (2009) pondera que essas ocorrências acontecem em virtude do processo de ressilabificação, na qual acontece a junção da oclusiva alveolar [t] com uma fricativa alveopalatal [ʃ], gerando essa ocorrência [h ʃ]. A pesquisadora finaliza afirmando que este fenômeno não é falso, uma vez foi que foi provado ao longo de suas análises acústicas e pode ser considerada um tipo de palatalização, seja parcial ou total.

Na região Centro-Oeste, Almeida (2018) que pesquisou os sons róticos em coda em 21 cidades interioranas e das 3 capitais dos estados que compõem a região: Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista e da Geolinguística. A autora utilizou como *corpus* os dados advindos do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)<sup>16</sup>. O objetivo foi analisar a variação desses sons em coda interna e externa dos verbos e não-verbos, e seus possíveis cancelamentos, além de observar se o estilo interferia na produção das falas dos participantes.

---

<sup>16</sup> O Atlas Linguístico do Brasil (ALiB/2014) é um empreendimento acadêmico e cartográfico cujo objetivo foi mapear a realidade linguística do Brasil sob as óticas fonética-fonológica, prosódica, semântico-lexical e morfosintática, apresenta dados das realizações fonéticas de /R/ em coda interna e externa das capitais e brasileiras e seus interiores.

Para possibilitar comparações futuras, são apresentados aqui os resultados da pesquisa de Almeida (2018) referentes exclusivamente ao estado de Goiás, organizados nas categorias formuladas pela autora e que são relevantes nesse estudo:

i) Coda silábica externa de verbos:

As variantes analisadas apresentaram padrões distintos: a retroflexa ocorreu com maior frequência na fala das mulheres, especialmente na cidade de Catalão, enquanto a variante glotal foi mais recorrente entre os participantes mais jovens, sendo registrada nas cidades de Goiás, Formosa, Aripuanã e Porangatu.

ii) Coda silábica externa de não-verbos:

As mesmas variantes frequentes no item anterior: retroflexa e glotal. Goiás apareceu em terceiro lugar com 50,1% das realizações do /r/ retroflexo. Da mesma forma, a variante glotal apareceu de forma mais saliente em Formosa, Aruanã e Goiás.

iii) Coda silábica interna de verbos:

Nesse fator, conforme Almeida (2018), Goiás apareceu com 37,2% das ocorrências do retroflexo e 59,6% da variante glotal. As cidades que mais apareceram o glotal em coda interna foram Formosa, São Domingos e Jataí. Dessa vez, a cidade de Goiás não apareceu.

Ao longo dessa descrição, observamos que a cidade de Goiás foi um dos locais de coleta de dados do ALiB. Além disso, os resultados apresentados por Almeida (2018) trazem informações relevantes sobre essa comunidade de fala. Na seção de análise de dados do nosso estudo, estabeleceremos comparações com os achados da pesquisadora, a fim de ampliar a discussão e contextualizar nossos resultados. Logicamente, os *corpora* e os objetivos são diferentes, mas há pontos de intersecção importantes que podem ser explorados.

Ainda sobre os resultados de Almeida (2018), ela considera que o rótico retroflexo tem perdido espaço no centro-oeste, dando lugar à variante glotal e que esse processo pode ser devido a um processo de posteriorização e fricativização dos róticos. Nos próximos capítulos traremos mais considerações sobre isso.

Além disso, Almeida (2018) encontrou em seus dados um retroflexo fricativizado, som que “se inicia com uma aproximante retroflexa e é finalizado com uma nítida fricativização” (p.54). Caso raro na literatura sobre esse assunto e pouco explorado, pelo número de ocorrências.

No caso desta pesquisa, não foi encontrado algo semelhante citado pela autora. Por outro lado, o que foi observado por ela foi também, em número reduzido, “dez casos de retroflexo fricativizado em MT e *um caso em GO*, ambos em coda externa de verbos. Já em coda externa de não-verbos, [...] dois casos de retroflexo fricativizado em MT e *um caso em GO*. Em coda

interna, [...] três casos de retroflexo fricativizado em MT e *apenas um em GO.*” (Almeida, 2018, p. 103, *grifos nossos*). Essa citação demonstra o quanto foi pequeno o número de ocorrências, inclusive, dados em relação ao estado, de forma geral.

Outra pesquisa realizada na região Centro-Oeste, é a de Márcia Lima (2013), que analisou as consoantes róticas na variedade de português das cidades de Goiânia (GO), Goiatuba (GO) e Uberlândia (MG). Mesmo que essa última não pertença à região, a autora argumenta que Uberlândia está inserida, possivelmente, na mesma região linguística, por apresentar semelhanças com a fala goiana. Além disso, a proposta inicial era estudar somente as duas cidades goianas, mas, por perceber tais características, mais tarde, a autora inseriu a cidade mineira, compondo as três comunidades de fala do trabalho. Lima (2013, p. 22) apresenta a seguir os motivos para a escolha dessas três cidades:

O interesse na escolha das referidas cidades deveu-se a alguns fatores: o primeiro foi pelo fato de conhecer indivíduos residentes nestas localidades, o que facilitaria a busca dos participantes necessários à pesquisa; o segundo, por se perceber a ocorrência de róticas retroflexas presentes nas referidas cidades, sons tão diferentes ao que estava habituada na fala dos cariocas; o terceiro, deveu-se ao fato de ter observado que algumas de suas realizações fonéticas são alvos das mesmas atitudes preconceituosas por falantes de outras regiões geográficas; o quarto pelo desejo de buscar respostas às seguintes indagações: (a) os falares das pessoas desses estados seriam similares, fazendo parte de uma mesma região linguística, embora pertençam a estados e regiões diferentes? (b) haveria uma gradação no grau de retroflexão nas realizações das róticas retroflexas de uma cidade para outra?

Do ponto de vista metodológico, Lima (2013) constituiu o corpus a partir de gravações de palavras selecionadas e organizadas em grupos semânticos: frutas (com 32 palavras), cores (21 palavras), animais (51 palavras), fazenda (33 palavras), alimentos (33 palavras) e partes do carro (12 palavras), totalizando 182 palavras, com 110 contendo consoantes róticas. A intenção da autora era analisar todas as posições que o /r/ acontecia, em posição intervocálica, início de palavras, coda interna e externa, e em grupos semânticos.

Ao longo da pesquisa, o foco se concentrou nos róticos em posição de coda, pois foi nesse contexto que o /r/ apresentou maior variabilidade. Como resultado, Lima (2013) identificou a predominância da variante retroflexa na coda, com os seguintes percentuais: 62,2% das ocorrências em Goiânia (GO), 73,3% em Goiatuba (GO) e 74,4% em Uberlândia (MG). A pesquisadora apontou que esses resultados podem ter influência do dialeto caipira na região, deixado pela passagem e presença dos bandeirantes e tropeiros, no período de colonização.

## 2.2 O rótico retroflexo

O rótico retroflexo [ɾ] é uma das variações do /r/. É um som produzido com a ponta da língua curvada para trás (em um movimento de retroflexão) em direção à região pós-alveolar ou alveopalatal do trato vocal. Silva (2003) define:

O palato duro é o articulador passivo e a ponta da língua é o articulador ativo. A produção de uma retroflexa geralmente se dá com o levantamento e encurvamento da ponta da língua em direção do palato duro. Ocorrem no dialeto “caipira” e no sotaque de norte-americanos falando português como nas palavras: mar, carta” (Silva, 2003, p. 34)

Ao mencionar essa variante, é comum associá-la ao chamado "estilo caipira", pois, historicamente, esteve ligada aos falares de comunidades do interior, frequentemente estereotipadas como pertencentes a pessoas incultas ou sertanejas. Essa associação, no entanto, reflete mais um juízo social do que uma realidade linguística, visto que a variação fonética é um fenômeno natural dentro da diversidade do português brasileiro.

Do ponto de vista histórico, o surgimento do /r/ retroflexo no Brasil é motivo de debate entre os linguistas. Oliveira e Zanolí (2021) produziu um traçado histórico, em homenagem à Amadeu Amaral, sobre o /r/ retroflexo em São Paulo e no Brasil, propondo três hipóteses para o seu aparecimento no PB.

A primeira, denominada por elas como hipótese *alfa*, aborda o surgimento dessa variante ligada às interferências das línguas indígenas, principalmente as do tronco linguístico *Macro-Jê*<sup>17</sup> (Ferreira Neto, 1992). A segunda, *beta*, aponta que o retroflexo é uma continuidade do português antigo, ou seja, não é considerado uma inovação linguística e que teria sido mantido em certas regiões do Brasil. E por fim, a terceira, que elas nomearam como *gama*, propõe que o retroflexo tenha emergido como resultado da interação entre diferentes línguas presentes no Brasil colonial, incluindo as africanas e indígenas, criando um ambiente propício para a adoção e difusão dessa variante. Ainda de acordo com Oliveira e Zanolí (2021, p. 1168):

Nossa proposta é a de que não tenham sido nem as línguas indígenas (Tupi-Guarani e Macro-Jê) nem as línguas africanas (bantas e sudanesas) nem, contudo, o Português colonial as línguas diretamente responsáveis pela formação do fenômeno do /r/ retroflexo no Português caipira. A nosso ver, teria sido uma reunião de fenômenos ligados ao rótico nessas línguas.

<sup>17</sup> O tronco linguístico Macro-Jê é um agrupamento de famílias de línguas indígenas faladas principalmente no Brasil. Esse grupo reúne diversas línguas que compartilham características linguísticas comuns e descendem de um ancestral comum. De acordo com Andrey Nikulin (2020), “as famílias linguísticas indígenas que pertencem a esse tronco são: Jê, Jaikó, Maxakalí, Krenák, Kamakã, Karajá, Ofayé, Rikbáktsa, Jabutí e (com algumas ressalvas) Chiquitano.” Essas famílias possuem em mais de 30 línguas indígenas.

Dessa forma, percebe-se que não é um fenômeno que está ligado com o aparecimento do /r/ retroflexo de maneira isolada, mas sim a um conjunto de fatores que interagem ao longo do tempo e do espaço, influenciando a dinâmica fonética do português brasileiro. Embora cada uma das hipóteses levantadas por Oliveira e Zanoli (2021) tenha seus fundamentos, o debate permanece aberto entre os linguistas, uma vez que a variabilidade do /r/ no português brasileiro reflete um processo complexo de contato linguístico, mudanças fonéticas e influências históricas.

Na expansão do PB durante os processos de colonização, São Paulo desempenhou um papel fundamental, como visto outrora. A região, inicialmente uma área de pouco interesse para a Coroa Portuguesa, tornou-se um importante centro de dispersão populacional e linguística, principalmente devido às bandeiras, expedições organizadas por exploradores paulistas que invadiram territórios, sobretudo, interiores. A variedade de português que existia nessa localidade, entre os séculos XVI e XIX, originada do contato linguístico entre europeus, indígenas e, posteriormente, povos africanos escravizados, foi expandida pelo Brasil pelos bandeirantes, incluindo sua propagação para a cidade de Goiás, no Centro-Oeste. Nessa variedade de português, o retroflexo foi uma das marcas linguísticas disseminada pela região.

Nesse contexto migratório, o retroflexo foi se mantendo como variante dos interiores devido a colonização pelos grupos bandeirantes. Por outro lado, Simões (2015) afirma que essa variante já era falada na Vila de São Paulo no século XVIII, como evidenciado em uma carta de um soldado datada de 1807. No documento, o soldado recusava um casamento forçado com a filha de um fazendeiro e utilizava a expressão: *nem por bem, nem por mar*, quando, na realidade, pretendia dizer *nem por bem, nem por mal*. Esse registro sugere que a retroflexão do /r/ já estava presente na fala paulistana da época, contribuindo para a identidade linguística da cidade.

Com isso, é notório que a história do /r/ retroflexo está atrelado ao avanço das bandeiras pelo Centro-Oeste, principalmente no estado de Goiás, no período na exploração das riquezas minerais da região. Essa influência fez com que a variante se espalhasse para diferentes áreas, sendo incorporada ao repertório linguístico das populações locais. Dessa forma, sua presença em Goiás e em outras regiões do Centro-Oeste não pode ser dissociada dos processos históricos de colonização e de migração.

Nesse sentido, Amaral (1920) em o *Dialeto Caipira* destaca a importância das influências históricas e geográficas na formação dos dialetos regionais. Ele argumenta que o falar caipira, com suas peculiaridades fonéticas e sintáticas, se espalhou por diversas áreas do interior do Brasil, acompanhando os movimentos de expansão e colonização. O /r/ retroflexo

aparece como sendo umas das marcas do dialeto caipira na comunidade de fala de uma província de São Paulo analisada pelo autor, embora não sendo nomeado como retroflexo na obra de Amaral (1920).

[O] r inter e post-vocálico (arara, carta) possui um valor peculiar: é linguo-palatal e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este r caipira assemelha-se bastante ao r inglês post-vocálico (Amaral, 1920, p. 21)

Nessa citação, o autor descreve movimento do rótico retroflexo, ainda que não o nomeie dessa forma. Com o passar dos anos e com a evolução das pesquisas, a referida variante começou a ser encontrada em diversas comunidades de falas pelo Brasil e não somente em regiões rurais – como outrora apontado. Mas, mesmo com profusão das pesquisas, ele ainda é carregado de estereótipos sociais. Uma hipótese de Amaral (1920) era que com o tempo a variante desapareceria decorrente do processo de marginalização do caipira, o que não aconteceu. Pelo contrário, torna-se mais frequente no PB.

Autores como Aguilera e Silva (2011a, 2015b) apontam para os novos rumos do /r/ retroflexo no PB, devido sua expansão cada vez mais saliente. As autoras afirmam que sua utilização tem se tornado marcas identitárias positivas.

O novo status do caipira, associado a um processo de mudança social de revalorização, somado à sua imagem, culturalmente construída, de pessoa honesta e respeitadora lhe possibilitam ultrapassar a negatividade do estereótipo socialmente difundido que existe em torno do /r/ retroflexo e faculta aos falantes da comunidade investigada prestigiar esse rótico e avaliar positivamente o pertencimento ao grupo em que se insere, ainda que restem resquícios de sua estigmatização. (Aguilera; Silva, 2015, p. 187).

Na citação, percebe-se que há discussões identitárias a respeito do rótico retroflexo, mais que somente linguísticas. Por outro lado, ainda a variante ainda possui marcas de marginalização e isso é demonstrado nas pesquisas citadas na seção anterior. Na pesquisa de Ricardo (2022), por exemplo, a variante ainda é considerada periférica, ou seja, oriunda das regiões afastadas da capital, Porto Alegre. Almeida (2018), em seus estudos sobre os róticos na região Centro-Oeste, aponta uma perda de espaço da variante retroflexa para a glotal, mas em algumas comunidades interioranas, como cidade de Goiás, por exemplo, ainda continua bastante saliente.

Verificaremos, com a análise dos nossos dados, como essa variante se comporta e compararemos com as pesquisas discutidas até aqui.

### 2.3 O rótico aspirado

O rótico aspirado corresponde, em termos técnicos, à fricativa glotal surda [h, fi]. Esse som é produzido pelo fluxo de ar passando pela glote sem obstrução completa, resultando em uma fricção suave característica. No português brasileiro (PB), essa variante ocorre também em posição de coda, especialmente ao final de sílabas e palavras, como em falar [fa'lah] e comer [ko'meh] e “é a predominante em muitos dialetos” como pontua Callou, Leite e Moraes (2002).

Os teóricos abordam essa variante de maneiras diversas, em relação à nomenclatura. Cristóvão Silva (2003) adota os termos fricativas glotais vozeadas e desvozeadas, respectivamente representadas por [h] e [fi]. A autora afirma que é uma variante típica da região de Belo Horizonte e “não ocorre fricção audível no trato vocal” (p. 38). Já Callou, Leite e Moraes (2002) denominam como fricativa aspirada e aponta que ela acontece quando há um enfraquecimento das consoantes. Brescancini (2004, p. 93) também concorda “que a variante aspirada é tanto diacronicamente quanto sincronicamente reconhecida com um estágio inicial do processo de enfraquecimento consonantal de obstruintes em posição pós-vocálica”, ou seja, a variante ocorre de maneira menos marcada em relação ao retroflexo, por exemplo.

[...] a mudança fonética de vibrante para fricativa torna-se ainda mais evidente, ao se deparar com pronúncias realizadas há cerca de quarenta anos e, posteriormente, compará-las com a pronúncia atual na maior parte do território brasileiro. A razão dessa alteração parece residir mais em um processo de “prestigização” inerente à pronúncia aspirada que em uma mera substituição voluntária na oralidade dos falantes. (Langaro, 2007, p. 110).

De acordo com a citação acima, a presença da variante aspirada tem crescido nos últimos anos, demonstrando que sua ocorrência pode estar vinculada a fatores diacrônicos e sociolinguísticos, refletindo padrões de variação fonética dentro de determinadas comunidades de fala. Por se tratar de um som que demanda pouca energia articulatória, a variante aspirada tende a acontecer em contextos de enfraquecimento consonantal, sendo frequentemente associada a processos de lenição, isto é, uma economia de força ao longo do tempo ou determinados contextos linguísticos.

Nesse contexto, a ocorrência do rótico aspirado, conforme Callou, Leite e Moraes (2002) pode ser um acontecimento anterior a fase de apagamento, devido pronúncia mais

branda em posição de coda. Além disso, a realização ou não da variante aspirada dependerá muito do contexto seguinte na qual o som acontece.

São as realizações mais frequentes no PB, especialmente em variedades nordestinas (Mota, 2016; Carvalho, 2009) e amazônicas (Berçot-Rodrigues, 2014), sendo também encontrada em algumas regiões de Goiás, como vimos nos trabalhos de Almeida (2018) sobre os róticos na região Centro-Oeste, em que a variante aspirada apresentou muitas ocorrências, gerando um quadro de variação linguística significativo, qual o retroflexo não é mais soberano. Sua ampla distribuição pode ser atribuída tanto a fatores históricos e sociolinguísticos quanto a um processo de enfraquecimento articulatório, que transforma o rótico vibrante em uma fricativa glotal.

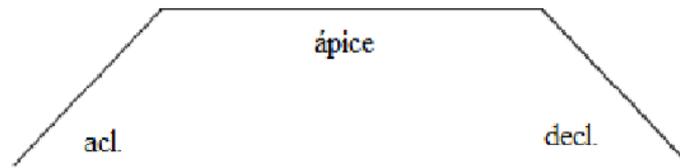
#### 2.4 A coda silábica

O termo coda silábica tem sido utilizado com frequência ao longo deste trabalho, desde o título, porém, até o momento, sem uma atenção específica dedicada à sua definição e análise. Nesse sentido, esse tópico se dedicará a isso. A palavra coda é usada pela Fonologia Autossegmental para falar sobre a posição marginal da sílaba, ou seja, a posição final da sílaba. Antes de apresentar as características da coda, vamos abordar as teorias da sílaba, de modo a contextualizar sua função e importância na estrutura silábica.

Silva (2003, p. 76) conceitua sílaba como “cada contração e cada jato de ar expelido dos pulmões”, contudo, seu conceito abarca diferenças tanto no campo da Fonética quanto da Fonologia. Para Gisela Collischonn (2010), os estudos que envolvem a teoria da sílaba não são recentes no campo da fonologia, sendo alvo de muitas abordagens, “a sílaba foi gradativamente sendo aceita como unidade fonológica, e rapidamente aumentou o número de pesquisas em torno de sua natureza e do papel por ela desempenhado na fonologia das línguas” (Collischonn, 2010, p. 99). Assim, as concepções de sílaba têm lugar importante nas pesquisas fonológicas.

Já para Camara Jr (2010[1969]), a sílaba é composta do aclave, ápice e declive, isto é, a corrente de ar é expelida com intensidade (aclave), consegue chegar ao limite da força (ápice) e após, ocorre a redução (declive), conforme a figura abaixo:

Figura 5: Picos de sonoridade, conforme Câmara Jr

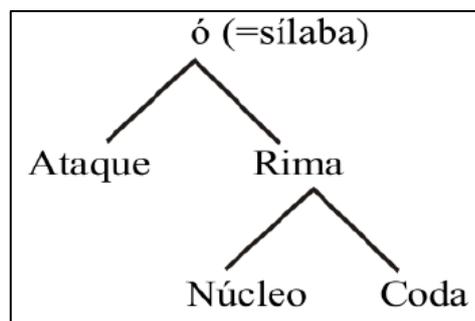


Fonte: Bisol (2010).

Cada parte silábica é preenchida por um fonema. “O ápice é constituído de uma vogal. O aclave é constituído por duas ou mais consoante. O declive é constituído por uma das seguintes consoantes /S/, /r/, /l/ ou pelas semivogais /j/ e /w/.” (Câmara Jr, 2010[1969], p. 116). Assim, observa-se que Câmara Jr (2010[1969]) não faz um estudo da sílaba, mas expõe, grosso modo, concepções lineares sobre ela.

Nas teorias de Selkirk (1982), temos o ataque (onset simples ou complexo) e rima, esta última é ramificada em núcleo e coda, como veremos na imagem a seguir:

Figura 6: Esquema arbóreo da sílaba



Fonte: Hora (2009, p. 28).

Como vemos no esquema acima, a coda é a extremidade da sílaba. É nela que acontece o travamento da sílaba. Nesse contexto, não é todo fonema que pode ocupar a coda. Dermeval da Hora (2009) diz que esse local só pode ser ocupado por /l/, /r/, /S/, /N/ e, ainda, os sons que representam as semivogais – [j] e [w]. Dessa forma, percebe-se que os róticos são sons que possuem muitas variações, resultado de muitos fatores, sobretudo, em posição de coda, conforme apontado ao longo deste capítulo.

No que tange ao rótico retroflexo em posição de coda, há também que se pensar no preconceito linguístico advindo dessa variante. Não é o foco do seu estudo, mas é possível coletar depoimentos sobre avaliação linguística da fala goiana, que perpassam o /R/, nas entrevistas que compõe o *corpus*.

Essa avaliação social está presente em diversas comunidades de fala e reflete juízos de valor atribuídos a determinadas variantes fonéticas, muitas vezes associadas a estereótipos regionais. Labov (2008) define avaliação social como a forma como os traços linguísticos específicos são percebidos, julgados e valorizados dentro de uma comunidade de fala. Esses julgamentos não se restringem à linguagem, mas refletem, com frequência, os aspectos sociais, culturais e econômicos que circundam as comunidades.

No caso do rótico retroflexo em posição de coda, sua ocorrência na fala goiana pode ser alvo de estigmatização, sendo percebida por alguns falantes como um traço menos prestigioso ou socialmente marcado. Martins e Barbosa (2016) investigaram a avaliação social do /r/ em coda silábica, comparando duas variantes: a retroflexa e a aspirada.

Para o estudo, foram realizadas duas gravações contendo um texto lido por dois pares de falantes: um homem e uma mulher da cidade de Lavras (MG), que produziram o /r/ retroflexo, e outro homem e mulher de Belo Horizonte (MG), que realizaram a variante aspirada. Em seguida, os áudios foram submetidos à avaliação de oito ouvintes-juízes, distribuídos igualmente entre as duas cidades — quatro de Lavras (dois homens e duas mulheres) e quatro de Belo Horizonte (dois homens e duas mulheres).

Como parâmetros de avaliação, a pesquisa utilizou os critérios de status, competência, nível de urbanização e solidariedade, conforme exposto no quadro abaixo:

Quadro 5: Pares de características usados na pesquisa de Martins (2016)

<b>Crítérios de Avaliação</b>	<b>Pares Opostos</b>
Status	classe alta – classe baixa prestigiado – pouco prestigiado rico – pobre
Competência	língua correta – língua incorreta inteligente – estúpido culto – inculto
Nível de urbanização	da capital – do interior urbano – caipira
Solidariedade	honesto – desonesto Solidariedade amável – pouco amável trabalhador – preguiçoso generoso – egoísta

Fonte: Adaptado de Martins e Barbosa (2016).

Seguindo esses critérios, os avaliadores conseguiram estabelecer percepções sobre as duas variantes. Como resultados, a autora verificou que a variante retroflexa foi avaliada negativamente, sobretudo no que diz respeito ao *status* e à *competência*. Além disso, também foi observado que a variante glotal possui mais prestígio social, tanto em Lavras quanto em

Belo Horizonte, revelando avaliações positivas em *status*, *competência* e *urbanização*, conforme análise dos dados.

A pesquisa de Martins e Barbosa (2016) reforçam a influência dos juízos sociais na variação linguística, evidenciando como determinadas variantes fonéticas podem ser associadas a estereótipos de prestígio ou estigmatização. O fato de a variante retroflexa ter sido percebida de forma mais negativa, especialmente em relação ao *status* e à *competência*, sugere que fatores sociolinguísticos desempenham um papel fundamental na construção das atitudes dos falantes em relação à língua.

Além disso, a maior valorização da variante glotal em ambas as cidades indica uma tendência à sua associação com características consideradas mais urbanas e prestigiadas, reforçando a ideia de que a percepção linguística está diretamente ligada a questões identitárias e sociais. Outro estudo relevante sobre a avaliação e percepção do /r/ em posição de coda silábica é o de Santos (2024), que investiga a variante retroflexa como um traço característico da fala caipira. A pesquisa foi conduzida com participantes das cidades de Ituiutaba e Uberlândia, localizadas no Triângulo Mineiro, e busca compreender a relação entre essa realização fonética e as percepções sociolinguísticas associadas a ela.

Como *corpus*, a pesquisadora utilizou 24 entrevistas de produção linguística, sendo 12 de cada cidade analisada. Em seguida, para os testes de percepção, a autora empregou a técnica *verbal guise test*, que consiste em apresentar aos ouvintes gravações de falantes produzindo diferentes variantes linguísticas sem revelar suas identidades, permitindo uma avaliação mais imparcial. Ao todo, foram coletados 8.508 dados, dos quais 5.175 correspondem à variante retroflexa (60,83% das realizações), 3.048 ao apagamento do /r/ (35,82%) e 285 a outras variantes (3,35%). Esses resultados indicam que a variante retroflexa é predominante nas duas cidades analisadas, evidenciando sua forte presença na fala local.

Para verificar as avaliações sobre a variante retroflexa, a partir dos dados de produção linguística, Santos (2024) produziu dois pares de estímulos, gravados por duas participantes mulheres com idade de 30 anos e nível superior completo. Os estímulos contaram com trechos idênticos, exceto pelas variantes avaliadas: retroflexa e fricativa. As sentenças gravadas estão no quadro abaixo:

Quadro 6: Estímulos formulados por Santos (2024)

Estímulo com [ɻ]	Estímulo com [h]
A ca[ɻ]ne de po[ɻ]co está go[ɻ]durosa	A ca[x]ne de po[x]co está go[x]durosa
A po[ɻ]ta foi co[ɻ]tada pelo ma[ɻ]ceneiro	A po[x]ta foi co[x]tada pelo ma[x]ceneiro
A ma[ɻ]ca da pe[ɻ] na está muito ve[ɻ]melha	A ma[x]ca da pe[x]na está muito ve[x]melha

Essa to[ɨ]ta de ca[ɨ]ne é a melho[ɨ] desse luga[ɨ]	Essa to[x]ta de ca[x]ne é a melho[x] desse luga[x]
--	--

Fonte: Adaptado de Santos (2024).

Na sequência, foram elaborados formulários para avaliação pelos ouvintes-juízes, utilizando a plataforma Google Forms. Ao final, foram obtidas 86 respostas. As características analisadas incluíram: caipira, sofisticada, educada, mal-educada, agradável, desagradável, preguiçosa, trabalhadora, moradora da zona rural e moradora da zona urbana.

Os respondentes identificam e avaliam a variante retroflexa como um traço característico do falar caipira. Diferentemente do que foi apontado por Martins e Barbosa (2016), a valoração negativa é predominantemente atribuída por falantes de comunidades externas a Ituiutaba e Uberlândia, ou seja, por aqueles que utilizam outras variantes. Santos (2024) também destaca que os respondentes dessas cidades reconhecem a variante retroflexa como uma marca linguística local, associando-a a uma identidade regional. Além disso, a percepção não se limita apenas ao reconhecimento, mas envolve um sentimento de pertencimento e orgulho em relação à fala característica da região.

Os estudos de Martins e Barbosa (2016) e Santos (2024) revelam diferentes percepções sobre a variante retroflexa do /r/ em posição de coda silábica, evidenciando a influência de fatores sociais e regionais na avaliação linguística. Enquanto Martins e Barbosa (2016) aponta uma forte estigmatização dessa variante, especialmente em relação ao status e à competência, associando-a a características menos prestigiadas em contextos urbanos. Santos (2024) demonstra que, em determinadas comunidades, essa mesma realização fonética é valorizada como um marcador identitário e regional.

Dessa forma, percebe-se que os róticos em coda silábica suscitam pesquisas que vão além da análise fonética, abrangendo também aspectos sociolinguísticos e identitários. Ainda que não seja o foco do nosso estudo esse recorte, é importante reconhecer que a relevância da avaliação e da percepção dessas variantes fonéticas. De modo geral, a variante retroflexa é um estereótipo da fala goiana do ponto de vista do próprio habitante do estado, embora sejam diagnosticadas outras variantes de /R/ na coda silábica na fala goiana.

## 2.5 O /R/ em coda na fala goiana

Até este ponto, discutimos a variação dos róticos em coda silábica em diferentes regiões do Brasil, analisando sua relação com fatores fonéticos e sociolinguísticos. Foram examinadas pesquisas que investigam as principais variantes identificadas e sua distribuição em distintos

contextos linguísticos. Nesta subseção, a atenção se volta especificamente para a realização do /R/ em coda silábica na fala goiana, tomando como referência as ideias de Sebastião Milani (2017), com base nos dados do *Acervo da Fala Goiana*<sup>18</sup>.

Milani (2017) discute sobre os sons que podem ocupar esse lugar da sílaba. Em um recorte histórico e geográfico, o autor aponta a presença da variante retroflexa [ɻ] como sendo representativa do estado de Goiás, devido aos processos migratórios por meio dos bandeirantes, como já mencionado outrora.

O retroflexo pode ser ouvido em todos os lugares do estado. Apesar dessa antiga marca identitária pejorativa, vinculada ao indivíduo sem escolaridade, ela passou por um processo de valorização no estado de Goiás e atualmente representa o goiano bem-sucedido economicamente. Essa mudança se deve ao fato de a população do estado, generalizadamente, ter origem agrícola ou reconhecer o valor da produção do campo na origem, história, sucesso e riqueza do estado. (Milani, 2017, p. 157).

Dessa forma, observa-se a predominância da variante retroflexa em coda em todo o estado. Conforme o autor, seu uso está atualmente associado a uma marca identitária e não mais a um traço pejorativo. Como apontam Aguilera e Silva (2015), ser caipira — isto é, utilizar a variante retroflexa — passou a ser um símbolo de status social, uma vez que está relacionado a fatores econômicos.

De acordo com Milani (2017), outra variante encontrada em coda na fala goiana é alofone aspirado gloto-velarizado [h], encontrado em algumas localidades do estado, principalmente nas regiões próximas da Bahia até o entorno do Distrito Federal (DF). A sua presença se deve aos processos de emigração nortista e nordestina, auxiliado pelas rodovias federais que cruzam o estado. Além disso, a construção da capital, Brasília, trouxe muitas pessoas de outras regiões – candangos – com isso houve um intenso contato linguístico, favorecendo a difusão do alofone aspirado gloto-velarizado [h] na fala goiana.

O alofone aspirado gloto-velarizado [h] ocupa atualmente a região onde estão localizados os bolsões de emigração nortista e nordestina, basicamente nas cidades mais antigas do norte goiano, as cidades mais jovens não apresentam essa marca fonética. Ficam bem localizadas pela proximidade com a fronteira da Bahia até o entorno do Distrito Federal. (Milani, 2017, p. 157).

Ao contrário do que foi apontado em pesquisas anteriores, para Milani (2017), o retroflexo é tido como representante da cultura goiana, enquanto o alofone aspirado gloto-

---

<sup>18</sup> Constitui-se como banco de dados audiovisual com dados gravados e filmados da fala goiana, arquivados no LABOLINGGO, da Faculdade de Letras da UFG, em Goiânia (GO).

velarizado é estigmatizado. Além dessas duas, o autor ainda indica a existência de alofone vibrante apical [r], encontrado na região do entorno de Brasília, Posse e Planaltina, nos últimos 50 anos, oriundo de emigração dos estados do Rio de Janeiro, Ceará e Bahia.

Além dessas, há também a possibilidade de vocalização do rótico em coda, ou seja, sua realização como [w], fenômeno observado em palavras como *marmitex* [mawmi'tɛkis] e *garfo* ['gawfo]. No entanto, essa variante ocorre em menor proporção em comparação com as demais.

Dessa forma, com base nos dados de Milani (2017), a fala goiana apresenta, em posição de coda silábica, as variantes [h], [ɹ], [r] e [w], evidenciando um cenário de variação linguística influenciado por fatores históricos, regionais e sociais. Essa diversidade de realizações demonstra a complexidade dos processos fonéticos em curso no estado, resultantes tanto de influências migratórias quanto de dinâmicas internas de acomodação linguística.

## 2.6 Características acústicas das variantes de /R/

No que diz respeito às características fonético-acústicas dos sons de /r/, observa-se uma considerável variação em suas realizações, especialmente em posição de coda silábica. As características fonético-acústicas do /r/ podem ser analisadas com base em parâmetros como frequência formântica, duração, intensidade e presença de traços articulatórios específicos, como vibração, fricção ou aspiração. Nessa subseção, nos interessa abordar as características acústicas da variante retroflexa [ɹ] e da variante aspirada [h].

As primeiras tentativas de descrever os róticos acusticamente foram realizadas por Lehiste (1962), com cinco informantes dos Estados Unidos por meio de análise espectrográfica e das medidas da frequência dos formantes F1, F2 e F3. A pesquisa revelou que a principal característica acústica dos róticos, especialmente do retroflexo, é a queda acentuada na frequência do terceiro formante (F3), o que os diferencia de outras consoantes.

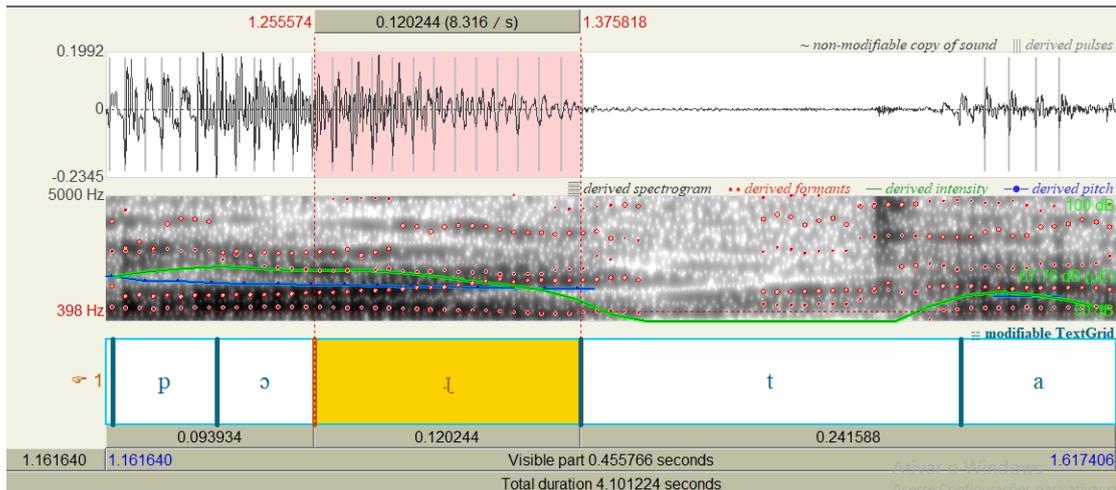
Para o /r/ retroflexo, as pesquisas apontam valores baixos para o F3, em relação ao /r/ vibrante, que geralmente apresenta um F3 mais elevado. Essa característica acústica do retroflexo ocorre devido à curvatura da língua em direção ao pós-alvéolo ou palato, o que modifica a ressonância do trato vocal e resulta na diminuição da frequência do terceiro formante. Lehiste (1962) observou isso em sua pesquisa.

Ferraz (2005), em sua pesquisa sobre o rótico retroflexo em Pato Branco (PR), observou que o F3 não é tão baixo quando indicado por Lehiste, mas apresenta níveis menores do que F1 e F2, principalmente em vogais posteriores. Para analisar essas características acústicas, utiliza-

se o software *Praat* (Boersma; Weenink, 2007) para visualizar e medir os formantes, a duração e a intensidade dos segmentos róticos em espectrogramas.

Na figura abaixo, é exibido exemplo de uma representação acústica do retroflexo, na palavra *porta*.

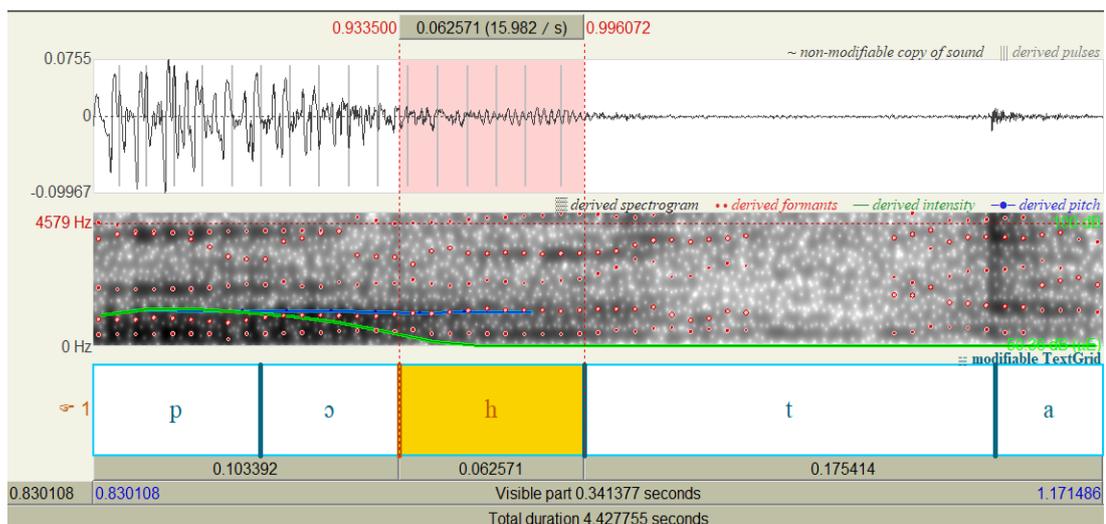
Figura 7: Forma da onda e espectrograma da palavra “po[ɭ]ta”



Fonte: dados do autor (2025)

O *Praat* permite a extração precisa de valores de F1, F2 e F3, possibilitando a identificação de padrões acústicos distintos entre as variantes róticas, como o rebaixamento do F3 no retroflexo ou a presença de ruído difuso na variante aspirada. Abaixo, a representação acústica do rótico aspirado, também na palavra *porta*.

Figura 8: Forma da onda e espectrograma da palavra “po[h]ta”



Fonte: dados do autor (2025).

As duas imagens acima são exemplos de como os róticos são representados acusticamente, mostrando as ondas sonoras e os espectrogramas correspondentes. As ondas sonoras ilustram a variação da amplitude do sinal de fala ao longo do tempo, enquanto os espectrogramas exibem a distribuição das frequências dos formantes (F1, F2, F3) e a intensidade da energia acústica em diferentes regiões do espectro.

No próximo capítulo, serão apresentados os aspectos históricos, sociais e culturais da comunidade de fala da cidade de Goiás (GO). Essa análise busca compreender como fatores históricos e socioculturais influenciam a variação linguística local, especialmente no que diz respeito à realização dos róticos em coda silábica.

## CAPÍTULO 3 – PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentamos os materiais e método empregados na condução desta comunidade de fala analisada. Em seguida, detalhamos a constituição do *corpus*, bem como o método e critérios adotados para a análise dos dados.

### 3.1 Contexto histórico e socioeconômico da cidade de Goiás

A cidade de Goiás – GO se localiza a 148km<sup>19</sup> da atual capital do estado, Goiânia. De mesmo nome da unidade federativa, a Cidade de Goiás foi a capital do estado, e seu surgimento remonta ao século XVIII, quando as expedições bandeirantes adentraram e exploram essas terras em busca de ouro. Ela está inserida na Mesorregião Noroeste do estado, conforme atestado pelo Instituto Mauro Borges.<sup>20</sup> Na imagem abaixo, é possível visualizar a localização da cidade no atlas goiano:

Figura 9: Localização da cidade de Goiás-GO



Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu (Disponível em: [/wiki/File:Goiás\\_MesoMicroMunicip.svg](http://wiki/File:Goiás_MesoMicroMunicip.svg). Acesso em 17 de fev. de 2025).

<sup>19</sup> Informação disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Goi%C3%A1s\\_\(munic%C3%ADpio\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Goi%C3%A1s_(munic%C3%ADpio)). Acesso em 17 de fev. de 2025.

<sup>20</sup> O Instituto Mauro Borges de Pesquisa e Política Econômica é responsável pela produção, análise e divulgação de dados socioeconômicos, geográficos e demográficos do estado de Goiás. A localização de Goiás na Mesorregião Noroeste está disponível em: <http://www.sieg.go.gov.br/maps/atlas/2021/>. Acesso em 17 de fev. de 2025.

Em relação aos indicadores gerais da cidade de Goiás – GO, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) levantou as seguintes informações, apresentadas na tabela abaixo:

Quadro 7: Indicadores gerais da cidade de Goiás/GO

<b>Cidade de Goiás/GO</b>	
<b>População</b>	24.071 habitantes [em 2022]
<b>Densidade demográfica</b>	7,74 hab/km <sup>2</sup> [em 2022]
<b>Área territorial</b>	3.108,423k km <sup>2</sup> [em 2023]
<b>Pirâmide etária</b>	Idade mediana de 41 anos [em 2022]
<b>Taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade</b>	98,2 % [em 2010]
<b>IDHM (Índice de desenvolvimento humano municipal)</b>	0,709 [em 2010]
<b>PIB per capita</b>	34.522,53 [em 2021]
<b>Total de receitas brutas realizadas</b>	132.549.283,24 [em 2023]
<b>Mortalidade Infantil</b>	8,7 óbitos/mil nascidos vivos [em 2022]

Fonte: Dados do IBGE (Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/goias/panorama>. Acesso em 17 de fev. de 2025).

Observa-se que alguns dados foram atualizados com a realização do censo de 2022 pelo IBGE. Houve uma leve redução na população em comparação com o censo de 2010, que registrava 24.745 habitantes. Outro dado relevante é o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), que, segundo os dados de 2010, é de 0,709, valor inferior ao IDH do estado, que em 2021 era de aproximadamente 0,737.

O Produto Interno Bruto (PIB) per capita também desponta como um dado relevante, sendo, em 2021, de R\$ 34.522,53, o que posiciona a Cidade de Goiás na 62<sup>a</sup> colocação entre os 246 municípios do estado. Esse valor reflete a média da riqueza produzida por habitante e pode indicar o nível de desenvolvimento econômico local. No entanto, é importante considerar que o PIB per capita não necessariamente representa a distribuição equitativa da renda entre os moradores.

Partindo para o contexto histórico de sua formação, conforme mencionado na introdução desta subseção, Goiás foi a primeira capital do estado, surgindo no contexto da colonização promovida pelas expedições bandeirantes vindas da Capitania de São Paulo e da Bahia no século XVIII, cujo principal objetivo era a busca por ouro. Segundo Palacín (1994), não houve, antes dessa época, pessoas que tinham a intenção de adentrar as terras com a intenção se fixar, mas ainda assim, a região era passagem para muitas expedições que aprisionavam povos indígenas e exploravam as riquezas minerais.

Dessa forma, Bartolomeu Bueno da Silva – bandeirante conhecido depois como Anhanguera<sup>21</sup> – foi o primeiro a vir para o território goiano com o objetivo de se instalar e explorar, recebendo o título de “descobridor” por muitos, conforme aponta Palacín (1994). Com sua chegada, junto a sua Bandeira, ocupou, inicialmente a região do Rio Vermelho, “quando já lhe restavam poucos companheiros, descobriu ouro nas cabeceiras do Rio Vermelho” (Palacín; Moraes, 2008, p. 11). Assim, com o objetivo de preservar os interesses da coroa e regular as expedições que passavam (Moraes, 2012) fundou o Arraial de Sant’Anna, que depois se elevou a Vila Boa e, na sequência, cidade de Goiás, figurando como capital do estado por cerca de 200 anos.

Bueno funda solenemente o primeiro arraial, o arraial de Sant’Anna. Localizado entre morros, numa quebrada no sopé da Serra Dourada, muito próximo das nascentes do Rio Vermelho, a nova povoação que deveria converter-se doze anos depois em vila e tornar-se capital geograficamente se encontra deslocada, como centro de operações, no território goiano, e climaticamente exposta aos rigores de uma insolação concentrada, sem ventilação. Mas a urgência do momento não admite dilações. Há ouro e água, isto basta. Este será o critério com que irão surgindo os demais arraiais. (Palacín, 1994, p. 25).

A partir disso, outras expedições começaram a se proliferar pelo território afim de encontrar mais riquezas minerais e, com isso, outros arraiais foram fundados e desenvolvidos. Como exemplo disso, Palacín (1994) cita as jazidas de ouro descobertas pelo companheiro de Bueno, Manuel Rodrigues Tomás, nas serras do Pirineus e às margens do Rio das Almas. Essas descobertas resultam, mais tarde, na fundação do Arraial de Meia Ponte, onde se localiza, atualmente, a cidade de Pirenópolis.

Com a atividade aurífera, a região se desenvolveu e a ocupação territorial aumentou. Além das atividades econômicas, Moraes (2012) aborda os aspectos sociais que foram importantes nesse processo de colonização, como a religiosidade, que começou a tomar conta do território goiano no século XVIII. Assim, a edificação de igrejas a saber, as capelas de Santa Ana e Nossa Senhora do Rosário foram primordiais para organizar o arraial. Moraes (2012, p. 75) afirma que:

[...] a ocupação e fixação da população em todo o sertão goiano se devem à interligação de dois fatores principais, a saber, a cuidadosa montagem da administração local, centrada principalmente no Conselho e na criação da Capitania, de acordo com as diretrizes da coroa e, na vivência religiosa e espiritual de seus habitantes, manifestas na construção de oratórios, ermidas, capelas e igrejas, consagrados aos seus protetores e na organização das irmandades e confrarias religiosas.

---

<sup>21</sup> Nome dado ao bandeirante pelos indígenas, que significa, na língua tupi, “diabo velho”.

Por isso, a Cidade de Goiás abriga uma diversidade de igrejas que integram seu patrimônio arquitetônico, refletindo a influência religiosa e cultural ao longo dos séculos. Essas construções não apenas enriquecem a paisagem urbana, mas também preservam a memória e a história do estado, sendo testemunhos da colonização e do desenvolvimento da região.

No entanto, o apogeu do ouro não durou muito. Chaul (1997) disserta que a vida do ouro em Goiás durou entre 1726, entrando em declínio por volta dos anos de 1750, levando as pessoas a pensarem em outras atividades econômicas. Ainda conforme o autor, essa desaceleração de exploração se deu por conta “das técnicas rudimentares de extração e exploração das jazidas (ouro de aluvião), a falta de braços para uma exploração mais intensa, a carência de capitais e uma administração preocupada em apenas com o rendimento do quinto” (Chaul, 1997, p. 29). Com isso, começou a se pensar em outras alternativas.

Com o passar dos anos, e com o declínio da exploração do ouro, a pecuária e a agricultura passaram a se consolidar como as principais atividades econômicas da região. Esse processo resultou na desaceleração do crescimento urbano, enquanto as populações rurais começaram a se expandir, fortalecendo a ocupação do interior e a economia baseada no campo. De acordo com Borges (2010, p. 34):

De 1825 a 1933, mais de um século, portanto, Goiás viveu um período de resistência, com uma lentíssima e discreta expansão dos espaços urbanos. Novas construções adaptaram à vila às novas necessidades: hospital, biblioteca pública, teatro, seminário Episcopal e o Liceu. Foi um período no qual praticamente todo o território interior brasileiro buscou desenvolver e consolidar modos socioeconômicos e culturais.

Dessa forma, observa-se também, a perda de *status* político da cidade de Goiás em detrimento da construção e transferência para a nova capital na década de 1930, Goiânia. Com esse movimento, Goiás passou a ter relevância histórica, pois foi nesse território que o estado começou a ser desenhado. Gomide (1999, p. 90) afirma que “a cidade de Goiás passou por dois vazios: o primeiro, com a diminuição do ciclo aurífero; o segundo, com a transferência da capital goiana”, assim, tornou-se fundamental que o município preservasse sua identidade e seu legado histórico para manter sua relevância no estado.

Nesse contexto, observa-se que a história de Goiás está intimamente ligada à atividade aurífera e ao processo de colonização por parte das expedições bandeirantes vindas de São Paulo. Passado todo esse momento, a cidade precisava se reafirmar enquanto centro de relevância cultural e histórica, buscando novas formas de preservar seu legado e manter sua identidade. Gomide (2004, p. 102) afirma que começava aí o “processo de reversão da imagem da cidade degradada para cidade histórica”. Décadas depois, veio o reconhecimento, com o

tombamento de seu conjunto arquitetônico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a inclusão da cidade na lista de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade em 2001, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

A partir daí, a cidade de Goiás virou polo turístico por sua natureza arquitetônica, na forma dos prédios públicos de origem colonial e nas edificações das capelas; e pelas tradições culturais: literatura, festividades, manifestações religiosas, artesanato e gastronomia.

### 3.1.1 A Cidade de Goiás como Patrimônio da Humanidade

Como já dito na subseção anterior, Goiás foi reconhecida como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade em 2001, pela UNESCO, mas, antes desse título, houve outros movimentos que impulsionaram a busca pela preservação dessa cidade. Delgado (2005) afirma que esse reconhecimento coroou uma mobilização que se estabeleceu no ano de 1998, coordenada pelo Movimento Pró-Cidade de Goiás – Patrimônio da Humanidade, que reuniu um conjunto de entidades do município, o IPHAN e os governos municipal e estadual.

Os primeiros movimentos de preservação e reconhecimento da cidade de Goiás como patrimônio histórico começaram na década de 1950, após a transferência da capital para Goiânia, ocorrida em 1937. Nesse período, a cidade enfrentou uma crise de identidade, como pontuou Gomide (2004), pois sua marca estava atrelada à condição de sede do poder político do estado, principalmente após o declínio da exploração do ouro.

Nesse contexto, o tombamento de alguns edifícios públicos e religiosos, de maneira isolada, representaria essa tentativa de levar um novo ânimo à cidade. Delgado (2005, p. 116) afirma que

[...] o tombamento expressa o ritual de registro de um bem nos livros de tomo, momento de sua nomeação oficial enquanto patrimônio e da sua inscrição como objeto de interesse público sob guarda do Estado. O poder público deve zelar pela preservação e conservação das características que o tornam representativo do passado.

Dessa forma, em 1950, a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN) tombou os principais monumentos<sup>22</sup> da cidade, a saber:

- Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte (construída em 1779);
- Igreja de São Francisco de Paula (1761);
- Igreja de Nossa Senhora do Carmo (1786);

<sup>22</sup> Essa listagem está disponível em Delgado (2005, p. 117).

- Igreja de Nossa Senhora da Abadia (1790);
- Igreja de Santa Bárbara (1780);
- Quartel do Vinte (1747);
- Casa de Câmara e Cadeia (1761), hoje, Museu das Bandeiras;
- Chafariz de Cauda da Boa Morte (1778);
- Casa de Fundação e do Palácio Conde dos Arcos.

Mais tarde, em 1978, houve o acréscimo do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da Cidade de Goiás, no qual “foram adicionados diversos elementos aos bens já tombados em 50, à medida que se traçava uma área para o centro histórico” (Prudente, 2006, p. 58). Nas imagens abaixo, visualizamos alguns desses monumentos, que preservam características coloniais:

Figura 10: Vista do Centro Histórico de Goiás/GO (1957)



Fonte: Acervo do IBGE. (Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=424700>. Acesso em 01 de mar. de 2025)

Figura 11: Vista Centro Histórico de Goiás-GO atual



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Figura 12: Museu das Bandeiras<sup>23</sup>



Fonte: Site Câmara de Goiás. (Disponível em: [https://camaragoias.go.gov.br/sing\\_turismo/museu-das-bandeiras/](https://camaragoias.go.gov.br/sing_turismo/museu-das-bandeiras/). Acesso em 01 de mar. de 2025).

Figura 13: Goiás - vista da Serra Dourada



Fonte: Got2globe (Disponível em: <https://www.got2globe.com/editorial/goias-velho-historia-febre-ouro-brasil/>. Acesso em 01 de mar. de 2025).

Figura 14: Igreja Nossa Senhora da Boa Morte



Fonte: Rafael Meirelles (Disponível em: <https://viajantesemfim.com.br/as-igrejas-do-centro-historico-da-cidade-de-goias-go/>. Acesso em 01 de mar. de 2025).

<sup>23</sup> O Museu das Bandeiras é a antiga Casa de Câmara e Cadeia da Província de Goyaz. O museu abriga hoje documentos importantes que retratam a história da administração pública do estado. Sua construção foi finalizada no de 1766, com base no Projeto da Coroa Portuguesa, conforme o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

Observamos, nas fotos acima, que as casas e prédios seguem um modelo. Segundo Borges (2010, p. 6), são “construídas em alvenaria, de taipa, adobe ou tijolo rebocado e caiado de branco, tendo portas e janelas em madeira pintada com cores fortes semelhantes à arquitetura popular portuguesa encontrada no interior de Portugal”. Esses traços característicos dão à cidade de Goiás uma identidade visual única, refletindo sua herança colonial e a influência da arquitetura portuguesa.

Além da preservação da arquitetura da cidade, Goiás também é conhecida em território nacional por ser terra da poetisa Cora Coralina, cujos textos retratam a simplicidade do cotidiano, a força das mulheres e a riqueza cultural do interior goiano. Delgado (2005, p. 115) reforça:

Outro agente da construção de Goiás como âncora da identidade regional e nacional é Cora Coralina. Ao entretecer o rememorar do tempo aos espaços da cidade, ela torna-se artífice de significados para o passado e compõe um mapa da memória que é peça estratégica na consagração de Goiás enquanto cidade histórica e turística.

Sua obra, amplamente reconhecida, contribuiu para a valorização da cidade como um importante centro literário e histórico. Ela recebeu diversos prêmios por conta de suas obras, algumas delas sendo publicadas após seu falecimento. Assim, verificamos que esses conjunto de aspectos contribuiu para que Goiás fosse reconhecida como patrimônio nacional e mundial.

### 3.2. A constituição do *corpus*

Para a obtenção de dados empíricos, a Sociolinguística Variacionista – ou também chamada de Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana – desenvolveu metodologia própria. Tarallo (2002) delinea todo o procedimento metodológico dessa corrente linguística. O linguista afirma que a captação de dados é realizada por meio de gravação de entrevistas, com base em um roteiro semiestruturado, na sequência, é realizada a escuta, a transcrição e análise das falas dos informantes, com base no fenômeno que deseja estudar. Coan e Freitag (2010, p. 183) pontuam que são

[...] dados reais, produzidos por falantes reais, em situações reais de uso, captados pelo procedimento das entrevistas sociolinguísticas. A coleta de dados reais, entretanto, não é tarefa fácil nem rápida. Por isso, bancos de dados constituídos nos moldes variacionistas costumam ser utilizados para a pesquisa de diversos fenômenos de variação linguística, e alguns bancos já são disponibilizados na internet, com amostras de áudio e de transcrição dos dados.

Como visto na citação, os dados que compõe as pesquisas são coletados de maneira muito cuidadosa, respeitando preceitos éticos. Por não ser tarefa simples, muitas pesquisas

fazem uso de banco de dados, criados e montados em âmbitos de grupos de pesquisas de graduação e pós-graduação. Assim, o *corpus* desse trabalho será formado por entrevistas sociolinguísticas gravadas com falantes vilaboenses (nativos da Cidade de Goiás/GO. Para isso, será utilizado o banco de dados composto por 24 entrevistas gravadas e transcritas, coletado por Bernardes (2020) no âmbito do Sociolingo<sup>24</sup>. As entrevistas foram gravadas em um notebook e também pelo celular, sequência foram salvas em forma de áudios digitais em formato (.wav). Para Freitag (2017):

A entrevista sociolinguística é resultado de um processo que se inicia com a seleção do informante, a sua adesão ao experimento e a realização da documentação em áudio propriamente dita. A documentação segue um roteiro, em uma abordagem semiestruturada, com vistas a minimizar os efeitos do paradoxo do observador e contemplar tipos textuais/sequências discursivas e conteúdos específicos/ tópicos discursivos. A entrevista sociolinguística pode ser considerada uma fonte produtiva para se obter diferentes estilos de fala [...] (Freitag, 2017, p. 22).

Para a autora, a entrevista não se restringe somente à gravação; esse processo começa muito antes, desde a seleção dos informantes. Para a construção de uma pesquisa sociolinguística, conforme Freitag (2017), há um conjunto de critérios que devem ser seguidos: seleção dos informantes, construção e preenchimento da ficha social dos informantes, assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)<sup>25</sup>, elaboração de um roteiro semiestruturado com tópicos discursivos que incentivem o informante a falar e, por fim, a gravação da entrevista.

O roteiro da entrevista – disponível nos apêndices dessa dissertação – é importante para a documentação sociolinguística. Ele tem a função de direcionar a entrevista e “fazer com que o informante fale e se esqueça que está em uma situação de monitoramento, com um gravador à sua frente” (Freitag, 2017, p. 23). Além disso, o roteiro é criado com base nas premissas labovianas, com o intuito de captar a fala espontânea do entrevistado e minimizar as interferências do documentador.

Assim, tudo isso é essencial para garantir a coleta de dados de forma sistemática, ética e natural, possibilitando uma análise fiel da variação linguística dentro da comunidade estudada.

---

<sup>24</sup> Essa pesquisa utiliza dados do banco de falas construído no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, liderado pela Profa. Marília Silva Vieira Pereira.

<sup>25</sup> “Anuência do participante da pesquisa ou de seu representante legal, livre de simulação, fraude, erro ou intimidação, após esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, sua justificativa, seus objetivos, métodos, potenciais benefícios e riscos” (Resolução 510/2016).

### 3.2.1 Ética na pesquisa sociolinguística

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é um dos principais instrumentos que garantem a ética em pesquisas acadêmicas, especialmente aquelas que envolvem seres humanos. Nesse documento, são detalhados os objetivos da pesquisa, os procedimentos adotados, os possíveis riscos e benefícios, bem como os direitos e deveres dos participantes. Além disso, o TCLE assegura que a participação é voluntária, permitindo que o indivíduo aceite ou recuse sua inclusão no estudo de forma consciente e informada.

Essas prerrogativas constam no artigo 2º da Resolução 510/2016, normativa que estabelece diretrizes para a ética em pesquisas da Ciências Humanas e Sociais no Brasil. Da mesma forma, quando se trata de pesquisas sociolinguísticas, também deve haver um compromisso ético com os participantes, garantido o respeito à identidade, cultura e possíveis direitos. Freitag (2017) afirma que essa documentação atua como um mecanismo essencial para estabelecer uma relação de confiança entre pesquisadores e participantes.

Para além do TCLE, é fundamental destacar que a ética deve permear todas as etapas da pesquisa, assegurando o cumprimento de normas que garantam a integridade dos participantes. Freitag (2017) enfatiza que toda pesquisa envolve algum nível de risco, uma vez que há sempre a possibilidade de causar algum tipo de dano aos envolvidos. Nesse sentido, a autora ressalta que “por menor risco que exista, sempre vai haver o chamado *risco mínimo*” (Freitag, 2017, p. 50, *grifos do autor*).

Em se tratando de pesquisas sociolinguísticas, os riscos abordados estão voltados para “a exposição da imagem e exposição de informações pessoais; além disso, a abordagem em uma entrevista pode vir a causar constrangimentos ou trazer à memória experiências ou situações vividas que causam sofrimento psíquico”, com isso, é importante adotar medidas que minimizem esses riscos, garantindo o sigilo das informações dos participantes, como temos feito ao longo dessa pesquisa. Clandinin e Connelly (2015) afirmam que

Assuntos éticos precisam ser narrados ao longo de toda pesquisa. Não se pode lidar com eles de uma vez por todas, como pode parecer acontecer, quando formulários de análises éticas são preenchidos e a aprovação do comitê de ética é dada para nossas pesquisas. Questões éticas mudam e mudam assim como mudamos ao desenvolver a nossa pesquisa. Essas questões nunca estão longe do âmago de nossas pesquisas, não importa em que momento estejamos no processo de investigação (Clandinin e Connelly, 2015, p. 220).

O excerto de Clandinin e Connelly (2015) ressalta a natureza dinâmica da ética na investigação científica, enfatizando que ela não se esgota com a aprovação dos comitês

reguladores, mas deve ser considerada ao longo de todo o percurso investigativo. Isso significa que a ética na pesquisa sociolinguística é um elemento vivo e que acompanha o pesquisador, desde a escolha dos informantes, até a divulgação dos dados da pesquisa.

No contexto da presente pesquisa, a atenção às questões éticas torna-se ainda mais crucial, uma vez que lidamos com dados de fala de uma comunidade tradicional e interiorana. Nessas comunidades, os laços sociais são intensos, e as tradições culturais desempenham um papel fundamental na forma como os falantes percebem e avaliam sua própria língua. Assim, o pesquisador deve adotar uma postura sensível e respeitosa, considerando não apenas os aspectos metodológicos da coleta e análise dos dados, mas também as possíveis implicações sociais e afetivas de sua investigação.

Portanto, a condução dessa pesquisa respeita os preceitos éticos, não se restringindo apenas ao cumprimento de normas institucionais e legais, mas também no que diz respeito a uma postura responsável e respeitosa ao lidar com as entrevistas do *corpus* analisado.

### 3.2.2. Coleta e organização do *corpus*

Um outro cuidado importante é em relação ao que Labov (2008) nomeia como paradoxo do observador. Isso se refere ao processo metodológico da Sociolinguística na qual para estudar a fala de um indivíduo é necessário observá-lo, no entanto, muitas vezes, a presença do pesquisador pode alterar o comportamento linguístico do falante, tornando, assim, a fala menos natural. Esse fenômeno ocorre porque os informantes tendem a modificar seu modo de falar quando sabem que estão sendo gravados, adotando uma variedade mais formal ou padronizada da língua.

Dessa forma, de acordo com Labov (2008) e Freitag (2017), é fundamental criar um ambiente no qual o informante se sinta confortável à medida que a entrevista se desenvolve. Durante a análise das entrevistas que compõem o *corpus* deste estudo, observou-se esse fenômeno: os informantes tendiam a iniciar a fala de maneira mais contida, porém, conforme o diálogo avançava e os tópicos do roteiro eram introduzidos, sobretudo aqueles que tratavam de memórias de infância – como a pergunta: *Você se lembra dos seus amigos de infância?* – a fala se tornava progressivamente mais natural e espontânea. Freitag (2017) advoga sobre isso:

Tratar de tópicos relacionados à experiência de risco de morte ou doença e memórias de infância ajuda a minimizar os efeitos do paradoxo do observador: as narrativas de experiência pessoal desempenham papel proeminente dentro da entrevista sociolinguística, pois esse tipo de narrativa é um dos meios primários para reduzir o paradoxo do observador. (Freitag, 2017, p. 23).

As gravações foram realizadas na residência ou no local de trabalho dos informantes, escolhidos pelo método amigo de amigos. Cada entrevista em duração aproximada de 60 minutos cada uma. Antes do início das entrevistas, Bernardes (2020) preencheu uma ficha social contendo informações gerais dos informantes e, em seguida, comunicou-lhes que a entrevista seria gravada. Para complementar, a documentadora também forneceu um questionário socioeconômico e solicitou que assinassem o termo de consentimento. A coleta dos dados aconteceu nos meses de abril e maio de 2019, e depois foram realizadas as transcrições semiortográficas no mês de julho do corrente ano.

As entrevistas foram organizadas considerando três critérios de estratificação: sexo/gênero (masculino e feminino), nível de escolaridade (Ensino Médio e Superior) e faixa etária (20 a 35 anos e 36 a 50 anos). Elas ocorreram em formato de diálogo, no qual o documentador e os informantes interagiam por meio de perguntas e respostas. Esse modelo possibilita que a pesquisa sociolinguística se desenvolva a partir de “situações naturais de comunicação linguística, [...] o objetivo é que o informante não preste atenção à sua própria maneira de falar” (Tarallo, 2002, p. 21), fazendo com que a fala se torne espontânea, ou seja, sem automonitoramento.

Na sequência, foi realizada a transcrição dos dados, ouvindo as entrevistas e transcrevendo-as de maneira semiortográficas, respeitando as particularidades fonéticas da fala dos informantes. Esse processo visa representar com fidelidade as variações linguísticas presentes nas falas dos informantes, permitindo uma análise mais precisa do fenômeno estudado.

A constituição do *corpus* seguiu os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008), com critérios bem definidos de estratificação social e linguística. A seleção dos informantes foi realizada por meio das redes sociais, na qual amigos indicavam outras pessoas de seu convívio, garantindo a formação de um grupo com vínculos sociais próximos e promovendo interações mais espontâneas.

No quadro abaixo, há a distribuição e organização dos informantes dessa pesquisa com base no *corpus* de Bernardes (2020). Como legenda, temos: *GO*, para Goiás; *F/M* para sexo/gênero e *C/S* para escolaridade (sendo *C* para os informantes nível Médio e *S* para o nível superior); além de numerais para se referir às idades: 36 para um informante de 36 anos, por exemplo. Além disso, foram usados pseudônimos para representar os entrevistados. Na presente pesquisa, foi mantida a estratificação e os códigos criados por Bernardes (2020) para os grupos de fatores, conforme demonstra o quadro abaixo:

Quadro 8: Informantes do *corpus*

	Sexo/gênero	Escolaridade	Idade	Identificação do informante
Faixa etária 1 (20-35 anos) F1	F	C	28	GOFC28-Andressa
	F	C	30	GOFC30-Eliana
	F	C	31	GOFC31-Marilene
	F	S	22	GOFS22-Amanda
	F	S	28	GOFS28-Sandra
	F	S	35	GOFS35-Maria
	M	C	22	GOMC22-Renato
	M	C	25	GOMC25-Edmilson
	M	C	28	GOMC28-Tácio
	M	S	24	GOMS24-Caio
	M	S	26	GOMS26-Ronaldo
M	S	30	GOMS30-Muriel	
Faixa etária 2 (36-50 anos) F2	F	C	40	GOFC40-Marta
	F	C	43	GOFC43-Telma
	F	C	45	GOFC45-Luísa
	F	S	41	GOFS41-Andréia
	F	S	42	GOFS42-Rosineide
	F	S	49	GOFS49-Analice
	M	C	37	GOMC37-Marlon
	M	C	38	GOMC38-Lúcio
	M	C	50	GOMC50-Fabrcício
	M	S	36	GOMS36-João
	M	S	45	GOMS45-Roger
M	S	50	GOMS50-Mário	

Fonte: Adaptado de Bernardes (2020, p. 60-61).

Junto à análise do *corpus*, como parte do percurso metodológico, é fundamental realizar um levantamento bibliográfico sobre o fenômeno estudado, com o objetivo de mapear as pesquisas já existentes e estabelecer um contraste com os dados coletados – discussão apresentada no capítulo 2. Essa etapa permite contextualizar o estudo dentro do campo científico e fundamentar a análise, a fim de garantir uma abordagem embasada.

Depois de organizado o *corpus*, foram extraídas as ocorrências de cada uma das variantes de /R/ investigadas, com subseqüente codificação no Excel para análise quantitativa no programa R, tal como detalham as seções a seguir.

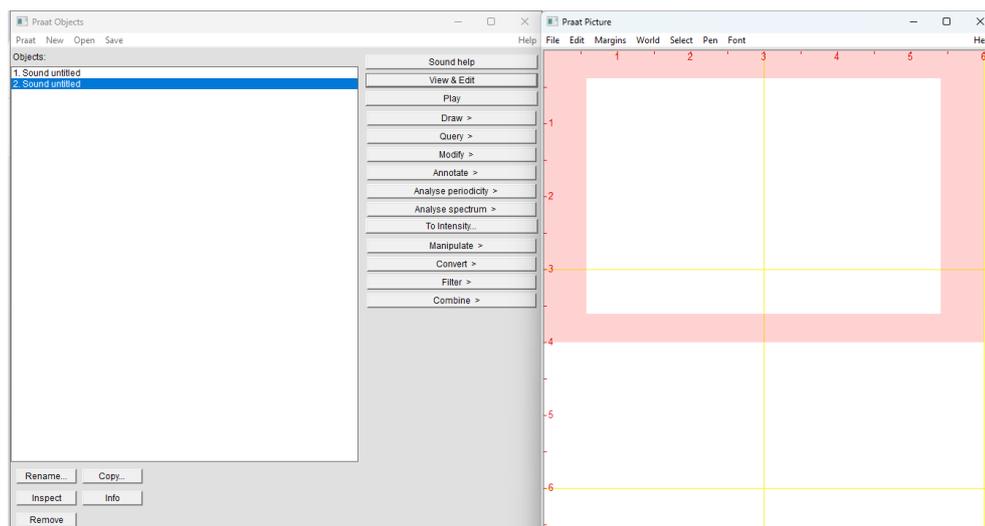
### 3.3 Praat – Análise acústica

Além de analisar os dados quantitativamente, é necessário analisá-los do ponto de vista acústico, afim de diferenciar os sons das variantes. Para isso, utilizaremos o *Praat*, um software aberto desenvolvido pelos linguistas Paul Boersma e David Weenink, ambos do departamento de Fonética da Universidade de Amsterdã. É um programa compatível com os sistemas *Windows*, *Linux* e *MacOs* e pode ser baixado livremente pela internet.

O *Praat* é um software muito utilizado para a análise sonora, especialmente em estudos fonéticos e fonológicos. De acordo com Alves (2009, p. 13), “com esse programa é possível analisar, sintetizar, e manipular desde os segmentos até a melodia dos sons da fala e ainda é possível criar figuras de alta qualidade como espectrogramas, oscilogramas, curvas de *pitch*, intensidade e muito mais”. Dessa forma, conseguimos realizar análises acústicas detalhadas, permitindo a observação e medição precisa de diversos parâmetros sonoros, como frequência fundamental (F0), formantes, duração e intensidade. Um exemplo foi dado na seção 2.5 desse trabalho, quando apresentamos uma diferenciação acústica do /r/ retroflexo e aspirado na palavra “porta”.

Para facilitar o manuseio, o *Praat* disponibiliza um manual que orienta os pesquisadores em sua utilização, auxiliando na navegação e no uso de suas ferramentas. Após a instalação do programa, duas janelas principais serão exibidas: *Praat Objects* e *Praat Picture*. Nosso foco está na janela *Praat Objects*, onde será realizada a manipulação dos dados sonoros. O programa permite a inserção de arquivos de áudio de duas formas: a gravação direta dentro do próprio software ou o upload de um arquivo previamente gravado, ambos no formato *.wav*. Essa flexibilidade possibilita ao pesquisador trabalhar tanto com dados coletados em tempo real quanto com materiais já armazenados, adaptando-se às necessidades da análise acústica. Observemos a figura que mostra a interface do *Praat*.

Figura 15: Interface inicial do Praat

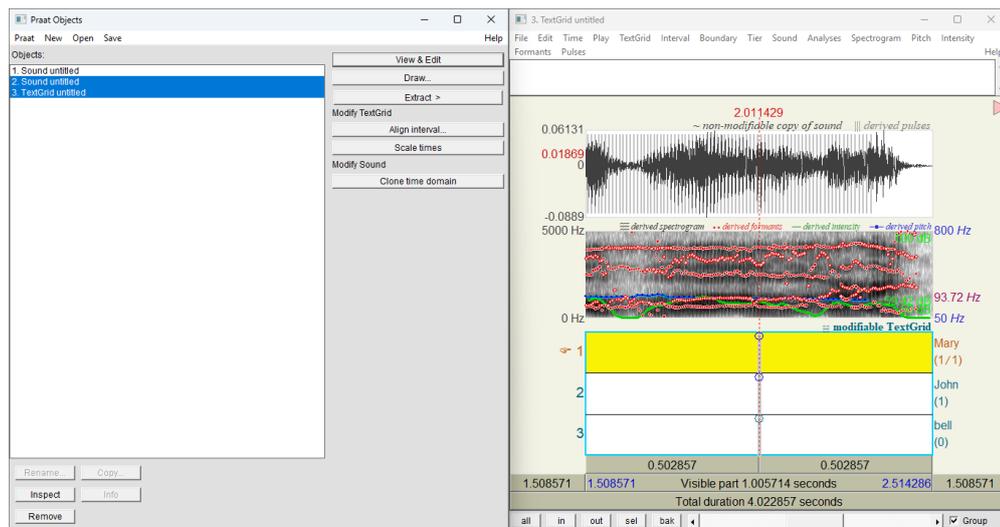


Fonte: Elaboração nossa (*Print de tela*, 2025).

Na sequência, na figura 8, temos a interface no qual manipularemos o som. No menu superior à esquerda há as abas: *Praat*, *New*, *Open* e *Save*, cada uma delas para uma funcionalidade diferente. Quando selecionamos *Open > Open long sound file*, podemos

escolher o áudio a ser analisado, que será enviado para o espaço *Objects*. Para realizar a etiquetagem dos dados, acessamos as opções *Annotate > To TextGrid*. Em seguida, ao selecionar ambos os arquivos – o áudio e a grade de anotações – e clicar em *View & Edit*, o espectrograma será gerado, permitindo a visualização e edição dos dados sonoros diretamente no Praat, como visualizamos na figura abaixo:

Figura 16: Interface com espectrograma criado



Fonte: Elaboração nossa (*Print* de tela, 2025).

Nesse contexto, o uso desse programa auxiliará na distinção dos sons róticos investigados nessa pesquisa, permitindo uma análise acústica detalhada das características fonéticas dessas realizações. No que tange a esses sons, a distinção deles está na medida das frequências de seus formantes: F1, F2 e F3, na qual o retroflexo apresenta queda acentuada na frequência do terceiro formante (F3), o que os diferencia de outras consoantes, como mostrado na seção 2.5 desse trabalho.

Com isso, no capítulo 5, serão expostos outros espectrogramas, gerados a partir de áudios com ocorrências de /R/ dos informantes desta pesquisa, com o objetivo de analisar em detalhes os traços acústicos das variantes linguísticas investigadas.

### 3.4. A análise estatística na Sociolinguística: a linguagem R

Nesta subseção, detalhamos as etapas do processo de análise dos dados no ambiente R, utilizado para a análise quantitativa, em conformidade com os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008).

A partir da extração das ocorrências dos róticos no *corpus*, realizamos uma análise das variáveis independentes com o objetivo de identificar o impacto de cada fator no uso da variável dependente. Esse processo permite determinar o peso relativo de cada variável independente na ocorrência da variação linguística, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada dos padrões de uso dos róticos na comunidade de fala estudada.

A extração das ocorrências do fenômeno estudado foi sistematizada em uma planilha do Excel, estruturada de acordo com as variáveis linguísticas e sociais que serão analisadas. Após a identificação e categorização dos dados, a tabela foi convertida para o formato *.csv* (*comma-separated values*), um padrão que organiza os valores por meio de separação por vírgulas, garantindo compatibilidade com ferramentas de análise estatística. Esse procedimento possibilita a importação dos dados para o ambiente *R*, onde serão submetidos a tratamento estatístico. A imagem abaixo ilustra a organização dos dados nesse processo:

Figura 17: Planilha do Excel com as ocorrências de /R/

VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS		VARIÁVEIS SOCIAIS								
VARIANTE	Contexto fonético precedente	Contexto fonético seguinte	Classe (NOMES, VERBOS, funcionais)	Posição sílaba (coda MEDIAL/FINAL)	Tonicidade	EXTENSÃO DO VOCÁBULO	Localização morfológica	Sexo	Faixa Etária	Escolaridade
Formato: .csv										
OS funcionais, Posição sílaba (coda MEDIAL/FINAL), Tonicidade, EXTENSÃO DO VOCÁBULO, Localização morfológica, Sexo, Faixa Etária, Escolaridade,										
VAR1	PV2	SC	NOME	ME	PRE	TRI	DE	M	F1	C
VAR3	PV2	SC	VER	FI	TO	DI	FO	M	F1	C
VAR1	PV1	SC	VER	ME	TO	TRI	DE	M	F1	C
VAR3	PV1	SV	VER	FI	TO	TRI	FO	M	F1	C
VAR3	PV1	SV	VER	FI	TO	DI	FO	M	F1	C
VAR3	PV2	SV	VER	FI	TO	TRI	FO	M	F1	C
VAR2	PV4	SC	NOME	ME	PRE	TRI	DE	M	F1	C
VAR1	PV3	SC	NOME	ME	POS	DI	DE	M	F1	C
VAR3	PV1	SC	VER	FI	TO	DI	FO	M	F1	C
VAR1	PV4	SV	NOME	FI	TO	DI	FO	M	F1	C
VAR1	PV2	SC	NOME	ME	PRE	PO	DE	M	F1	C
VAR1	PV1	SC	NOME	FI	TO	TRI	FO	M	F1	C
VAR3	PV1	SC	VER	FI	TO	DI	FO	M	F1	C
VAR2	PV2	SC	NOME	ME	TO	TRI	DE	M	F1	C
VAR1	PV1	SC	NOME	ME	TO	DI	DE	M	F1	C
VAR2	PV4	SC	VER	ME	PRE	DI	DE	M	F1	C
VAR3	PV3	SV	VER	FI	TO	TRI	FO	M	F1	C
VAR1	PV2	SC	VER	ME	PRE	PO	DE	M	F1	C

Fonte: Elaboração nossa (*Print* de tela, 2025).

Na imagem acima, temos os dados já preparados para rodagem no ambiente *R*, de forma codificada. Para fins de compreensão dos códigos, atribuímos *VAR1* para a variante retroflexa, *VAR2* para a aspirada e *VAR3* para os casos de apagamentos. Essa última, não será considerada para análise dos dados, mas está descrita na extração dos dados. Para as variáveis sociais, como fizemos no quadro 2, usamos *F1* para a faixa etária de 20 a 35 anos e *F2* para 36 a 50 anos.

Além disso, *F* feminino e *M* masculino; *C* para os informantes de nível médio e *S* informantes de ensino superior.

No que diz respeito às variáveis linguísticas, foram considerados diferentes critérios para a classificação dos dados. O contexto precedente foi representado pela letra *P* seguida de *V* para indicar vogal, acompanhada de números de 1 a 7, correspondendo aos sete sons vocálicos, resultando nas categorias *PV1*, *PV2*, *PV3*, *PV4*, *PV5*, *PV6* e *PV7*. O contexto seguinte foi categorizado como *SC* quando a ocorrência era seguida por uma consoante e *SV* quando era seguida por uma vogal e *S0* para as pausas. Para as classes morfológicas: *VER* verbo, *NOME* para nome e *FUN* para outras classes, denominadas de funcionais.

A posição na sílaba também foi considerada, sendo identificada como *ME* para coda medial e *FI* para coda final. No que se refere à tonicidade, utilizou-se *PRE* para sílaba pretônica, *T0* para tônica e *POS* para pós-tônica. A extensão da palavra foi classificada em *MO* para monossílabas, *DI* para dissílabas, *TRI* para trissílabas e *PO* para polissílabas. Por fim, no que concerne à posição da ocorrência em relação ao radical da palavra, utilizou-se *DE* para ocorrências dentro do radical e *FO* para aquelas fora dele. A organização dessas variáveis linguísticas está representada no quadro abaixo.

Quadro 9: Codificação das variáveis linguísticas

Variáveis Linguísticas		Códigos
Contexto fonético precedente	[a]	PV1
	[e]	PV2
	[ɛ]	PV3
	[i]	PV4
	[o]	PV5
	[ɔ]	PV6
	[u]	PV7
Contexto fonético seguinte	Consoante	SC
	Vogal	SV
	Pausa	S0
Classe Morfológica	Verbo	VER
	Nome	NOME
	Funcionais	FUN
Posição da Sílaba	Coda medial	ME
	Coda final	FI
Tonicidade	Pretônica	PRE
	Tônica	T0
	Pós-tônica	POS
Extensão da palavra	Monossílaba	MO
	Dissílaba	DI
	Trissílaba	TRI
	Polissílaba	PO
Contexto morfológico	Dentro do radical	DE
	Fora do Radical	FO

Fonte: Elaboração nossa (2025).

Com os dados devidamente preparados e organizados, iniciamos a análise no ambiente *R*. De acordo com Ritter *et al.* (2019), o *R* é uma linguagem de programação estatística e gráfica, de código aberto, livre e gratuita<sup>26</sup>, que permite a realização de diversas funções analíticas, tornando-se uma ferramenta amplamente utilizada para o processamento e a visualização de dados em diferentes áreas do conhecimento.

O software *R* foi desenvolvido em 1996 por Ross Ihaka e Robert Gentleman, no Departamento de Estatística da Universidade de Auckland, na Nova Zelândia. Projetado como uma linguagem de programação estatística e gráfica, o *R* surgiu como uma alternativa de código aberto ao software *S*, ampliando suas funcionalidades e tornando-se uma das principais ferramentas para análise de dados, modelagem estatística e visualização gráfica. De acordo com Portela, Oliveira e Viola (2023):

O *R* é uma linguagem de programação frequentemente utilizada como uma ferramenta para análise estatística e manipulação de dados. Suas capacidades funcionais abrangem desde a realização de cálculos simples, criação de tabelas e gráficos, até aplicações mais complexas, como a construção de intervalos de confiança, testes de hipóteses, modelagem linear e não-linear, bem como a criação de mapas. (Portela; Oliveira e Viola, 2023, p. 13).

Com isso, conforme a citação, a linguagem *R* não é utilizada apenas para funcionalidades simples, mas também para análises complexas. Além disso, tem sido amplamente empregada em pesquisas sociolinguísticas variacionistas, com o objetivo de auxiliar na análise quantitativa dos dados, proporcionando maior precisão estatística e permitindo a visualização de padrões linguísticos de forma mais eficiente.

De acordo com Menezes e Vieira (2023, p. 101), o programa *R* “é um software que auxilia a análise de dados. Ele permite selecionar, classificar, quantificar e visualizar a relação entre as variáveis dependentes e as independentes.” Dessa forma, conforme defendem os autores, o *R* é uma ferramenta valiosa, pois possibilita a organização e a análise quantitativa dos dados linguísticos, permitindo a identificação de padrões de variação e mudança linguística. Com isso, o *R* se torna uma ferramenta essencial para pesquisadores e profissionais que lidam com grandes volumes de dados, possibilitando a realização de análises estatísticas.

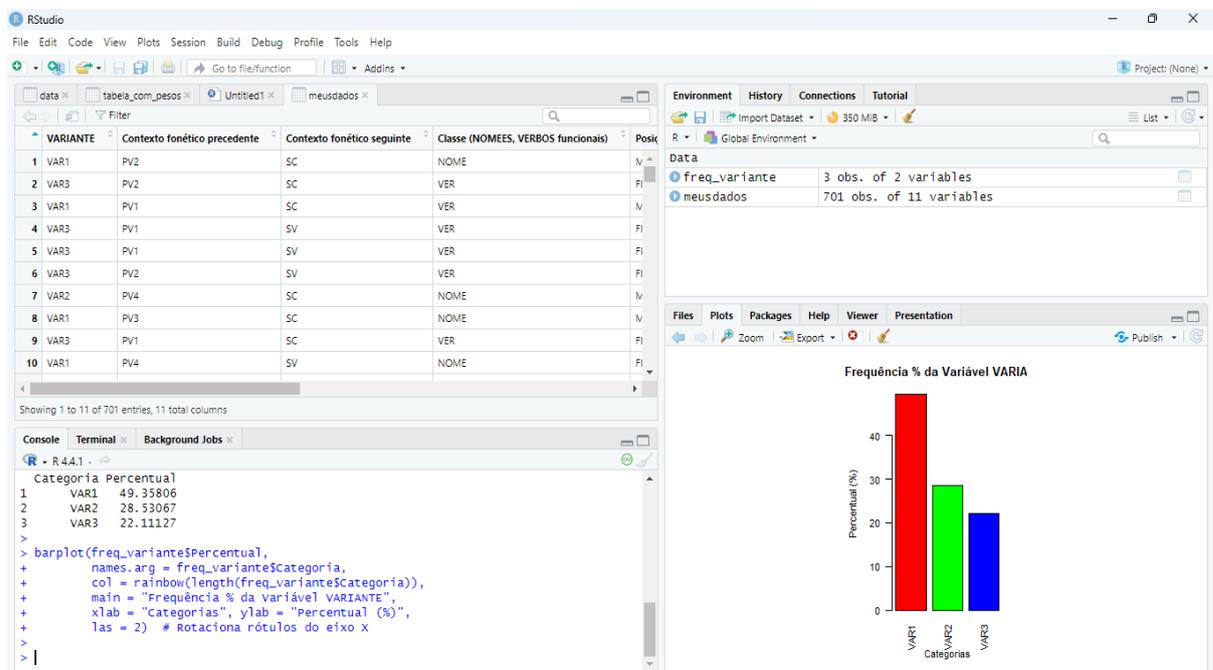
Conforme Portela, Oliveira e Viola (2023, p. 13), o *R* “é uma das linguagens de computação estatística com maior crescimento em escala global”, pois além de ser gratuito, muitos usuários se dedicam a aperfeiçoá-lo, desenvolvendo pacotes, ou seja, pequenos programas que aglutinam novas funcionalidades aos softwares.

---

<sup>26</sup> Pode ser obtido de forma gratuita no site: <https://cran.r-project.org/>.

Menezes e Vieira (2023) argumentam que o *R* se baseia em scripts, o que torna a manipulação de dados mais complexa. Para facilitar esse processo, utilizamos o *RStudio*, uma interface mais intuitiva e acessível para o tratamento dos dados. Segundo Portela, Oliveira e Viola (2023, p. 13-14), “o *RStudio* é um ambiente de desenvolvimento integrado voltado para a utilização do R”, sendo o espaço onde o pesquisador pode escrever, executar e depurar códigos, visualizar gráficos e gerenciar pacotes de forma mais eficiente. Além disso, o *RStudio* organiza o fluxo de trabalho por meio de painéis interativos, permitindo uma experiência mais estruturada na análise estatística. Na imagem abaixo, é possível visualizarmos a interface do *Rstudio* sendo utilizado para gerar nossos dados:

Figura 18: Interface do RStudio



Fonte: Elaboração nossa (*print* da tela, 2025).

Portanto, depois de explicitado o percurso metodológico da presente pesquisa, o próximo capítulo será dedicado à apresentação das variáveis linguísticas e sociais que compõem o *corpus* analisado, abordando a variação dos róticos em coda silábica na fala vilaboense. Além disso, será descrito o tratamento estatístico realizado no *RStudio*, evidenciando detalhes da análise quantitativa dos dados.

## CAPÍTULO 4 – GRUPOS DE FATORES: VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E SOCIAIS

Conforme abordado ao longo deste trabalho, a variação linguística é um fenômeno intrínseco à língua e resulta de fatores tanto estruturais quanto sociais. Nesse sentido, Scherre e Yacovenco (2011, p. 122) afirmam que a “variação e mudança linguísticas são inerentes ao próprio sistema, podendo ser controladas por restrições de caráter interno (estrutural) ou externo (social, contextual, discursivo etc.)”.

Dessa forma, essa seção se dedicará em apresentar e descrever as variáveis que controlam a variação do /R/ em coda silábica na fala dos informantes da Cidade de Goiás. Inicialmente, abordaremos as variáveis linguísticas na subseção 4.1 e as sociais na subseção 4.2.

### 4.1 Variáveis Linguísticas

De acordo com Labov (2008[1972]), as variáveis linguísticas são definidas como o conjunto de fatores estruturais que influenciam a variação de uma determinada variante. Elas podem ser de natureza fonética, morfossintática ou semântica, desempenhando um papel na escolha das formas linguísticas em um mesmo contexto.

Nesse sentido, as variáveis linguísticas consideradas nesta pesquisa incluem: contexto fonético-fonológico precedente, contexto fonético-fonológico seguinte, classe morfológica das palavras, posição silábica (coda interna ou externa), tonicidade da sílaba, extensão do vocábulo e contexto morfológico em que ocorre a variação dos róticos.

Cada uma das variáveis linguísticas escolhidas contribui para a compreensão dos fatores que regulam a variação do /r/ em coda nessa amostra de fala. O *contexto fonético precedente* e seguinte possibilita observar a influência que os sons vizinhos da coda exercem sobre a variante rótica, revelando possíveis padrões. Já a classe morfológica permite identificar em quais classes de palavras certas variantes róticas estão propensas a acontecer. A *posição silábica* também se torna importante nessa pesquisa, pois a estrutura silábica interfere na variação dos róticos, ou seja, algumas variantes tendem a ocorrer mais uma posição que em outra.

Outra variável adotada, é a *tonicidade*, na qual as sílabas tônicas tendem a manter a realização mais plena do segmento rótico, enquanto sílabas átonas estão mais propensas a apresentar formas reduzidas ou apagadas. A *extensão do vocábulo* e a *contexto morfológico* também desempenham papéis fundamentais, na qual palavras com mais sílabas tendem a estabelecer características diferentes daquelas com menor sílabas e, ao mesmo, a localização

do segmento da estrutura da palavra pode influenciar na variação do /r/. Com isso, cada uma dessas variáveis será discutida e descrita a seguir, de modo mais aprofundado, com base nos dados do *corpus* analisado.

#### 4.1.1 Contexto fonético-fonológico precedente

Essa variável diz respeito ao som vocálico presente no núcleo da sílaba em que ocorre a realização do som rótico. Neste estudo, são considerados fonemas vocálicos representados a seguir: [a], [e], [ɛ], [i], [o], [ɔ] e [u]. Destaca-se, nesta variável, o comportamento das realizações do rótico quando em contexto com os fonemas [o] e [ɔ], os quais apresentaram padrões específicos de ocorrência, diferenciando-se dos demais contextos vocálicos.

A seguir, são expostas algumas ocorrências do corpus investigado, mostrando que a variante retroflexa tende a ocorrer quando precedida pelo [ɔ].

- (1) [...] acho que hoje meu **melhor** amigo (GOMC28 – Tácio)
- (2) [...] quando cê sai daqui pra uma cidade **maior** (GOFC45 – Lúcia)
- (3) [...] mas dizer que aquele tempo era **melhor** do que hoje (GOF35 – Maria)

No entanto, por outro lado, a ocorrência do retroflexo depois do [o] se mostrou bastante saliente, como observamos nos trechos abaixo:

- (4) [...] mais envolvido com a capoeira dele ele é **professor** tal (GOFC45 – Lúcia)
- (5) [...] era um **senhor** que era amigo meu (GOF35 – Mário)
- (6) Trabalhando aqui no **computador** e aqui na sala ao lado (GOF35 – Maria)

Nos trechos acima, os sons [o] e [ɔ] vieram seguidos da variante retroflexa. Esse resultado dialoga com os achados de Ricardo (2022, p. 83), que, ao citar Monaretto (1997), ressalta a importância da frequência do rótico retroflexo, afirmando “que encontraram maior porcentagem de retroflexos depois de vogais dorsais em comparação a vogais coronais.”<sup>27</sup> Assim, isso pode explicar o favorecimento da variante retroflexa.

Nesse contexto, também pode haver recorrência de outros sons vocálicos, além desses descritos nos exemplos acima, que podem contribuir para o apagamento do rótico, como acontece com as “vogais de traço [-arredondado] – [a], [ɛ], [e], [i] – estimulariam o cancelamento do /r/” (Ricardo, 2022, p. 73), quando em posição de coda final, principalmente. Esse fenômeno também foi observado por Brandão, Mota e Cunha (2003), reforçando a ideia

<sup>27</sup> As vogais dorsais mencionadas pela autora correspondem às vogais posteriores, enquanto as vogais coronais são identificadas como anteriores, segundo a Fonética Articulatória.

de que certos contextos fonológicos impactam na variação do rótico. Abaixo, apresentamos alguns trechos com ocorrências semelhantes aos dos autores citados:

- (7)[...] a gente deveria **aprender** com os erros (GOFs42-Rosineide).  
 (8)[...] eu tenho muita vontade de **conhecer** a Grécia (GOMS26-Ronaldo).  
 (9)[...] aqui não tem muito o que fazer num tem um **lazer** num tem um lugar assim (GOFC40-Marta)

Com isso, observa-se que alguns padrões se repetem, por isso é necessário analisar de maneira mais detalhada o papel das vogais enquanto contexto fonético-fonológico precedente. Assim, a hipótese levantada é que a variante retroflexa tende a ser favorecida quando precedida por vogais posteriores, especialmente o som [ɔ], enquanto vogais anteriores e não arredondadas, como [a], [ɛ], [e], e [i], promovem o enfraquecimento ou apagamento do rótico. No próximo capítulo, com análise dos dados, serão apresentados e discutidos mais aspectos encontrados.

#### 4.1.2 Contexto fonético-fonológico seguinte

Por sua vez, o contexto fonético-fonológico seguinte, neste estudo, é determinado pela ocorrência de sons consonantais [p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ, m, n, ɾ, x, l], sons vocálicos [a, e, i, o, u] e também pela possibilidade de pausa. Essa variável linguística pode colaborar para a compreensão dos fatores que influenciam a realização do som rótico, uma vez que o contexto fonético-fonológico seguinte pode exercer um papel na articulação e na escolha da variante rótica ou do seu apagamento. Nos trechos abaixo, verificamos alguns exemplos:

**a) consoante**

(10) [...] jogou a bola quebrou a janela da **mulher** da vizinha (GOFC40-Marta)

**b) vogal**

(11) [...] **avisar algum** irmão meu ligar\_ (GOMC38-Lúcio)

**c) pausa**

(12) [...] o que tem pra fazer fora **trabalhar** (GOMC22-Renato)

Nos exemplos acima, foram expostos três trechos do *corpus* com as respectivas possibilidades de ocorrências no contexto fonético-fonológico seguinte: consoante, vogal e a pausa. No primeiro, a informante GOFC40-Marta, realizou a variante retroflexa diante uma consoante. No segundo, GOMC38-Lúcio apaga o rótico diante de uma vogal e, na pausa, GOMC22-Renato mantém o rótico, realizando-o como retroflexo. Nesse contexto, teremos essas três possibilidades e verificaremos quais padrões podem ser observados.

Os estudos de Callou, Leite e Moraes (1998) indicam que o contexto fonético seguinte pode influenciar o apagamento do rótico, especialmente quando este se encontra em posição de coda final. Além disso, os autores afirmam que, quando a posição de coda final é seguida por uma consoante ou por uma pausa, a manutenção do rótico torna-se mais recorrente.

Diante dessa variável e dos dados observados, pode-se formular duas hipóteses: o rótico retroflexo tende a ser favorecido quando é seguido por um som consonantal ou por uma pausa. Por outro lado, quando o contexto seguinte for uma vogal, pode haver um apagamento ou a ocorrência da variante aspirada. Além disso, em alguns casos, “quando seguido de vogal, existe uma grande probabilidade do R, em coda final, sofrer ressilabificação<sup>28</sup>, passando à posição de ataque da sílaba seguinte” (Oliveira, 2018, p. 74), ou seja, quando rótico se une ao som vocálico seguinte, formando o ataque da sílaba seguinte.

No capítulo 5, os dados quantitativos serão analisados para verificar se estas duas hipóteses se confirmam nas ocorrências do *corpus*.

#### 4.1.3 Classe Morfológica

A variável classe morfológica possibilita analisar se as diferentes classes de palavras exercem influência na variação dos róticos em posição de coda silábica. Para este estudo, essa variável foi dividida em três variantes:

- a) Nomes: englobam os substantivos e os adjetivos;
- b) Funcionais: abarcam as preposições, conjunções, pronomes e advérbios; e
- c) Verbos: quer seja de maneira conjugada ou não.

Essa variável tem se mostrado um fator condicionante para a variação dos róticos, conforme apontam muitas pesquisas. Linares, Peixoto e Moreira (2008) e Callou, Moraes e Leite (1998) e Monaretto (2002) têm demonstrado em suas pesquisas que o cancelamento dos róticos é mais frente em verbos do que em nomes, sugerindo que a classe morfológica desempenha um papel relevante na variação linguística.

A direcionalidade no efeito do fator classe gramatical é nítida: verbos incrementam significativamente a média de apagamento do rótico, os demais tipos de item lexical restringem o processo. Inquestionavelmente, a tendência acima reflete, em grande parte, o comportamento particular dos infinitivos, contexto de maior recorrência do apagamento. (Duarte; Paiva, 2011, p. 102)

<sup>28</sup> Rossilabificação é quando o som da palavra anterior se une à seguinte. No nosso caso, o som rótico se aglutina à vogal inicial da palavra seguinte, alterando a posição silábica. Por exemplo: Amar é importante.” → [a.'maɾ e ĩ.pɔk.'tʃ̃.tʃi]. Para este trabalho, os casos de ressilabificação foram descartados.

Em sua pesquisa sobre o apagamento da vibrante em posição pós-vocálica na região Sul, Monareto (2002) constatou que 81% das ocorrências desse fenômeno estavam em verbos, em coda final, em comparação com outras classes gramaticais analisadas. Da mesma forma, no estudo de Oliveira (1997) sobre a variação dos róticos, foi identificado um apagamento em 95,4% das ocorrências em verbos, enquanto nos nomes essa taxa foi significativamente menor, atingindo 33%. Apresentamos, nos exemplos abaixo, alguns trechos onde estão divididos por classe morfológica.

**a) Nomes**

(13) [...] Não era de **carteira** assinada foi como babá (GOF549-Analice).

(14) [...] eu tô gostando do **português** (GOF28-Andressa)

**b) Funcionais**

(15) [...] eu acho bem tranquilo **porque** nunca ouve (GOMS36-João)

(16) [...] saia pras festa né brigava alguma confusão e ficava **por** lá mesmo (GOMC37-Marlon)

**c) Verbos**

(17) [...] cê tinha um medo de **perder** os seus amigos a sua turminha (GOF30-Eliana)

(18) [...] o tempo que precisava ter pra **estudar** pra concurso essas coisas (GOMS36-João)

Os trechos acima exemplificam a variável adotada nessa pesquisa, a saber, a classe morfológica em que ocorrem os róticos. Dessa forma, observa-se a presença dos róticos nos nomes (13 e 14), nas palavras funcionais – preposições, conjunções, pronomes e advérbios (15 e 16) e os verbos (17-18), o que permite analisar como a classe de palavras, regula o /r/.

Já na pesquisa de Carvalho (2009) sobre o /R/ na variedade de fala piauiense, são encontrados resultados interessantes. Na categoria gramatical, a autora verificou que houve predominância de algumas variantes nas classes dos nomes (substantivos e adjetivos): o tepe [r], o zero fonético [∅] e a fricativa palatal [ʃ], o que não aconteceu na categoria dos verbos, na qual predomina a variante glotal [h]. Por outro lado, a pesquisadora também observou que “embora, tradicionalmente, o verbo seja uma das classes de palavras em que mais ocorre o apagamento, no dialeto piauiense, isso não se confirma” (Carvalho, 2009, p. 165). Com isso, verificou-se que os nomes influenciam muito na variação dos róticos.

Diante dos exemplos e das abordagens, levanta-se a hipótese de que a classe morfológica dos nomes, substantivos e adjetivos, favoreça mais a realização da variante retroflexa em relação à aspirada, pois essa categoria demonstra menor proporção de apagamento do rótico. Além disso, uma outra hipótese é que, para a classe das funcionais, a variante retroflexa tende a estar menos presente ou até mesmo ausente, pois são pronunciadas com menor destaque numa

fala espontânea. No capítulo 5, analisaremos como essa variável controla as ocorrências nos dados da fala de Cidade de Goiás e se essas hipóteses se consolidam.

#### 4.1.4 Posição silábica: coda interna e externa

No que se refere à posição do /r/ na sílaba, sua ocorrência pode se dar em coda interna (dentro da palavra) ou coda externa (no final da palavra), como ilustram os exemplos a seguir:

**a) Coda interna**

[...] o que eu mais sinto saudade é a liberdade brincar ne hoje em dia os meninos não brincam assim só no celular né. (GOMC28-Tácio)

**b) Coda externa**

[...] nossa por isso que o povo acha muito bom o militar né porque esses outros colégios que deixa os alunos mais liberado assim parece que fica meio bagunçado. (GOF31-Marilene)

A variabilidade do /R/ em coda interna e externa tem sido objeto de diversas análises na área da fonética e da sociolinguística. Callou, Moraes e Leite (1996) destacam em seus estudos o fenômeno do enfraquecimento fonético do /r/ em coda externa, fator que contribui para o seu eventual apagamento em determinadas situações linguísticas. Já em coda interna, isso não acontece com tanta frequência, pelo contrário, é o local onde a variação se torna mais saliente. Além disso, Bisol (2005, p. 112) afirma que “o /R/ em coda medial tem maior tendência à manutenção e à variação fonética do que o /R/ em posição final, pois está condicionado pela estrutura silábica e pelo encadeamento prosódico da palavra”.

Resultados semelhantes são encontrados em Monaretto (2000), na qual o zero fonético acontece mais em coda externa. Nesse sentido, “o grupo de fatores ‘posição’ foi selecionado como o mais importante de todos” (Monaretto, 2000, p. 282). Com isso, verifica-se que as codas interna e externa desempenham um papel fundamental na variação do /r/.

Em se tratando da coda medial, Lima (2019) pesquisou como se comportava o /r/ nessa posição no português falado em Alagoas. A pesquisadora encontrou quanto variantes em seus dados: a fricativa glotal [h], o apagamento [∅], o tepe [r] e a aproximante retroflexa [ɹ]. Analisando os dados, verificou-se que a primeira, fricativa glotal [h], é mais recorrente, com 77,9% das ocorrências em contraposição ao tepe, sendo encontrado em menor quantidade, com isso, leva a autora a pensar que é “uma variante em extinção” (Lima, 2019, p. 18).

Dessa forma, em contraste com a coda externa, a coda interna apresenta um desenvolvimento consonantal mais complexo. Segundo Hora e Monaretto (2003), essa

complexidade decorre da interação entre diferentes fatores fonológicos, como o contexto segmental adjacente e os processos de assimilação e neutralização. Dessa forma, com base nas pesquisas mencionadas e nos dados do *corpus* analisado, sugere-se a hipótese de que a coda externa exerce maior influência na ocorrência da variante retroflexa do que a coda medial. Isso porque, por estar localizada na posição periférica da sílaba, a coda externa ocupa uma posição fonológica mais livre, menos propensa à pressão articulatória de fonemas adjacentes.

#### 4.1.5 Tonicidade da sílaba

Para essa variável, buscamos analisar se a variação do /r/ em coda é condicionada pela tonicidade da sílaba em que ocorre. Especificamente, investigaremos se a posição acentuada ou átona da sílaba influencia a manutenção, enfraquecimento ou apagamento do segmento, considerando possíveis padrões linguísticos. A seguir, apresentamos a divisão de categorias utilizadas nessa pesquisa:

**a) Pretônica**

[...] assim eu particularmente não incomodo com isso nunca tive vizinho que ligasse o som. (GOF31-Marilene)

**b) Tônica**

[...] conversar potoca e poder se divertir junto mesmo. [GOF28-Sandra]

**c) Pós-tônica**

[...]nossa é super tranquilo. (GOF22-Amanda)

Nos exemplos acima, observamos que, em cada palavra, a sílaba que contém o rótico ocupa uma posição específica em relação à tonicidade, o que pode influenciar sua realização fonética. Na primeira ocorrência, o /r/ está em uma sílaba pretônica, ou seja, antecede a sílaba tônica da palavra. Na segunda, o rótico aparece na sílaba tônica, que recebe o acento principal. Já na última, ele ocorre em uma sílaba pós-tônica, posicionando-se após a sílaba acentuada.

Segundo Carvalho (2009),

A tonicidade da sílaba apresenta alguma significância dentro das análises variacionistas, considerando que esta pode influenciar e governar a variação e a mudança linguística. Muitos pesquisadores também já trataram da sua importância, destacando-a como elemento positivo na correlação de forças nas restrições. (Carvalho, 2009, p. 159).

Dessa forma, conforme a citação apresentada, observa-se que a tonicidade da sílaba desempenha um papel significativo nas pesquisas variacionistas, uma vez que pode influenciar a realização de determinados sons. De acordo com Silva (2013), as sílabas tônicas tendem a

preservar características fonéticas mais marcantes, pois são percebidas com maior nitidez pelos falantes. Por outro lado, as sílabas átonas estão mais propensas a processos de enfraquecimento ou apagamento, fenômenos que podem impactar diretamente a variação linguística.

Para essa variável linguística, levantamos a hipótese de que variante retroflexa tende a ocorrer mais em sílabas tônicas, uma vez que este lugar apresentar mais destaque na fala, ao passo que também o retroflexo é mais complexo e marcado. Com isso, essa distinção reforça a importância de analisar a tonicidade como um fator condicionante na variação do /r/ em coda silábica, permitindo compreender melhor os padrões de manutenção, enfraquecimento ou apagamento desse segmento na fala dos informantes.

#### 4.1.6 Extensão do vocábulo

Essa variável diz respeito ao tamanho da palavra e como isso influencia na variação dos róticos. Analisá-la se torna importante, pois, nas abordagens de Votre (1978), Monaretto (2000), Callou, Moraes e Leite (1996) ficou constatado que é um aspecto significativo e representativo na variação de /r/. Para tanto, essa variável está organizada do seguinte modo:

**a) Monossílabos**

[...] eu gostaria de ir no litoral pra conhecer o mar ainda vou. (GOFC45-Luísa)

**b) Dissílabos**

[...]ah eu sinto saudade mas dizer que aquele tempo era melhor do que hoje. (GOF35-Maria)

**c) Trissílabos**

[...] muito extrovertida muito alegre sabe extremamente popular fazia amizade muito fácil. (GOF35-Maria)

**d) Polissílabos**

[...] mas eu arrependi amargamente. (GOFC45-Luísa)

Nos trechos acima, extraídos do corpus, observa-se a ocorrência dos róticos em diferentes contextos silábicos, variando conforme o número de sílabas das palavras. Em monossílabos, como em *mar* (GOFC45-Luísa), a estrutura reduzida tende a favorecer a manutenção do som. Isso também pode acontecer nos dissílabos, como em *melhor* (GOF35-Maria). Já em trissílabos, como em *popular* (GOF35-Maria), e em polissílabos, como *amargamente* (GOFC45-Luísa), pode favorecer variações na produção do rótico, incluindo seu enfraquecimento ou apagamento, pois “o /r/ seria menos saliente em vocábulos maiores e teria, por isso, maior probabilidade de cancelamento” (Lima, 2019, p. 55).

Outros autores como Callou (1987, p. 107) também fez essa observação nos seus dados da fala urbana da cidade do Rio de Janeiro, afirma que “a variável número de sílaba, quanto menor for este será a probabilidade de realização do rótico”. Diante disso, aventamos a hipótese que a variante retroflexa pode ocorrer com mais frequência em palavras de menor extensão, possivelmente devido ao ritmo da fala dos informantes. Além disso, outra hipótese que pode ser levantada é que, em palavras de maior extensão, o rótico perde força e tende a ser substituída pela variante aspirada ou a até mesmos sofrer possíveis apagamentos.

Dessa forma, a estrutura silábica se apresenta como um fator relevante na variação linguística, sobretudo, no que diz respeito aos estudos do /r/ em coda. Com isso, se faz importante verificar se tais características remontam aos dados de fala da Cidade de Goiás.

#### 4.1.7 Contexto Morfológico

No que se refere à variável de contexto morfológico, o objetivo desta análise é investigar se a variação do /r/ em coda é influenciada pela estrutura morfológica da palavra em que ocorre. Mais especificamente, busca-se compreender se a variação está condicionada à posição do segmento dentro ou fora do radical do vocábulo, explorando possíveis padrões linguísticos que possam indicar um comportamento variável.

Para fins de ilustração, forma adotadas as categorias:

**a) Dentro do radical** – quando o som rótico acontece dentro dessa estrutura:  
[...] no meu caso já levava você pra berada do **corgo**. (GOFC45-Luísa)

**b) Fora do radical** – quando o /r/ acontece fora dessa estrutura:  
[...] vejo que as crianças não saem mais ficam no **celular** o dia todo. (GOF42-Rosineide)

No primeiro trecho, observa-se a ocorrência da palavra *corgo*, uma variação fonética de *córrego*, utilizada pela informante GOFC45-Luísa. Nesse caso, o /r/ está inserido no interior do radical, sendo realizado com a variante retroflexa. Já no segundo trecho, produzido pela informante GOF42-Rosineide, o rótico na palavra *celular* encontra-se fora do radical, pois o termo é estruturado a partir da base *celul-* (radical) acrescida do sufixo *-ar*. Essa informante, por sua vez, usou a variante aspirada.

Dessa maneira, buscamos analisar se essa variável exerce influência significativa na variação do /r/ dentro da comunidade de fala investigada. A hipótese central que orienta esse aspecto é a de que a variante retroflexa tende a ocorrer com maior frequência quando o rótico está localizado dentro do radical das palavras presentes no *corpus*. Essa suposição se baseia na

ideia de que elementos que compõem o núcleo lexical da palavra, por estarem mais fixos, podem contribuir com a manutenção dessa variante. A partir dessa abordagem, na seção seguinte, pretendemos verificar se a posição morfológica do rótico condiciona padrões específicos de variação linguística.

## 4.2 Variáveis Sociais

Os estudos sociolinguísticos destacam a relevância dos aspectos sociais na explicação dos fenômenos linguísticos, enfatizando que a língua não pode ser plenamente compreendida sem considerar o contexto sociocultural em que está inserida. Em outras palavras, conforme aborda Labov (2008[1972]), como já mencionado ao longo desse estudo, a variação linguística é influenciada pelos grupos sociais, contexto histórico-cultural e pelas redes sociais.

Nesse contexto, partimos para a apresentação das variáveis sociais utilizadas nessa pesquisa, pois “ao lado dos aspectos internos, os fatores externos são de suma importância na compreensão dos fenômenos variáveis e postulam que alguns deles podem ser os responsáveis pela variação e pela mudança linguística” (Scherre; Yacovenco, 2011, p. 122). Dessa forma, serão consideradas para essa pesquisa as variáveis sociais: sexo, faixa etária e escolaridade.

### 4.2.1 Sexo

Para essa pesquisa, foram convidados informantes de ambos os sexos, sendo 12 homens e 12 mulheres, totalizando 24 entrevistados. É importante salientar que, para este estudo, não foi considerado discussões de gênero, conforme pontuaram Scherre e Yacovenco (2011, p. 122), “em uma perspectiva social e cultural”.

De acordo com Labov (2008[1972]), quando nos referimos à influência da variável sexo, percebe-se que a mulher é mais flexível ao processo de mudança linguística e, também, no uso de variantes de maior prestígio. Isso se deve ao fato de que as mulheres tendem a ser mais sensíveis às normas sociais e, frequentemente, adotam formas de fala associadas a um status social mais elevado, contribuindo para a difusão de novas variantes prestigiadas em comunidades linguísticas.

[...] as mulheres são mais sensíveis do que os homens aos valores sociolinguísticos explícitos. Mesmo quando usam as formas mais extremas de uma variável sociolinguística em avanço em sua fala casual, as mulheres se corrigem mais nitidamente do que os homens nos contextos formais. (Labov, 2008, p. 282).

Por outro lado, existem possíveis justificativas para o fato de as mulheres recorrerem com maior frequência às variantes linguísticas de maior prestígio em comparação aos homens. De acordo com Lima (2019), uma dessas justificativas está relacionada aos papéis sociais historicamente atribuídos às mulheres, os quais, especialmente nos tempos atuais, passaram por um processo de diversificação significativa em comparação com as décadas anteriores.

De acordo com Callou (1987), em sua pesquisa sobre o dialeto carioca, homens e mulheres falavam de modo diferente, mostrando que as mulheres eram mais propensas a usar uma variedade conservadora e, ao mesmo tempo, instauradora de mudança. Santos (2010) também fez a mesma observação e atrelou isso aos papéis sociais tradicionais que eram desempenhados pelas mulheres. Ainda nessa pesquisa, a autora também observou em seus dados que a fricativa glotal [h] é mais utilizada pelas mulheres e aproximante retroflexa [ɮ] pelos homens, demonstrando, mais uma vez, que fator sexo é relevante e que os homens são mais resistentes à mudança.

Do ponto de vista da dinâmica social, as mulheres exercem um papel significativo que pode ajudar a compreender certas diferenças nos padrões de variação linguística. Desde as primeiras pesquisas de Labov (2008 [1972]), já se observava que elas demonstravam maior sensibilidade às mudanças linguísticas, sendo frequentemente associadas tanto à preservação de formas mais conservadoras quanto à incorporação de novas variantes. Como destaca Ferreira (2023, p. 79), “as mulheres se adaptam linguisticamente mais do que os homens a uma variada gama de situações”, o que evidencia uma flexibilidade que pode estar diretamente ligada aos papéis sociais que tradicionalmente lhes foram atribuídos.

Segundo dados do Censo Demográfico de 2022 do IBGE, o estado de Goiás apresenta uma leve maioria de mulheres, representando 50,87% da população, em contraste com 49,13% de homens. Esse cenário se repete na cidade de Goiás, onde as mulheres correspondem a 50,48% dos 24.071 habitantes, enquanto os homens representam 49,52%<sup>29</sup>. Além, o mesmo censo aponta que a média de domicílios chefiados por mulheres é superior à dos chefiados por homens, considerando o critério da média de moradores por sexo do responsável pelo domicílio.

Nesse contexto, ao articular os dados censitários às características sociolinguísticas da comunidade, levanta-se a hipótese de que as mulheres da Cidade de Goiás tendem a se afastar da variante retroflexa, não utilizando com frequência esse som, mas favorecendo, portanto, o uso da variante aspirada do /r/. Tal escolha pode estar relacionada a fatores como a busca por

---

<sup>29</sup> Dados da Plataforma: Panorama Censo 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em 12 abr. 2025.

prestígio social ou mesmo uma maior sensibilidade às normas linguísticas legitimadas, como dissertava Labov (2001).

Scherre e Yacovenco (2011) argumentam que não é o gênero, isoladamente, o fator responsável pela maior sensibilidade das mulheres às variantes linguísticas, mas sim os comportamentos sociais, em especial, uma postura menos conformista em relação às normas estabelecidas. Segundo as autoras, esse comportamento não conformista pode levar as mulheres a adotar formas linguísticas que desafiam expectativas ou que sinalizam identidade, mobilidade social ou pertencimento a determinados grupos.

Labov (1990; 2001) dá continuidade à discussão sobre o papel do gênero em fenômenos linguísticos variáveis e observa que o efeito do gênero provoca diferenças instigantes, a depender do tipo de mudança (Labov, 2001: 262; 366). Desse modo, em mudanças com consciência social (*changes from above*), as mulheres usam mais as variantes de prestígio do que os homens.

Por outro lado, em mudanças sem consciência social (*changes from below*), são também as mulheres que utilizam as formas inovadoras com mais frequência. Para Labov, é difícil conciliar esse duplo comportamento. Por isso, admite a existência do *Paradoxo do Gênero*, segundo o qual, inicialmente: “as mulheres se conformam mais fortemente do que os homens às normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritas, mas se conformam menos do que os homens quando as normas não são explicitamente prescritas” (Labov, 2001, p. 293). Segundo Labov (2001, p. 366) mesmo assim, “permanece o problema de saber por que razão as mesmas pessoas são às vezes mais “conservadoras” e às vezes mais “progressistas”.

Em contraste, algumas pesquisas como Callou (1987), Santos (2010), Lima (2019) sugerem que as mulheres tendem a adotar, também, com maior frequência formas linguísticas inovadoras em relação aos homens. Labov (2008[1972], p. 345) discute isso ao citar o estudo de Gauchat<sup>30</sup> sobre a variação linguística do dialeto de Charmey, qual foi observado “a existência de mudança em progresso, e papel das mulheres na promoção da mudança linguística. Caso após caso, Gauchat descobriu que as mulheres usavam mais as formas linguísticas inovadoras do que os homens”.

Labov (2008[1972], p. 346) compara os resultados de Gauchat com o seus, sobre a evolução do inglês na cidade de Nova York, afirmando “que as mulheres usam as formas mais avançadas em sua própria fala informal e se corrigem mais nitidamente no outro extremo da fala monitorada”. Assim, ao articularmos os dados do IBGE com o arcabouço teórico adotado,

---

<sup>30</sup> Gauchat (1905) realizou um estudo sobre a alternância entre [ʌ] e [y] em Charmey, uma comunidade suíça. Nessa pesquisa, ele constatou que as mulheres tendiam a ser mais suscetíveis à promoção de mudanças linguísticas.

aventamos a hipótese de que o uso da variante aspirada possa ser mais comum entre as mulheres, que será testada no capítulo seguinte.

#### 4.2.2 Faixa Etária

A faixa etária é uma das variáveis sociais amplamente investigada nos estudos sociolinguísticos, pois desempenha um papel essencial na compreensão dos processos de variação e mudança linguística. No presente estudo, abordaremos essa variável em dois grupos etários: o primeiro abrange indivíduos de 20 a 35 anos, enquanto o segundo compreende aqueles com idades entre 36 e 50 anos. É válido ressaltar que, a faixa etária não se restringe à idade dos informantes, mas, conforme aponta Freitag (2005, p. 106), “a elas estão relacionados outros aspectos sociais, tais como rede de relações sociais, mercado de trabalho escolarização”.

Nesse contexto, a análise dos fenômenos linguísticos não pode se restringir exclusivamente à perspectiva da faixa etária, pois a variação é influenciada por uma série de fatores interligados. Ao longo da vida, passamos por diferentes experiências sociais, interagimos com diversos grupos e somos expostos a contextos comunicativos variados, o que impacta diretamente o uso da linguagem (Freitag, 2005). Dessa forma, o olhar apurado para essa variável se torna necessário.

Labov (2008[1972]), em sua pesquisa na ilha de Martha's Vineyard, utilizou quatro faixas etárias para a seleção dos informantes, sendo elas: 14-30 anos, 31-45 anos, 46-60 anos e 61 a 75 anos. Como resultado, concluiu que os informantes mais jovens usam mais a variedade da língua falada ilha, principalmente os do sexo masculino. Por sua vez, Eckert (1997) apresenta e defende as faixas etárias que representem o curso da vida linguística, sendo a infância, adolescência, a vida adulta e a velhice, pois cada uma dessa está associada a experiências sócias distintas.

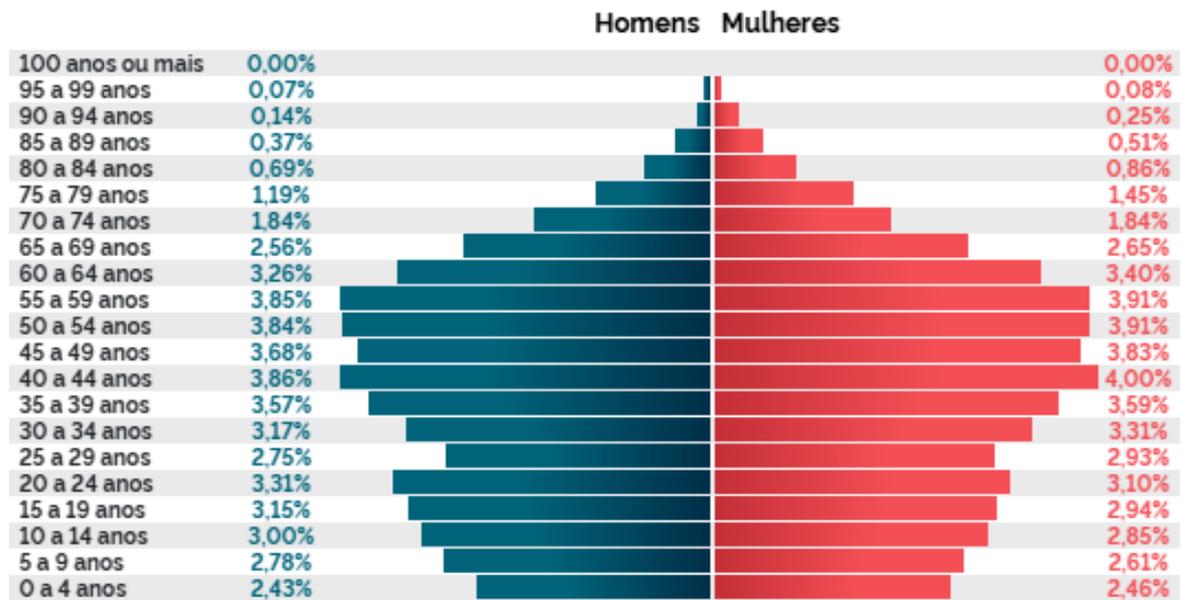
No que diz respeito à atuação dessa variável em estudos sobre o /r/ em coda, verificamos que há uma atuação significativa. Lima (2019) adotou três faixas etárias em seu estudo sobre o /r/ em coda em Alagoas: 18-30 anos, 40-55 anos e acima de 65 anos. Com base em seus dados, concluiu que os informantes com mais de 50 anos usam mais a variante retroflexa, perfazendo uma frequência de 58% (com peso relativo .88), enquanto os jovens utilizam a variante fricativa glotal, com 97% de frequência (peso relativo .78). Resultados semelhantes foram encontrados por Santos (2010), na qual os mais jovens não utilizam, com frequência, a variante retroflexa.

Na pesquisa de Almeida (2018) sobre os róticos no Centro-Oeste, observou-se que a variante glotal tanto na coda interna quanto externa dos foi a mais usada pelos jovens e o tepe

mais utilizado pelos informantes mais velhos. Por outro lado, a pesquisadora verificou que “a variante retroflexa e o apagamento não operam como demarcadores sociais, pois, em nossos resultados, as variáveis sexo e faixa etária não foram muito relevantes nem para um, nem para outro fenômeno” (Almeida, 2018, p. 228).

Em relação à distribuição etária na cidade pesquisada, os dados do IBGE revelam que a maior parte da população é composta por pessoas com mais de 30 anos, quando comparada à faixa etária mais jovem. Esse padrão fica evidente na análise a seguir, conforme ilustrado na imagem abaixo:

Figura 19: Pirâmide Etária da cidade de Goiás



Fonte: IBGE (2022). Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores>. Acesso em: 12 de abr. 2025.

Diante disso, observa-se que a população de vilaboense é predominantemente composta por pessoas mais velhas, mas, ao mesmo tempo, conta com uma parcela considerável de jovens. Esse fenômeno pode ser explicado, entre outros fatores, pela presença de instituições de ensino na cidade, como a Universidade Estadual de Goiás (UEG), Universidade Federal de Goiás (UFG) e Instituto Federal de Goiás (IFG), que atraem estudantes de diferentes idades, contribuindo para uma dinâmica demográfica mais equilibrada.

Nesse mesmo contexto, coexistem variedades linguísticas tradicionais, pela presença de pessoas com mais idade e com raízes na cidade e variedade inovadoras, pela movimentação estudantil. Com base nesses fatores, levantamos as hipóteses de que o informante de mais idade mantém o uso da variante retroflexa em coda, por se tratar, aparentemente, da forma mais tradicional no estado, herdada dos bandeirantes paulistas no Ciclo do Ouro - vide a história

dessa variante descrita no *Capítulo 3*, ao mesmo tempo que os mais jovens usam a variante aspirada como forma inovadora. No capítulo 5 desse estudo, analisaremos se essa variável possui influência significativa na realização dos róticos na comunidade de fala estudada.

#### 4.2.3 Escolaridade

A variável escolaridade desempenha um papel fundamental neste estudo, pois, historicamente, variantes estigmatizadas – como a retroflexa – foram frequentemente associadas a indivíduos com baixa escolaridade ou sem acesso formal à educação, como pontuava Amaral (1972). Para essa pesquisa, adotamos as categorias: ensino médio e ensino superior para nos referir ao grau de escolaridade dos informantes.

Muitos estudos já apontaram a escolaridade como fator condicionante de certos padrões linguísticos influenciando a escolha e a frequência de uso de variantes. Em um estudo conduzido por Skeete (1996) sobre a realização dos róticos em João Pessoa, Paraíba, foi observado que as variantes retroflexas, vibrante simples e a vocalização estavam predominantemente associadas a falantes do meio rural, especialmente àqueles com baixa escolaridade ou sem acesso formal à educação. Esses traços linguísticos, portanto, funcionavam como marcadores sociais, refletindo diferenças no perfil dos falantes.

Os estudos de Monaretto (2000), Santos (2010), Lima (2019) mostram resultados semelhantes aos de Skeete (1996), na qual o fator escolaridade é marcante para a realização de algumas variantes estigmatizadas. Em contraste, Ricardo (2022, p. 99), “com respeito à escolaridade, os resultados não apontaram diferença significativa” no uso do /r/ retroflexo na região metropolitana de Porto Alegre (RS).

Também chamada de escolarização, essa variável tende a influenciar significativamente a variação linguística, atuando como um fator determinante na adoção de variantes mais próximas ou mais distantes da norma-padrão e a escola, enquanto espaço formal de ensino, desempenha um papel primordial nesse processo, uma vez que, segundo Bortoni-Ricardo (2005), a escola ensina a língua da cultura dominante e tudo que é diferente disso, é tido como errado. Nessa mesma linha, Votre (2007) assevera que é na escola onde a norma padrão é amplamente ensinada e reforçada:

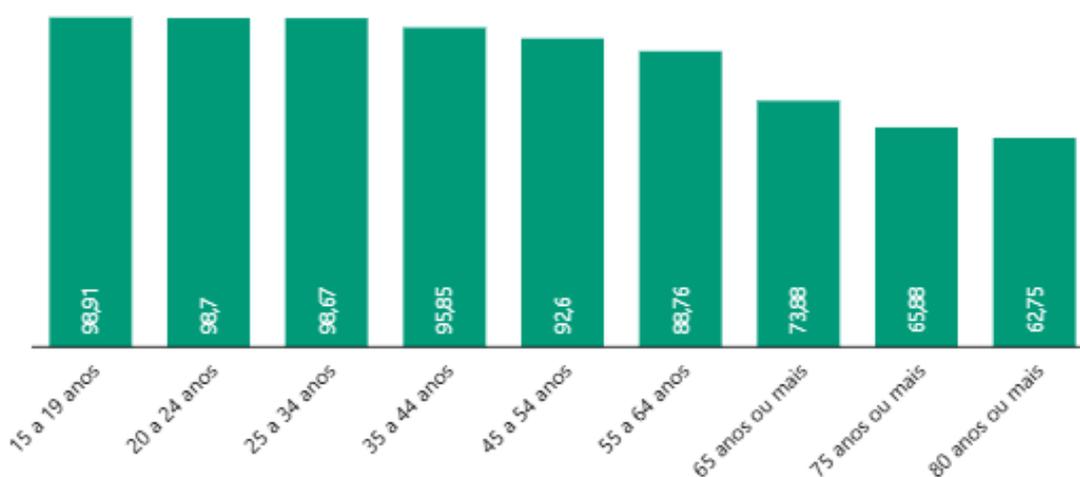
[...] a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades. Veículo de familiarização com a literatura nacional, a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e escrever. Compreende-

se, nesse contexto, a influência da variável nível de escolarização, ou escolaridade como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança. (Votre, 2012, p. 51).

Dessa forma, partindo desse pressuposto, compreende-se que a escolarização atua na regulação da variação linguística, sobretudo, no que diz respeito às variantes não-padrão. Na cidade de Goiás, o índice de escolarização das crianças de 6 a 14 anos de idade é de 98,2%, de acordo com o IBGE e a taxa de alfabetização, de acordo com o mesmo censo (2022) é de 91,09%.

Na imagem abaixo, observa-se que, a partir da faixa etária de 55 anos, o percentual de alfabetização vai diminuindo na população vilaboense:

Figura 20: Taxa de alfabetização por faixa etária



Fonte: IBGE (2022). Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores>. Acesso em: 12 de abr. 2025.

Logo, percebe-se que quanto maior a idade do falante, menor tende a ser o índice de escolarização e, conseqüentemente, maior pode ser a preservação de traços linguísticos tradicionais ou menos alinhados à norma-padrão. Ferreira (2023) também considerou a escolaridade como variável em sua pesquisa e, concluiu que o gerúndio na fala vilaboense é condicionada por ela, ou seja, quando maior a escolaridade, mais tende a usar a variante conservadora.

Porém, a natureza das variantes de /R/ é diferente da queda de oclusiva em gerúndio, em se tratando da comunidade de fala vilaboense, já que a variante retroflexa não caracteriza inovação, mas sim, um uso tradicional. No que tange à forma aspirada, mesmo que seja inovadora, também não parece causar reações negativas por parte dos falantes. Portanto, nesta

pesquisa, no que diz respeito ao /R/ em coda silábica, levantamos a hipótese de que a escolaridade não levaria a uma grande discrepância na escolha das variantes, seja a retroflexa ou a aspirada, contudo, um cruzamento entre as variáveis faixa etária e nível de escolaridade poderia revelar se há alguma interseção entre esses grupos de fatores em relação à preferência pela retroflexa ou pela aspirada.

Diferentemente de fenômenos mais visíveis à norma-padrão, como o apagamento da oclusiva no gerúndio analisado por Ferreira (2023), as variantes do /r/ em coda podem estar mais enraizadas em fatores identitários, históricos e contextuais do que necessariamente no grau de escolarização do falante. Essa hipótese será testada com base nos dados e verificaremos se será confirmada na análise da seção seguinte.

#### 4.3 Envelope de variação

O envelope de variação é um termo usado na Sociolinguística Variacionista para delimitar o conjunto de fatores linguísticos em que um fenômeno variável pode ocorrer, permitindo a identificação e análise de seus parâmetros. Em outras palavras, é a descrição da variável dependente, de suas variantes e dos fatores condicionadores que atuam na variação.

Nesse contexto, o envelope de variação funciona como um universo em que a variação pode acontecer. A definição desse envelope é importante para análise quantitativa, pois permite que o pesquisador foque nos dados relevantes para a pesquisa, evitando distorções na análise estatística. Nesse sentido, o quadro a seguir apresenta os elementos que compõem o envelope de variação adotado nesta pesquisa:

Quadro 10: Envelope de variação da pesquisa

<b>Variável dependente</b>	Retroflexa [ɻ]	Aspirada [h]	Apagamento [∅]
<b>Variáveis linguísticas</b>	<b>Variável</b>	<b>Variantes</b>	
		[a]	
	Contexto fonético precedente	[e] [ɛ]	
		[i]	
		[o] [ɔ]	
		[u]	
	Contexto fonético seguinte	Consoante	
		Vogal	
		Pausa	
	Classe Morfológica	Verbo	
		Nome	
		Funcionais	
	Posição da Sílab	Coda medial	
		Coda final	

	Tonicidade	Pretônica Tônica Pós-tônica
	Extensão da palavra	Monossílaba Dissílaba Trissílaba Polissílaba
	Contexto morfológico	Dentro do radical Fora do Radical
<b>Variáveis sociais</b>	Sexo	Masculino/Feminino
	Faixa Etária	20 a 35 anos e 36 a 50 anos
	Escolaridade	Nível médio e superior

Fonte: Elaboração nossa (2025).

No próximo capítulo, apresentaremos a análise quantitativa dos dados, à luz das variáveis previamente discutidas aqui, a partir de softwares como o PRAAT e o R. Na oportunidade, será possível verificar se as hipóteses aventadas serão aceitas ou não, traçando um panorama sociolinguística do /R/ em coda na fala vilaboense.

## CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar a análise dos dados da pesquisa, realizada com o auxílio dos programas R e PRAAT. Está estruturado da seguinte forma: na subseção 5.1, apresentamos a inspeção acústica com o intuito de diferenciar as variantes róticas analisadas; na subseção 5.2, discutimos a distribuição das ocorrências com base nas variáveis linguísticas; por sua vez, na subseção 5.3, analisamos os efeitos das variáveis sociais; e, por fim, na subseção 5.4, abordamos o significado social do /R/ na cidade de Goiás (GO).

Notamos, de modo geral, no *corpus* constituído de 24 entrevistas sociolinguísticas de falantes vilaboense, um total de 701 ocorrências do /R/ em coda silábica. Deste total, 346 ocorrências correspondem à variante retroflexa, 200 à variante aspirada e 155 ao apagamento do rótico. A seguir, apresentamos esses dados em tabela, com o objetivo de proporcionar uma visualização mais clara.

Tabela 2: Distribuição geral dos dados

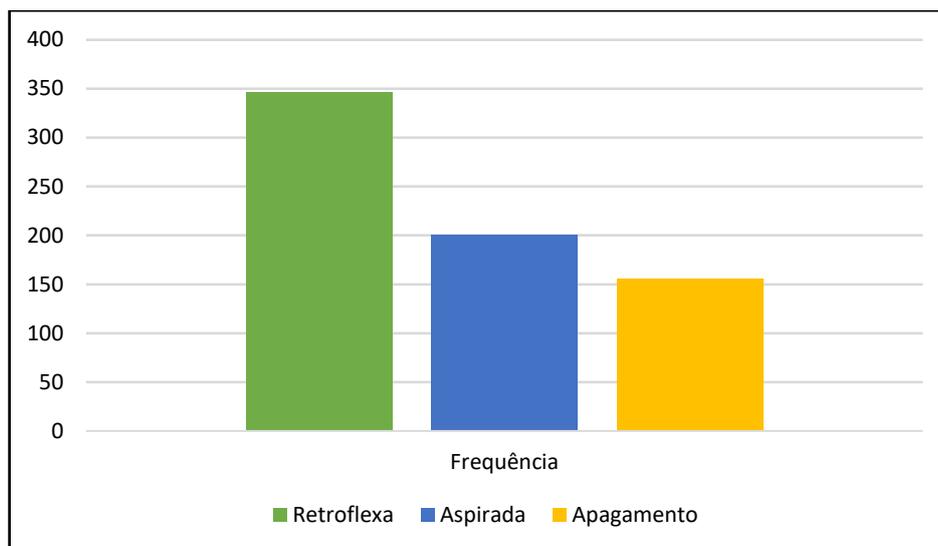
	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Retroflexa [ɻ]	346	49,3%
Aspirada [h]	200	28,5%
Apagamento [ø]	155	22,1%

Fonte: Elaboração nossa.

A partir dos dados apresentados na tabela, observamos que a variante retroflexa do /r/ em coda silábica constitui a realização mais frequente no *corpus* analisado, correspondendo a 49,3% do total de ocorrências. Em seguida, destaca-se a variante aspirada, responsável por 28,5% das realizações, enquanto o apagamento do segmento rótico representa 22,1% dos casos registrados.

À primeira vista, a pergunta de pesquisa — *O retroflexo é realmente a variante predominante do /r/ em coda na fala goiana, ou existem outras variantes, como o /r/ aspirado, que também caracteriza a fala dos goianos, ou pelo menos, a da comunidade de fala da Cidade de Goiás?* — começa a ganhar contornos mais definidos a partir desses dados gerais, pois eles demonstram que a variante retroflexa ainda é maioria na posição de coda, mas está acompanhada de um percentual expressivo da variante aspirada. Abaixo, segue um gráfico que ilustra a distribuição destas ocorrências.

Gráfico 1: Distribuição geral das variantes



Fonte: Elaboração nossa.

O gráfico reforça a presença marcante da /R/ retroflexo no *corpus*. Podemos inferir que essa variante pode estar associada a um processo de estabilização fonológica, na qual se consolidou como uma forma dominante. Dito isso, passamos às análises das variáveis linguísticas e sociais que controlam a realização das variantes retroflexa e aspirada do /r/ em coda silábica na fala da Cidade de Goiás – GO. Antes, no entanto, apresentamos as diferenciações acústicas que caracterizam essas duas realizações, a fim de fundamentar a distinção entre elas.

### 5.1 Inspeção Acústica das variantes do *corpus*

Com o intuito de analisar com maior precisão as realizações dos sons de /R/ presentes no *corpus* desta pesquisa, recorreremos ao uso do software *Praat* (Boersma; Weenink, 2007), uma ferramenta amplamente utilizada na Fonética Acústica. Conforme discutido no Capítulo 2 desta dissertação, o programa se mostrou fundamental para a identificação e a confirmação e diferenciação das variantes róticas permitindo uma visualização detalhada dos traços acústicos associados a cada realização.

A seguir, apresentamos dois espectrogramas obtidos a partir dos dados analisados nesta pesquisa. Os áudios desses espectrogramas, contendo as palavras analisadas, podem ser ouvidos escaneando o QR Code a seguir:

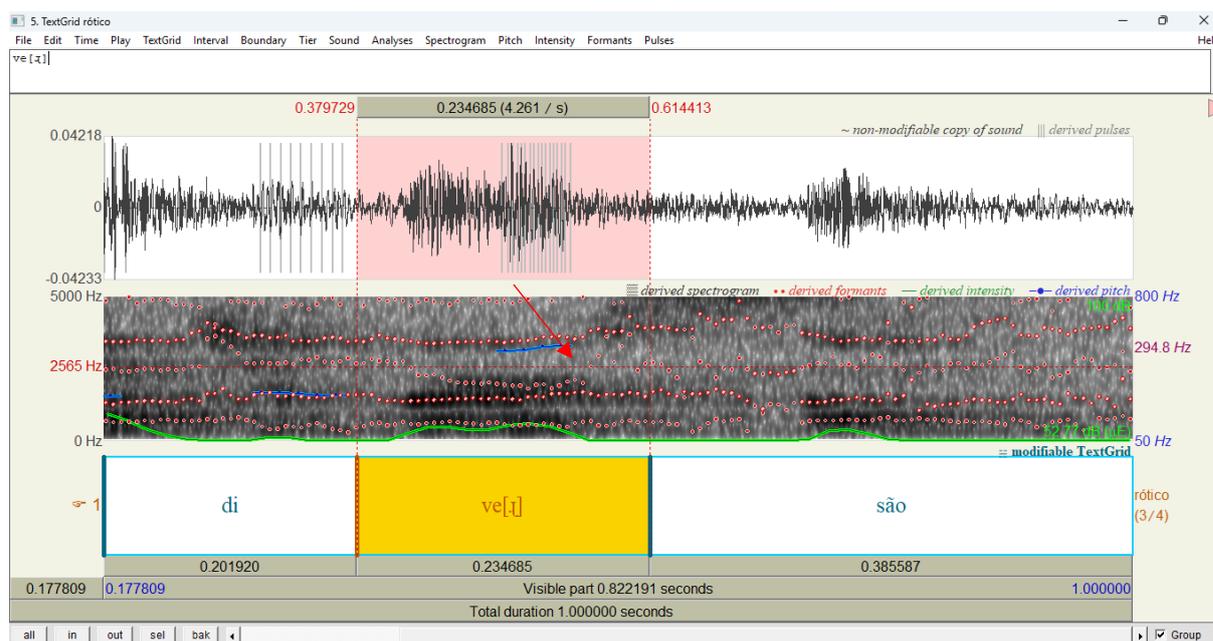
Figura 21: Audição das variantes estudadas



Fonte: Elaboração nossa (2025).

O primeiro corresponde ao informante GOMC28-Tácio, cuja realização do segmento /R/ evidencia o uso da variante retroflexa na palavra *diversão*. A figura abaixo ilustra a representação espectrográfica desse segmento:

Figura 22: Espectrograma - diversão - (GOMC28-Tácio)



Fonte: Elaboração nossa (2025).

Ao observar esse espectrograma, nota-se que o segmento rótico da palavra *diversão* apresenta características acústicas marcantes da variante retroflexa, sobretudo, no que diz respeito medidas da frequência dos formantes F1, F2 e F3. O que distingue acusticamente essa variante das outras, como postula Lehiste (1962), é a queda acentuada na frequência do terceiro formante (F3). No quadro abaixo, apresentamos os valores dos formantes desse espectrograma.

Quadro 11: Valores dos formantes do /R/ retroflexo

Formantes	Valor aproximado em Hz
F1	541 Hz
F2	1430 Hz
F3	1896 Hz

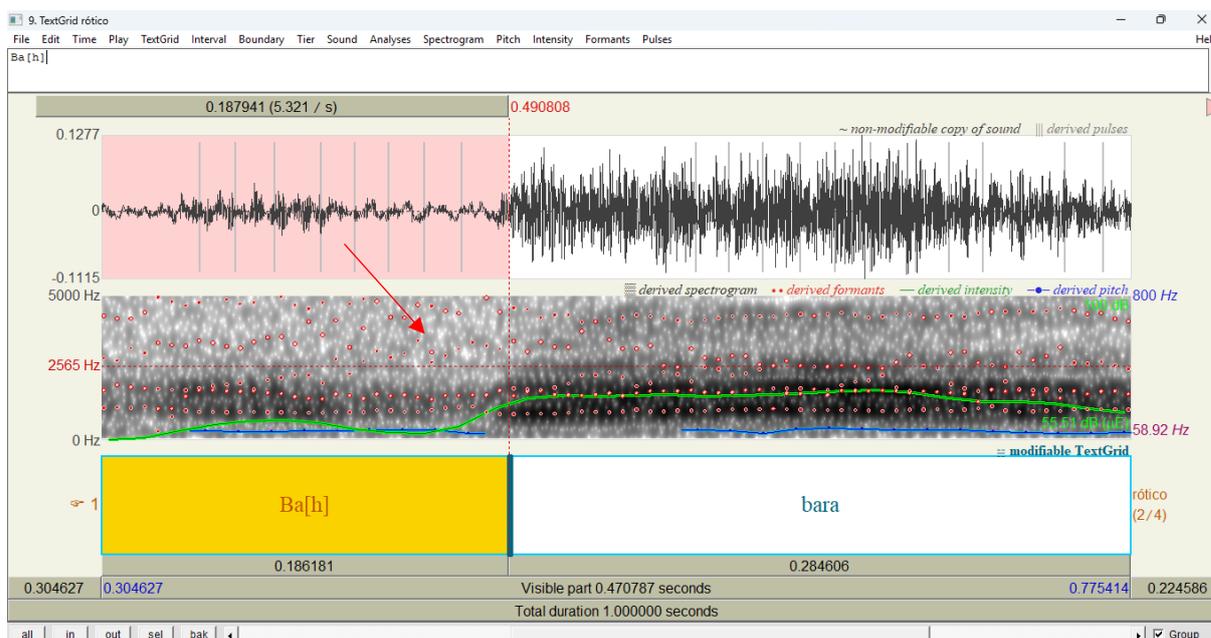
Fonte: Elaboração nossa.

O primeiro formante (F1) apresentou uma frequência de 541 Hz, valor compatível com uma abertura vocal baixa, como é característico em sons consonantais (Lehiste, 1962). Na sequência, o segundo formante (F2) evidenciou uma frequência recuada de 1430 Hz, sugerindo uma articulação mais posterior, indicativa do início de um movimento retroflexo. Por fim, o terceiro formante (F3) situou-se em 1896 Hz, também rebaixado e relativamente próximo ao F2 (como assinalado na imagem acima por uma seta vermelha) o que reforça a identificação da retroflexão.

Ladefoged e Maddieson (1996) e Lindau (1985) foram autores que discutiram o rebaixamento do terceiro formante (F3) como uma característica acústica marcante do /R/ retroflexo. Na maioria dos dados analisados por esses pesquisadores, os valores de F3 associados ao /r/ retroflexo situam-se abaixo de 2000 Hz, frequentemente na faixa de 1800 a 1900 Hz, contrastando com os valores mais elevados observados em variantes alveolares ou uvulares do /r/, cujos F3 geralmente excedem 2500 Hz. Dessa forma, com esse espectrograma, conseguimos ratificar a ocorrência do rótico retroflexo nos dados desta pesquisa e diferenciar das outras variantes encontradas.

Além da análise espectrográfica do /R/ retroflexo, apresentamos também o espectrograma do /R/ aspirado, mostrado na imagem abaixo, realizado pela informante GOFC45-Luísa ao se referir a Santa Bárbara, mas utilizamos somente *Bárbara*.

Figura 23: Espectrograma - Barbara - (GOF45-Luísa)



Fonte: Elaboração nossa (2025).

Diferentemente do rótico retroflexo, o aspirado não apresenta formantes claramente definidos, uma vez que sua produção envolve turbulência fricativa sem estrutura harmônica estável. É um som produzido pela glote e não envolve a cavidade oral, o que impede a formação de ressonâncias vocálicas típicas, como os formantes F1, F2 e F3.

Ao analisar o espectrograma acima, observa-se também que o ruído acústico é espalhado sem demonstrar marcas nítidas. Além disso, não há evidência de estrutura harmônica ou presença de pitch (F0), indicando a natureza surda do segmento. Nesse contexto, com o auxílio do *Praat* conseguimos expor diferenciações entre os sons róticos pesquisados na comunidade de fala de Cidade de Goiás.

Agora, de fato, passemos a discutir a respeito das variáveis linguísticas e sociais que condicionam a variação do /R/ nesta comunidade de fala. Dentre as variáveis linguísticas que serão apresentadas a seguir, destacam-se como estatisticamente mais significativas, conforme a análise realizada no software *R*, as seguintes: classe morfológica, posição da coda e tonicidade da sílaba. No que se refere às variáveis sociais, a faixa etária foi identificada como a mais relevante. No entanto, ainda assim, os resultados de todas as variáveis serão reportados em tabelas, garantindo a transparência na apresentação dos dados e proporcionando uma análise detalhada.

## 5.2 Variáveis Linguísticas

Nesta subseção, os dados serão apresentados e analisados conforme as variáveis linguísticas adotadas na pesquisa, descritas a seguir.

### 5.2.1 Contexto fonético precedente

O fator contexto fonético precedente possibilita verificar qual fonema vocálico pode favorecer ou inibir a realização do /R/ retroflexo, reforçando a ideia de Brandão, Mota e Cunha (2003) e Ricardo (2022) que, certos contextos fonológicos podem impactar a variação do rótico. Nesse contexto, a tabela abaixo apresenta os resultados dessa variável.

Tabela 3: Atuação do contexto fonético precedente no /r/ retroflexo

<i>Contexto fonético precedente</i>	OC <sup>31</sup>	%	P. R.
[a]	98	41,88	0.42
[e]	43	54,51	0.20
[ɛ]	69	29,94	0.53
[i]	13	31,71	0.31
[o]	37	57,58	0.57
[ɔ]	77	22,25	0.24
[u]	09	42,86	0.44

Fonte: Elaboração nossa.

De acordo com a tabela, somente os fonemas [ɛ] e [o] parecem favorecer, ainda que levemente, o /R/ retroflexo, com pesos relativos 0.53 e 0.57, respectivamente. Mas, por outro lado, eles ainda se encontram próximos ao neutro, ou seja, não favorecem e nem desfavorecem fortemente. Os trechos abaixo exemplificam os dados:

[...] a minha vó mat[ɛ]rna a gente comemora na casa dela ai vai os cinco filhos mais a família dos cinco filhos. (GOMC25-Edmilson).  
 [...] então até mesmo o j[ɔ]rnalismo. (GOF35-Maria).

Por sua vez, o [e] é o fonema que apresenta o menor peso relativo (0.20), evidenciando uma tendência significativa de desfavorecimento da realização retroflexa quando ocorre em posição precedente. O fonema [ɔ] também se mostrou desfavorecedor, com peso relativo de

<sup>31</sup> Para fins de paralelismo e organização, adotamos a sigla OC para número de ocorrências e % para os percentuais das ocorrências. Além disso, o P. R. indica o peso relativo.

0.22, contrariando a ideia inicial de que esta vogal favorecesse a retroflexão. Já os fonemas [a] (0.42), [i] (0.31) e [u] (0.44) se posicionam em uma faixa intermediária, não chegando a favorecer, mas também não bloqueando de forma contundente a ocorrência da variante.

A hipótese levantada para essa variável aponta que a retroflexão seria favorecida em contextos precedidos por vogais posteriores, especialmente pelo [ɔ], enquanto vogais anteriores ([a], [ɛ], [e], [i]) tenderiam a promover o enfraquecimento ou apagamento do rótico. No entanto, os resultados obtidos não confirmam essa hipótese, uma vez que os pesos relativos se encontram, em sua maioria, próximos ao valor neutro (0.50), sugerindo que a oposição entre vogais anteriores e posteriores não exerce influência estatisticamente significativa na escolha da variante retroflexa.

O resultado encontrado nesta pesquisa destoa dos trabalhos já realizados, como o de Leite (2012), que, ao investigar o português paulista, identificou que a realização do /R/ retroflexo em coda silábica era favorecido por vogais posteriores, enquanto as anteriores apresentavam maior propensão à vocalização. Dessa forma, os dados desta investigação, ao indicarem a ausência de correlação estatisticamente significativa entre o contexto vocálico precedente e a escolha da variante retroflexa, apontam para uma possível especificidade do português falado na Cidade de Goiás, motivado, talvez, por fatores históricos, culturais e identitário.

### 5.2.2 Contexto fonético seguinte

A tabela 4 expõe os dados da atuação do contexto fonético seguinte na realização do /R/ retroflexo. Com base nela, verificamos que o contexto seguinte ocupado por som consonantal é o que favorece a ocorrência da variante retroflexa, com o um peso relativo de 0.64. Dessa forma, isso pode estar relacionado ao fato que o ambiente consonantal cria um contexto articulatorio mais propício para a manutenção desta variante.

Tabela 4: Atuação do contexto fonético seguinte no /r/ retroflexo

<i>Contexto fonético seguinte</i>	OC	%	P. R.
Consoante	313	57,6	0.64
Vogal	18	21,6	0.31
Pausa	15	34,9	0.38

Fonte: Elaboração nossa.

Por outro lado, o contexto seguinte ocupado por som vocálico, com peso relativo de 0.31, desfavorece consideravelmente a ocorrência desse rótico. Diferentemente do som consonantal, o vocálico pode levar ao enfraquecimento do /R/ retroflexo, por demandar menor esforço articulatorio.

A pausa também se mostrou desfavorecedora, apresentando peso relativo de 0.38, valor um pouco superior ao observado no contexto vocálico. Esses resultados reforçam o que outrora Callou, Leite e Moraes (1998) discutiram que, quando o contexto seguinte é ocupado por som consonantal ou pausa, O /R/ tende a ser mantido. Observemos esses casos nos exemplos abaixo:

[...] acessa muita **internet** porque eu trabalho com a internet a vida meu serviço. (GOF45-Luísia).

[...] todo **lugar** é tranquilo, quem faiz a violência é ocê mesmo. (GOMC37-Marlon)

Assim, com base nos dados apresentados, confirmamos nossa hipótese de que o rótico retroflexo tende a ser favorecido quando seguido por consoante ou por pausa. Confirma-se, igualmente, a segunda hipótese formulada, segundo a qual o som vocálico, por demandar menor esforço articulatorio e apresentar menor índice de incidência, favorece a ocorrência de variantes mais enfraquecidas, como a aspirada ou o apagamento.

### 5.2.3 Classe morfológica

Os estudos de Carvalho (2009) demonstraram que a classe morfológica é importante para o condicionamento da realização de variantes róticas. Nesse contexto, a tabela 4 abaixo evidencia os dados quanto à atuação desta variável da realização do rótico retroflexo.

Tabela 5: Atuação da variável classe morfológica no /r/ retroflexo

<i>Classe Morfológica</i>	OC	%	P. R.
Nomes	261	60,9	0.67
Verbos	58	26,3	0.24
Funcionais	27	50,9	0.50

Fonte: Elaboração nossa.

Os dados demonstram que a classe dos nomes é a que mais favorece a ocorrência dessa variante, perfazendo um peso relativo de 0.67. É uma forte tendência à manutenção da

retroflexão em palavras do tipo nominal. Isso talvez pode ser sugerido pelo fato de que os nomes são lexicamente mais salientes e, com frequência, demandam um maior peso semântico.

Os verbos, por sua vez, se mostraram a classe com menor frequência e com um índice de peso relativo de 0.24, o que indica um desfavorecimento significativo. Uma reflexão que podemos realizar é que os verbos são mais gramaticalizados e sujeitos a ritmos mais rápidos na hora de falar. Já a classe das funcionais, apresentou um peso relativo de 0.50, o que demonstra uma neutralidade, não favorece e nem desfavorece a variante retroflexa. Para didatizar, trazemos os exemplos do *corpus*:

[...] que ela lavava roupa no rio **vermelho** antigamente. (GOMC37-Marlon) – nome.  
 [...] eu indicaria pra **visitar** a praça. (GOMS26-Ronaldo) – verbo  
 [...] casas coloniais onde é o centro fica **perto**. (GOMS24-Caio) – funcionais.

Diante disso, a hipótese de que a classe dos nomes favoreceria a realização da retroflexa foi confirmada, uma vez que essa categoria apresenta menor incidência de apagamento do rótico. Por outro lado, também se confirma a hipótese de que a retroflexa tende a ser menos recorrente, ou até ausente, na classe das funcionais, dado seu menor destaque na fala, o /R/ retroflexo tende a aparecer menos, geralmente pronunciadas com menos ênfase.

Esses resultados coadunam com as pesquisas de Carvalho (2009) e Ricardo (2022), que dissertaram sobre a forte atuação dessa variável na variação dos róticos.

#### 5.2.4 Posição silábica: coda interna ou externa

Monaretto (2002) considerou a posição silábica como uma das variáveis que mais atua na manutenção e/ou apagamento dos róticos em coda silábica. Em suas pesquisas se dedicou a explicar esse fenômeno e demonstrou a influência de cada posição. Verificaremos na tabela 5 o comportamento dos nossos dados frente à essa variável.

Tabela 6: Atuação da variável posição da coda no /r/ retroflexo

<i>Posição da Coda</i>	OC	%	P. R.
Interna	269	63,7	0.72
Externa	77	27,6	0.28

Fonte: Elaboração nossa.

Os dados demonstram que a posição de coda interna apresenta o maior número de ocorrências do rótico em coda interna, além do maior peso relativo, 0.72. Esse índice indica

que a coda interna favorece fortemente a variante retroflexa, ou seja, é o ambiente mais propício para a manutenção do /R/ retroflexo. Bisol (2005) confirma isso ao dizer que “o /R/ em coda medial tem maior tendência à manutenção e à variação fonética do que o /R/ em posição final”, pois ela se encontra fonologicamente mais protegida.

Em contraposição, a coda externa se mostrou muito desfavorecedora dessa variante, com peso relativo de 0.28. A coda externa – final da palavra – está mais sujeita aos processos de enfraquecimento e de apagamento, como pontua Monaretto (2000) e Callou, Moraes e Leite (1996). Os trechos abaixo esboçam essas ocorrências:

[...] tem de Goiânia um amigo a gente **conversa** bastante. (GOMS30-Muriel)  
– coda interna  
[...] pro cê ser **contador** então. (GOFS41-Andréia) – coda externa

Com base nos resultados obtidos, foi possível refutar nossa hipótese inicialmente levantada de que a coda externa exerceria maior influência na ocorrência da variante retroflexa do que a coda interna. Os dados indicaram justamente o contrário: a posição de coda interna apresentou um peso relativo significativamente mais alto (0.72), revelando-se o contexto mais favorável à retroflexão, enquanto a coda externa obteve um peso de apenas 0.28, evidenciando um forte desfavorecimento.

### 5.2.5 Tonicidade de Sílabas

No que se refere à tonicidade da sílaba, Carvalho (2009, p. 159) diz que é uma variável que “apresenta alguma significância dentro das análises variacionistas, considerando que esta pode influenciar e governar a variação e a mudança linguística”. Vejamos a tabela 6:

Tabela 7: Atuação da variável tonicidade da sílaba no /r/ retroflexo

<i>Tonicidade da Sílaba</i>	OC	%	P. R.
Pretônica	167	61,6	0.44
Tônica	175	41,2	0.79
Pós-tônica	04	66,6	0.50

Fonte: Elaboração nossa.

A tabela acima expõe os resultados sobre a atuação da tonicidade na realização do /R/ retroflexo, apontando que a sílaba tônica é que mais favorece a realização dessa variante, com

peso relativo de 0.79. Isso sugere que o acento prosódico colabora para a articulação do rótico, uma vez que as sílabas tônicas tendem a ser mais perceptíveis, como defende Silva (2013).

Em seguida, com peso relativo de 0.44, destaca-se a sílaba pretônica, a qual demonstra um leve desfavorecimento da retroflexão. Pode-se inferir que esse comportamento está relacionado à menor marcação prosódica, isto é, o grau de destaque do som dessas sílabas é muito pequeno, o que pode favorecer a ocorrência de variantes enfraquecidas, como a aspirada, ou até mesmo o apagamento do segmento. E, por último, a sílaba pós-tônica evidencia um peso relativo de 0.50, o que demonstra nenhuma tendência clara, com marcas de neutralidade, mesmo com porcentagem maior. Vejamos os exemplos:

- [...] no **jardim** da infância que eu lembre assim. (GOFS41-Andréia) – rótico na sílaba pretônica  
 [...] ele tirou uma nota **maior** do que eu. (GOMS30-Muriel) – rótico na sílaba tônica.  
 [...] nossa é **super** tranquilo. (GOFS22-Amanda) - rótico em sílaba pós-tônica.

Diante destas análises, confirmamos a hipótese de que a variante retroflexa tende a ocorrer com maior frequência em sílabas tônicas, uma vez que essa posição apresenta maior destaque na fala. Tal proeminência prosódica favorece a manutenção de segmentos articulatoriamente mais marcados, como é o caso do /r/ retroflexo, em contraste com posições átonas.

#### 5.2.6 Extensão do vocábulo

A extensão do vocábulo foi outra variável analisada com base sua atuação da realização do /R/ retroflexo. Vejamos a tabela 8 com os resultados obtidos.

Tabela 8: Atuação da variável extensão do vocábulo no /r/ retroflexo

<i>Extensão</i>	OC	%	P. R.
Monossílaba	08	40,0	0.42
Dissílaba	142	47,2	0.57
Trissílaba	134	51,1	0.54
Polissílaba	62	52,9	0.29

Fonte: Elaboração nossa.

De acordo com a tabela acima, não temos resultados altamente favorecedores, do ponto de vista do peso relativo. As palavras dissílabas aparecem com um índice leve de favorecimento da variante retroflexa, com peso relativo de 0.57. Na sequência, as palavras trissílabas

apresentam um peso um pouco menor, com 0.54, mas ainda próximo ao ponto neutro. Em ambas, os valores sugerem um padrão de favorecimento moderado nesses contextos, o que pode estar relacionado ao equilíbrio entre esforço articulatorio e saliência prosódica nesses vocábulos.

As palavras monossílabas apresentam um peso relativo de 0.42, indicando um leve desfavorecimento da retroflexa. Isso pode estar associado à tendência de redução articulatória em palavras curtas ou ao comportamento isolado que os monossílabos podem ter no fluxo da fala. E, por fim, as palavras polissílabas apresentam o menor peso relativo em relação as outras, 0.29, revelando um efeito desfavorecedor em termos probabilísticos. Abaixo, trechos do *corpus*:

[...] gosto bastante do **mar** então. (GOMC25-Edmilson) – monossílabo  
 [...] a gente tinha uma convivência **melhor**. (GOF35-Maria) – dissílabo  
 [...] apesar de eu ser daqui ne sempre me senti em casa na **verdade**.  
 (GOMS36-João) – trissílabo.  
 [...]é bem movimentado eu moro no **aeroporto**. (GOMS24-Caio)

Esse resultado encontra respaldo em estudos como o de Lima (2019) e Fernandes (2021), que aponta maior índice de apagamento do /r/ em vocábulos extensos, sobretudo em contextos de fala espontânea.

Embora autores como Votre (1978), Monaretto (2000) e Callou, Moraes e Leite (1996) considerem a variável extensão do vocábulo um fator linguístico de grande relevância na variação rótica, os resultados obtidos em nossa pesquisa revelaram efeitos mais discretos. A nossa hipótese inicialmente formulada, de que a variante retroflexa ocorreria com maior frequência em palavras de menor extensão, foi apenas parcialmente confirmada.

Os pesos relativos atribuídos às palavras monossílabas e dissílabas apontam para um favorecimento moderado da retroflexa nessas estruturas mais curtas. No entanto, a presença expressiva da retroflexa também em palavras trissílabas indica que a extensão, por si só, não determina a realização da variante, sendo necessário considerar a interação com outros fatores, como prosódia, tonicidade e ritmo de fala.

### 5.2.7 Contexto Morfológico

A variável contexto morfológico foi importante para a pesquisa de Ricardo (2022). A influência desse fator está relacionada ao papel que os elementos morfológicos desempenham na estrutura interna das palavras, especialmente no que diz respeito à estabilidade ou fragilidade

dos segmentos em coda. Vejamos a atuação desta variável nos dados da nossa pesquisa, na tabela 8:

Tabela 9: Atuação da variável contexto morfológico do /r/ retroflexo

<i>Contexto Morfológico</i>	OC	%	P. R.
Dentro do radical	305	61,4	0.65
Fora do radical	41	20,0	0.35

Fonte: Elaboração nossa.

Os resultados expressos na tabela indicam a influência significativa dessa variável na realização do /r/ retroflexo. Os dados ilustram que o /R/ retroflexo ocorre predominantemente dentro do radical, com 61,4% das ocorrências e um peso relativo de 0.65, sugerindo um forte favorecimento desta variante nesse contexto. Em contraste, quando o /R/ está localizado fora do radical, a ocorrência da variante retroflexa cai para 20,0%, com um peso relativo de 0.35, indicando um desfavorecimento. A seguir, seguem trechos de falas dos informantes:

[...] eu sempre fui muito **vergonhoso** eu adorava. (GOMS24-Caio) – dentro do radical.

[...]ele é visto como **professor** mediador. (GOFs41-Andréia) – fora do radical.

Na pesquisa de Ricardo (2022), sobre o /r/ retroflexo na região Metropolitana de Porto Alegre observou que a realização desse rótico é mais frequente quando o segmento está inserido na raiz da palavra, enquanto sua ocorrência diminui em contextos morfológicos periféricos, como sufixos e desinências, o que contrasta com os resultados encontrados na nossa pesquisa. Ademais, menor ocorrência do /r/ retroflexo fora do radical pode estar relacionada a processos de redução articulatória em morfemas menos proeminentes, como afixos e terminações verbais, que são mais suscetíveis a variantes enfraquecidas ou ao apagamento.

Portanto, os dados apresentados na Tabela 9 confirmam nossa hipótese de que o contexto morfológico do /r/ dentro do radical favorece a realização da variante retroflexa. Esses resultados também reforçam as considerações de Ricardo (2022), ao evidenciar que contextos morfológicamente centrais tendem a preservar segmentos mais marcados, como o retroflexo.

### 5.3 Variáveis Sociais

Nesta subseção, os dados serão apresentados e analisados conforme as variáveis sociais (Labov, 2008[1972]), adotadas na pesquisa, descritas a seguir.

### 5.3.1 Sexo

No que se refere às variáveis sociais, o fator sexo suscita muitas discussões, pois está historicamente associado a padrões distintos de comportamento linguístico entre homens e mulheres. Estudos em Sociolinguística Variacionista, como os de Labov (2008 [1972]) e outros, já mencionados ao longo desta dissertação, demonstram que as mulheres tendem a ser mais flexíveis, isto é, mais suscetíveis à adoção de formas inovadoras, variantes em mudança ou socialmente prestigiadas, no que diz respeito à variação e mudança linguística. A tabela abaixo reporta os resultados obtidos para esta variável:

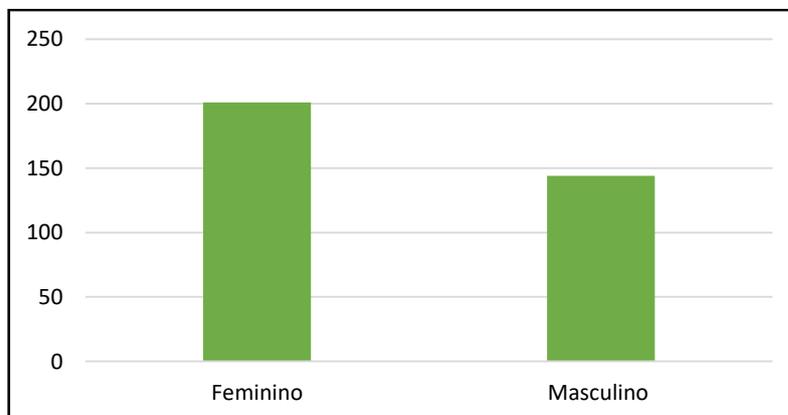
Tabela 10: Atuação da variável sexo no /r/ retroflexo

<i>Sexo</i>	Total	OC	%	P. R.
Feminino	394	202	51,2	0.62
Masculino	307	144	46,9	0.38

Fonte: Elaboração nossa.

Os resultados revelam que os informantes do sexo feminino tendem usar mais o /R/ retroflexo, ou seja, há um favorecimento apontado pelo peso relativo de 0.62. Esse dado sugere que, no grupo analisado, as mulheres demonstram uma maior adesão à variante retroflexa em comparação aos homens, cujo peso relativo foi de 0.38. O gráfico a seguir, ilustra essas ocorrências:

Gráfico 2: Ocorrências do /R/ retroflexo por sexo



Fonte: Elaboração nossa.

Por trás desses resultados, há discussões importantes sobre o papel das mulheres nos fenômenos de variação linguística. A tendência observada, de maior uso da variante retroflexa por falantes do sexo feminino, está em consonância com os estudos de Labov (2001) e Scherre e Yacovenco (2011), os quais evidenciam o chamado *Paradoxo do Gênero*, como discutido no capítulo 4 dessa dissertação, mostrando-se às vezes mais conservadoras e às vezes mais progressistas (Labov, 2001).

No caso variante retroflexa, que pode ser percebida como uma variante marcada e associada a certo prestígio local ou identitário, seu uso mais recorrente entre mulheres refletiu, com base nos resultados, um comportamento conservador e conformista, alinhado às normas linguísticas percebidas como socialmente valorizadas.

Diante disso, embora diversos estudos, como os de Callou (1987), Santos (2010), Lima (2019) e Ricardo (2022), apontem que as mulheres tendem a adotar formas linguísticas socialmente mais prestigiosas, nossa hipótese de que o uso da variante aspirada – forma inovadora - pudesse ser mais comum entre o sexo feminino não se confirmou.

Os dados indicam, ao contrário, uma tendência de maior realização da variante retroflexa entre as mulheres, o que sugere que, no contexto analisado, essa variante pode estar associada a traços da tradição linguística local, refletindo um comportamento conservador e de preservação de formas marcadas na comunidade de fala.

### 5.3.2 Faixa Etária

Na tabela 10, os resultados da atuação da variável faixa etária são apresentados. Essa variável social se torna primordial para a compreensão dos padrões de variação linguística, uma vez que permite observar possíveis indícios de mudança em curso ou de preservação de formas tradicionais ao longo das gerações.

Tabela 11: Atuação da variável faixa etária no /r/ retroflexo

<i>Faixa etária</i>	Total	OC	%	P. R.
20 a 35 anos	345	208	60,2	0.70
36 a 50 anos	356	137	38,4	0.30

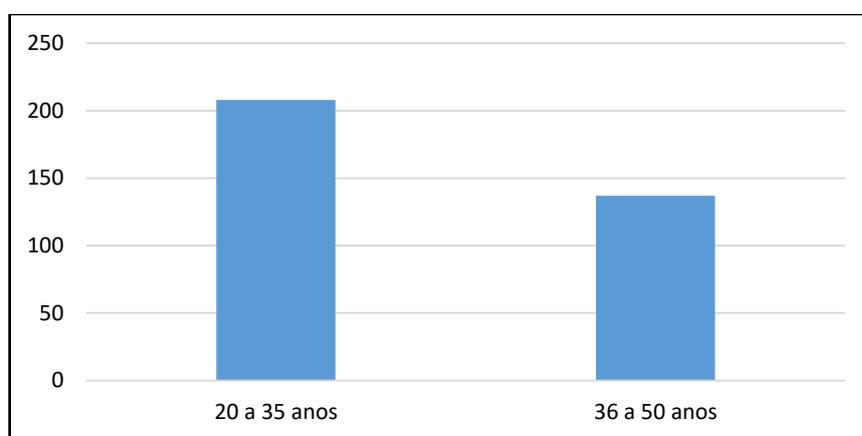
Fonte: Elaboração nossa.

De acordo com os resultados obtidos, a faixa etária de 20 a 35 anos é que mais favorece a realização do /R/ retroflexo, com um índice de 0.70 de peso relativo. Esse valor evidencia uma forte influência da variável faixa etária sobre a escolha da variante, sugerindo que os

falantes dessa geração podem estar atuando como vetores de preservação ou mesmo de valorização dessa variante.

Por outro lado, a faixa etária de 36 a 50 anos apresentou um peso relativo de 0.30, mostrando um desfavorecimento da variante. Esse dado se mostra curioso pois contraria a expectativa de que os falantes com mais idade manteriam padrões linguísticos mais próximos da norma tradicional. No gráfico abaixo, está organizado a distribuição das ocorrências de forma mais imagética:

Gráfico 3: Ocorrências do /R/ retroflexo por faixa etária



Fonte: Elaboração nossa.

O gráfico evidencia diferenças significativas na realização do /R/ retroflexo em relação à faixa etária, demonstrando que os informantes mais jovens tendem a utilizar com maior frequência essa variante. Esse resultado contraria os pressupostos de Santos (2010) e Lima (2019), cujas pesquisas indicaram maior uso da retroflexa entre os falantes mais velhos, sugerindo, portanto, uma possível mudança no padrão de distribuição sociolinguística da variante.

Além disso, o estudo de Almeida (2018), ao investigar os róticos no Centro-Oeste, especialmente no estado de Goiás, observou que a retroflexa não funcionava como um marcador social distintivo, o que pode reforçar a ideia de que seu uso, ao menos nesse contexto, não está diretamente vinculado à estratificação social tradicional, mas a outros fatores, como identidade local ou estilização linguística entre os jovens.

Portanto, nossa hipótese de que o informante de mais idade mantém o uso da variante retroflexa em coda, por se tratar, aparentemente, da forma mais tradicional no estado, foi refutada, pois são os jovens que mais utilizaram essa variante. Nesse contexto, isso pode sugerir

que a retroflexão pode estar associada a um uso identitário ou estilístico da fala, sugerindo que os jovens a utilizam como marcador de pertencimento local.

Para além do que foi discutido, os resultados obtidos parecem sugerir que a maior frequência da variante entre os jovens seja indício de uma possível mudança em progresso (Labov, 2001) ou pode estar associada a práticas linguísticas mais recentes. No entanto, é importante destacar que essa inferência exige cautela, uma vez que o *corpus* analisado não contempla três faixas etárias distintas, critério metodológico recorrente nos estudos labovianos, mas apenas duas. A ausência de uma terceira faixa no *corpus* compromete a identificação do padrão típico da mudança em progresso postulado por Labov e um apontamento mais assertivo.

### 5.3.3 Escolaridade

As pesquisas de Monaretto (2000), Santos (2010), Lima (2019) evidenciaram que a escolaridade é um fato marcante para certas variantes, sobretudo, as estigmatizadas. Na tabela 11, são expostos os resultados sobre a atuação desta variável na realização do /R/ retroflexo:

Tabela 12: Atuação da variável escolaridade no /r/ retroflexo

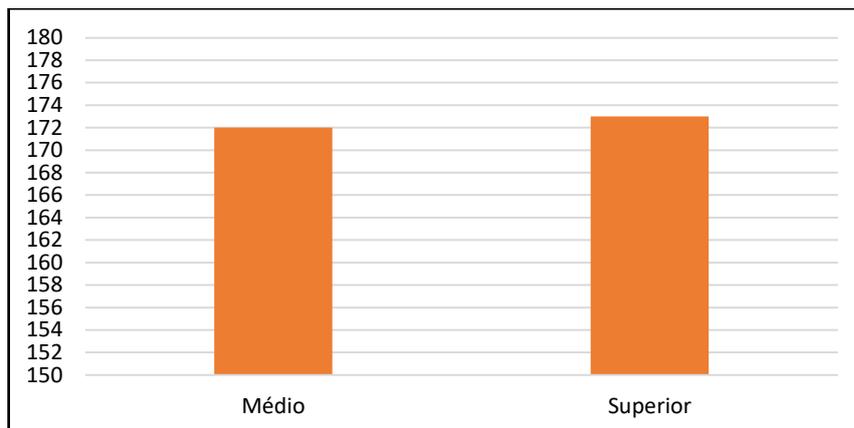
<i>Escolaridade</i>	Total	OC	%	P. R.
Médio	331	172	51,9	0.57
Superior	370	174	47,3	0.43

Fonte: Elaboração nossa.

De acordo com os resultados obtidos, os informantes com escolaridade de nível médio são os que mais utilizam o /R/ retroflexo em posição de coda, com um peso relativo de 0.57. Esse valor indica um favorecimento, ainda que leve, dessa variante nesse grupo. Por outro lado, os falantes com escolaridade de nível superior apresentaram um peso relativo de 0.43, o que revela um padrão de desfavorecimento da retroflexa entre esses informantes.

Para melhor ilustrar, na sequência, segue o Gráfico 4, que apresenta visualmente a distribuição das ocorrências da variante retroflexa do /R/ de acordo com as escolaridades analisadas.

Gráfico 4: Ocorrências do /R/ retroflexo por escolaridade

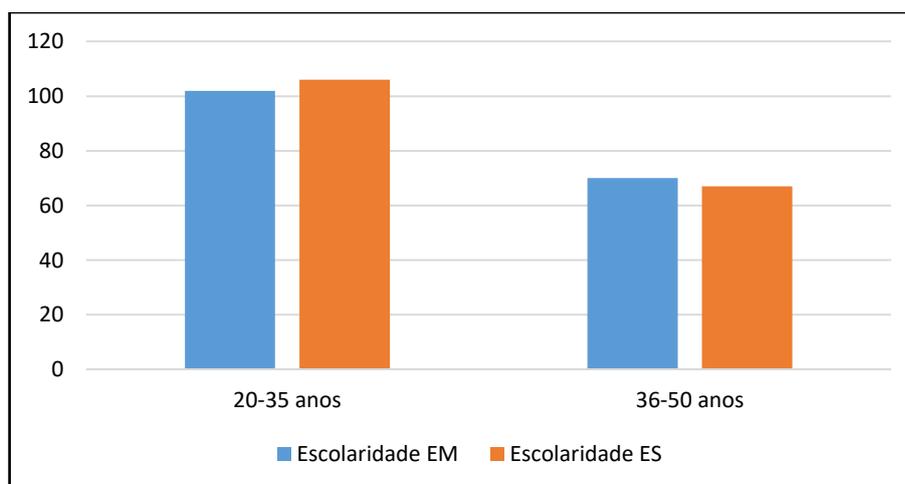


Fonte: Elaboração nossa.

A hipótese era de que a escolaridade não levaria a uma grande discrepância na escolha das variantes, seja a retroflexa ou a aspirada, o que foi confirmado parcialmente, pois, embora exista uma diferença entre os grupos, ela não é drasticamente discrepante em termos absolutos: A diferença percentual entre os dois grupos é de 5,2 pontos percentuais, e a variação no peso relativo é de 0,14, o que não representa uma oposição radical, mas sim uma tendência moderada.

Com o intuito de comparar as variáveis faixa etária e nível de escolaridade, buscamos verificar se há alguma interseção entre esses grupos de fatores no que diz respeito à preferência pela variante retroflexa ou pela aspirada. O gráfico a seguir apresenta esse cruzamento.

Gráfico 5: Cruzamento entre faixa etária e escolaridade para o /R/ retroflexo



Fonte: Elaboração nossa.

O gráfico acima reforça que a faixa etária exerce maior influência que o nível de escolaridade na escolha da variante retroflexa. Enquanto os informantes mais jovens (20–35

anos) mantêm alta frequência de uso da retroflexa em ambos os níveis de instrução, os informantes com mais idade (36–50 anos) demonstram uma tendência geral de redução, novamente em ambos os níveis. Assim, a interseção entre as variáveis sugere que a variável faixa etária se sobressai como condicionadora primária, enquanto a escolaridade, nesse recorte, tem um papel secundário na variação da retroflexa.

#### 5.4 Significado social do /R/ na Cidade de Goiás-GO

O significado social da variação linguística, discutido por Eckert (2012), destaca que as escolhas linguísticas não são apenas reflexo de fatores estruturais, mas também funcionam como recursos de construção identitária e posicionamento social. A autora argumenta que as variantes carregam significados sociais que vão além de seu valor linguístico formal, sendo utilizadas estrategicamente pelos falantes para sinalizar pertencimento a determinados grupos, alinhar-se a normas locais ou distinguir-se socialmente.

No caso desta pesquisa, que se insere no escopo de um estudo de primeira onda, o significado social da variação está fortemente vinculado à estrutura social. Com base nos dados analisados e nas categorias linguísticas e extralinguísticas observadas, é possível sugerir que a variação do /r/ em posição de coda, na Cidade de Goiás, reflete um profundo enraizamento sociocultural na comunidade, carregando um valor simultaneamente simbólico e social.

No entanto, ainda que o modelo da Primeira Onda (Eckert, 2012), vertente à qual esta pesquisa está mais alinhada, aborde a variação linguística social sobretudo como uma consequência das estruturas de classe e status, é possível refletir sobre um possível significado social das variantes de /R/ na Cidade de Goiás. Como afirma Eckert (2008), mesmo dentro da abordagem mais estrutural da Primeira Onda, a variação não é neutra: ela está inserida em um sistema de valoração social que confere prestígio ou estigma a determinadas formas, funcionando como marcador social, como também apontado por Labov (2008). O falante, ainda que de forma não intencional ou inconsciente, acaba por sinalizar sua posição social através da escolha (ou da aquisição) de determinadas variantes.

Para fins de comparação, vale considerar, brevemente, a Terceira Onda dos estudos da variação, em que a linguagem passa a ser vista não apenas como reflexo de uma estrutura social fixa, mas como prática social dinâmica e situada. Nesse modelo, as variantes são analisadas como parte de estilos e *personae* construídas pelos falantes, com significados contextualmente negociados e múltiplos. Embora esse enfoque seja distinto do adotado nesta pesquisa, ele reforça a ideia de que a variação possui um papel ativo na constituição das identidades sociais,

ainda que, no paradigma da Primeira Onda, essas identidades sejam concebidas de forma mais estáveis e associadas a grupos definidos previamente.

Logo, embora esteja pautado teórico-metodologicamente, nas premissas da Primeira Onda, os dados desta pesquisa sugerem que a variante retroflexa do /r/ em coda, na Cidade de Goiás, pode ser interpretada como um marcador identitário atrelado a determinados grupos sociais, como falantes mais jovens e com menor escolaridade. Sua ocorrência recorrente entre determinados perfis reforça a ideia de que a variação linguística, ainda que analisada sob uma perspectiva correlacional, não apenas reflete a estrutura social, mas também atua na reprodução das distinções socioculturais locais.

A presença marcante do /R/ retroflexo em 49,3% das ocorrências desta pesquisa demonstra que a comunidade de fala é atravessada por uma forte tradição histórica, herdada do período da invasão dos bandeirantes paulistas no Ciclo do Ouro, momento em que o retroflexo chegou a essa comunidade de fala, conforme já abordado anteriormente. Além disso, os dados indicam que o uso dessa variante pode operar como marcador de identidade regional, sinalizando valores associados à preservação da tradição linguística e à autenticidade cultural da cidade.

Essa inferência, ainda que não possa ser feita de forma taxativa, encontra respaldo em algumas respostas colhidas nas entrevistas gravadas. Embora o roteiro não tenha incluído perguntas específicas sobre o que os informantes consideram como “fala vilaboense” ou sobre o uso do rótico retroflexo em particular, certas falas sugerem que aspectos da língua local funcionam como marcadores identitários. Das 24 entrevistas analisadas, em 03 encontramos trechos que podem colaborar com essa interpretação, ao evidenciar que os próprios falantes percebem na maneira de falar um traço distintivo de pertencimento.

Tais trechos, ainda que não mencionem diretamente o retroflexo, ajudam a sustentar a ideia de que determinadas variantes linguísticas, possivelmente incluindo o /R/ retroflexo, integram o repertório simbólico da comunidade como índices de autenticidade cultural e enraizamento local. Um exemplo pode ser observado na fala da informante GOFs49-Analice. Ao ser questionada se considerava a documentadora como pertencente à cidade de Goiás, ela responde:

“[...] acho sim, porque você já (risos) pegou todo esse nosso costume bem gostoso, já entrou no goianês, entrou no vilaboense.” (GOFs49-Analice)

Essa fala sugere que, para a informante, os costumes locais, entre eles, a linguagem, desempenham um papel central na constituição do pertencimento, sendo o modo de falar um

dos elementos que conferem autenticidade à identidade vilaboense, ou seja, a pessoa se parece daquele lugar, porque fala daquela forma. Da mesma forma, o informante GOMC38-Lúcio menciona em sua resposta que reconhece quando alguém é da cidade ou não:

[...] não apareceu o “né”. Então eu observo muito os dialeto. Então as pessoas fala, cê observa e fala: não é daqui. Pode ser daqui, mais foi criada fora. (GOMC38-Lúcio).

Com esse trecho, reforça a ideia de que há uma vigilância linguística implícita por parte dos falantes, que associam determinadas formas de falar à autenticidade vilaboense, construindo, assim, fronteiras simbólicas entre o “ser daqui” e o “não ser daqui”. Essa percepção também aparece na fala da informante GOFS41-Andréia, que associa diretamente a fala ao reconhecimento identitário de um grupo ou localidade:

“[...] o jeito de falar que tem, isso, não tem? Você vai a algum lugar e fala: nossa, a pessoa parece daquele lugar porque fala daquela forma, não tem?” (GOFS41-Andréia)

Esse trecho também reforça a ideia de que o modo de falar é percebido socialmente como traço distintivo e marcador de pertencimento a um espaço geográfico e cultural específico, como acontece em cidade de Goiás. Ao considerarmos os relatos analisados, é possível perceber que, mesmo sem referência direta ao /R/ retroflexo, há uma construção discursiva que associa a fala local à identidade vilaboense, compondo um imaginário linguístico compartilhado entre os falantes, ainda que de maneira imprecisa. A linguagem, nesse contexto, funciona como um índice de pertencimento e autenticidade, conferindo visibilidade simbólica àqueles que “falam como se fala aqui”, corroborando com as ideias de Eckert (2008), que defende a variação linguística inseparável da construção de identidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo central descrever e analisar a variação do /R/ em coda silábica na fala de moradores da Cidade de Goiás – GO, a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]) e das contribuições dos estudos sobre o significado social da variação (Eckert, 2008, 2012). A análise permitiu identificar três variantes principais: a retroflexa [ɻ], a aspirada [h] e o apagamento [ø], sendo a retroflexa a mais recorrente, com 49,3% das ocorrências.

Dessa forma, a principal pergunta da pesquisa foi respondida: *O retroflexo é realmente a variante predominante do /R/ em coda na fala goiana, ou existem outras variantes, como o /r/ aspirado, que também caracteriza a fala dos goianos, ou pelo menos, a da comunidade de fala da Cidade de Goiás?* Os resultados mostram que o /R/ retroflexo é, de fato, a variante predominante na comunidade de fala da Cidade de Goiás.

No entanto, o percentual da variante aspirada é expressivo, com 28,5% das ocorrências. Esse resultado corrobora os argumentos de Brandão e Callou (2016), ao indicarem que os sons róticos, em posição de coda, vêm passando por um processo de enfraquecimento, motivado por fatores como economia linguística ou comodidade articulatória, por isso os índices das variantes aspiradas estão aumentando.

Os resultados obtidos indicam que a realização do /R/ em coda é condicionada por fatores linguísticos e sociais. Dentre os fatores linguísticos, destacaram-se como mais relevantes estatisticamente: a posição silábica (com favorecimento da coda interna, com peso relativo de 0.72), a tonicidade da sílaba (com predomínio em sílabas tônicas, com peso relativo de 0.79) e a classe morfológica (com maior frequência em nomes, com peso relativo de 0.62).

Já entre as variáveis sociais, a faixa etária mostrou-se determinante, com os informantes mais jovens (20–35 anos) apresentando maior uso da variante retroflexa (com peso relativo de 0.70), contrariando hipóteses anteriores que associavam essa forma a falantes mais velhos. Apesar dessas variáveis serem as mais significativas, optamos por apresentar todos os resultados das outras variáveis analisadas, a fim de oferecer um panorama mais amplo da atuação dos fatores linguísticos e sociais.

Em relação à pergunta: *a variação do /R/ em coda reflete algum possível significado social nessa comunidade de fala?* Os dados apontam para uma associação da retroflexa com um valor identitário na comunidade vilaboense. Ainda que o estudo esteja ancorado no paradigma da Primeira Onda, é possível reconhecer, à luz dos estudos de Eckert (2008) que a

escolha pela retroflexa pode operar como marcador simbólico de pertencimento local, especialmente entre falantes mais jovens.

Ademais, a expressiva presença do /R/ retroflexo pode ser interpretada como reflexo de um legado histórico, possivelmente vinculado à colonização paulista e ao Ciclo do Ouro, como mencionado anteriormente. Tal aspecto reforça a importância de considerar os fatores históricos e culturais na análise da variação linguística, sobretudo em localidades com forte tradição cultural, como é o caso da Cidade de Goiás.

A análise dos dados revelou que a variante retroflexa [ɹ] é a mais presente na comunidade de fala de cidade de Goiás, o que contraria a premissa de Amaral (1920), que acreditava que esse segmento desapareceria com o tempo. A presença expressiva dessa variante indica uma vitalidade fonética que resiste à suposta obsolescência prevista por estudos anteriores.

Observou-se também que o rótico retroflexo tende a ser favorecido quando seguido por consoante ou por pausa, padrão que corrobora os achados de Callou, Leite e Moraes (1998). Esse comportamento sugere que o contexto fônico subsequente exerce forte influência na realização do segmento, especialmente em ambientes em que a articulação do /R/ é mais perceptível.

Do ponto de vista morfossintático, a classe gramatical das palavras demonstrou impacto significativo: nomes favoreceram a realização da variante retroflexa (peso relativo de 0.62), enquanto verbos a desfavoreceram (0.24), confirmando os resultados observados por Carvalho (2009) e Ricardo (2022). Esse dado sugere que a estrutura lexical pode funcionar como indício relevante na seleção das variantes róticas.

Além disso, a posição de coda interna favoreceu a manutenção da variante retroflexa (0.72), resultado que contraria expectativas anteriores que apontavam uma tendência ao apagamento ou substituição do segmento nesse contexto. Essa constatação reforça a estabilidade da retroflexa em determinadas configurações silábicas. Reiteramos que, para pesquisas futuras, a análise separada da coda interna e externa podem dar outras perspectivas de resultados, por conta do foco da análise.

Outro fator relevante foi a tonicidade da sílaba. A variante retroflexa ocorreu com maior frequência em sílabas tônicas, confirmando a hipótese de que essas sílabas, por serem mais perceptíveis e marcadas, favorecem a manutenção de traços articulatorios mais fortes, como já discutido por Silva (2013).

A hipótese de que a retroflexa ocorreria preferencialmente em palavras de menor extensão foi apenas parcialmente confirmada. Embora essa variável tenha tido relevância em

estudos clássicos como os de Votre (1978) e Monaretto (2000), os resultados atuais indicam que o comprimento da palavra não foi um fator determinante isolado na comunidade pesquisada.

O contexto morfológico também mostrou impacto: quando o /R/ aparece dentro do radical, há maior tendência de realização da variante retroflexa, corroborando as observações de Ricardo (2022). Esse dado sugere que elementos internos à estrutura lexical contribuem para a manutenção de formas fonéticas específicas.

Entre as variáveis sociais analisadas, a faixa etária foi a mais significativa. Informantes entre 20 e 35 anos apresentaram maior frequência de uso da variante retroflexa em detrimento da aspirada (peso relativo de 0,70), indicando uma possível mudança em progresso. Esse achado contraria a expectativa de que formas mais marcadas estariam mais presentes entre falantes mais velhos.

No que diz respeito ao fator gênero, a hipótese de que as mulheres utilizariam preferencialmente a variante aspirada em vez da retroflexa não se confirmou. Os dados, na verdade, indicaram o contrário: as informantes do sexo feminino usaram com maior frequência a variante retroflexa, reforçando a ideia de que as mulheres podem desempenhar um papel ativo na adoção ou preservação de variantes locais.

Por fim, a variável escolaridade não exerceu influência significativa na variação do /R/. Não foram observadas discrepâncias relevantes entre os falantes com ensino médio e aqueles com ensino superior, o que indica que o nível de escolarização, ao menos neste recorte, não foi determinante para a realização das formas róticas na comunidade analisada.

Assim, com esta pesquisa, esperamos contribuir para o aprofundamento dos estudos sobre a variação dos róticos no Português Brasileiro, especialmente em comunidades historicamente relevantes e ainda pouco investigadas, como a Cidade de Goiás. Além disso, pretendemos colaborar com o mapeamento sociolinguístico da variedade goiana do Português, ainda pouco conhecida.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M.; SANDALO, M. F. S. Os róticos revisitados. In: HORA, D. da; COLLISCHONN, G. (Orgs.). **Teoria linguística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p. 144–180.
- AGOSTINHO, Ana Lúvia; MENDES, Maiara Casal. A grafia dos róticos intervocálicos no português da Ilha do Príncipe: fusão fonológica e ensino. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, v. 24, n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/index>. Acesso em: 08 de fev. de 2025.
- AGUILERA, V. de A.; SILVA, H. C. da. Uma nova configuração do caipira: ecos do /r/ retroflexo. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 14, n. 1, 2015. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1237>. Acesso em: 9 fev. 2025.
- ALKMIN, T. A. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 1. São Paulo: Cortez, 2001.
- ALMEIDA, Édina de Fátima de. **Os róticos em coda silábica na Região Centro-Oeste do Brasil**. 2018. 244 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Hucitec, 1976. (Edição original: 1920).
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BATTISTI, Elisa. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. (Org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. p. 79–98.
- BERÇOT-RODRIGUES, Shanay Freire. **A realização da fricativa glotal na fala manauara**. 2014. 98f. Dissertação (Mestrado Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.
- BERNARDES, Patrícia Mendanha. **A variação de segunda pessoa do singular na cidade de Goiás: você e cê sob um olhar sociolinguístico**. 2020. 116 f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, Goiás, 2021.
- BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BOAVENTURA, L.; CANTONI, M. Distribuição de sons róticos em variedades do português em países africanos. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 78, p. 143–168, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/55618>. Acesso em: 24 fev. 2025.

- BOERSMA, Paul & Weenink, David. 2007. **Praat**: doing phonetics by computer (versão 4.6.36) [programa computacional]. Disponível em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/> Acesso em: 19 mar. 2025.
- BORGES NETO, José. **Ensaio da filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORGES, F. C. S. F. **A cidade de Goiás e o Turismo**: um estudo do patrimônio histórico e cultural e sua influência na organização da atividade turística no município. 2010. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria), Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú-SC, 2010.
- BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A.; CUNHA, C. S. Um estudo contrastivo entre o português europeu e o português do Brasil: o -R final de vocábulo. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Org.). **Análise contrastiva de variedades do português**. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003.
- BRESCANCINI, C. R. A aspiração da fricativa em posição de coda no dialeto florianopolitano - variação e teoria. **Organon**, Porto Alegre, v. 18, n. 36, 2004. DOI: 10.22456/2238-8915.31157. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/31157>. Acesso em: 22 fev. 2025.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CALLOU, D.; MORAES, J. A.; LEITE, Y. **Variação e diferenciação dialetal**: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). **Gramática do português falado**. Vol. VI: desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp, p. 465-493, 1996.
- CALLOU, Dinah, MORAES, João A., LEITE, Yonne. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore (org.). **Gramática do português falado**. 2. ed. Rev. Campinas: Ed. UNICAMP, 2002, p. 463-489.
- CALLOU, Dinah. **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Universidade Federal, PROED: 1987. 194 p.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João A. Apagamento do /R/ final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real. **DELTA** vol.14, número especial, p. 61-72, 1998. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501998000300006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300006). Acesso em 09 de jul. 2024.
- CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CAMACHO, R. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 1. São Paulo: Cortez, 2001.
- CAMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 47. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.
- CAMARA JR., J. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

CÂMARA JR., J. M. **Problemas de linguística descritiva**. Petrópolis: Vozes. 2010[1969]. 71 p.

CARVALHO, Lucirene da Silva. **Os róticos em posição de coda: uma análise variacionista e acústica do falar piauiense**. 267 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

CHAUL, N. F. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da Capitania de Goiás. 1736-1808**. Goiânia: Editora UFG, 2012

CHOMSKY, Noam, HALLE Morris. **The sound pattern of English. Originally published**: New York: Harper & Row, 1968. (First MIT paperback edition, 1991).

CHOMSKY, Noam. **A ciência da linguagem: conversas com James McGilvray**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Armênio Amado, 1978.

CHOMSKY, Noam. **Reflexões sobre a linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1980.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 174–194, 2º sem. 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>. Acesso em: 19 jan. 2025.

COLLISCHONN, G. A Sílabas em Português. In: Bisol, L (org). **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileira**. Porto Alegre: EDIPURS. 2010.

COSERIU, E. **Competencia lingüística**. Madrid: Gredos, 1992.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 15, n. 1/2, p. 53–78, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9410>. Acesso em: 20 out. 2024.

DE MAURO, T. **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 1973.

DELGADO, Andréa Ferreira. **Goiás: a invenção da cidade “Patrimônio da Humanidade”**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 23, pp. 113-143, jan/jun 2005.

DILLINGER, M. Forma e função na linguística. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 7, n. 1, 1991. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/46088>. Acesso em: 19 jan. 2025.

Eckert, P. **Variation and the indexical field**. *Journal of Sociolinguistics*, 2008. 12(4), 453-476.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, 2012. 41: 87-100.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, Sally. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (Orgs.). **Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 93–107.

FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

FERNANDES, Rosilda Ferreira de Oliveira Guilherme. **Apagamento do /r/ em produções escritas de alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II**. 2021. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/3725>. Acesso em: 4 maio 2025.

FERREIRA NETTO, Waldemar. **Propósito da descrição e da documentação de línguas indígenas**. In: Anais... Jaú: GEL/Fundação Educacional Dr. Raul Bauab, 1992. Disponível em: [inserir link se houver]. Acesso em: 22 fev. 2025.

FERREIRA, Jannaína Soares Silva Reis. **O apagamento da oclusiva dental /d/ em gerúndio: uma análise sociolinguística do falar vilaboense**. 2023. 107 f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2023.

FIGUEIRA-BORGES, Guilherme; LUTERMAN, Luana Alves; VIEIRA, Marília Silva (org.). **Estudos de língua e interculturalidade: estudos de língua baseados no uso**. Anápolis: Editora UEG; São Paulo: Todas as Musas, 2023.

FIGUEROA, E. **Sociolinguistic metatheory**. Oxford: Pergamon, 1994.

FONSECA, Aline Alves. Análise do tutorial do programa de análises acústicas Praat. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 13-16, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=577163636006>. Acesso em: 23 de mar. de 2025.

FOULKES, P.; SCOBIE, J. E.; WATT, D. Sociophonetics. In: HARDCASTLE, W.; LAVER, J.; GIBBON, F. (Orgs.). **The handbook of Phonetic Sciences**, 2. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

FREITAG, R. M. K. **Documentação sociolinguística: coleta de dados e ética em pesquisa**. São Cristóvão: Editora UFS, 2017. 82 p.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística no/do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, SP, v. 58, n. 3, p. 445–460, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8647170>. Acesso em: 31 jan. 2025.

FREITAG, R. M. Idade: uma variável sociolinguística complexa. **Línguas & Letras, [S. l.]**, v. 6, n. 11, p. p. 105–121, 2005. DOI: 10.5935/rl&l.v6i11.875. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/875>. Acesso em: 21 mar. 2025.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GOMES DE OLIVEIRA, S.; MAJOLO ROCKENBACH, L.; GUTIERRES, A. As três ondas do estudo da variação: a emergência do significado no estudo da variação sociolinguística. **Organon**, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 268–291, 2022. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/122962>. Acesso em: 18 set. 2022.

GOMIDE, C. H. **Cidade de Goiás: da ideia da preservação à valorização do patrimônio – a construção da imagem de cidade histórica (1930-1978)**. In: CHAUL, N. F.; SILVA, L. S. D. da. *As Cidades dos Sonhos*. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

GOMIDE, Cristina Helou. **Centralismo político e tradição histórica: 1930-1978**. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999.

GUMPERZ, J. J. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**, 2nd ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HORA, Demerval da. **Fonética e Fonologia**. Fascículo do II Curso de Letras, UFPB, publicado em 12/07/2009, disponível em: <portal.virtual.ufpb.br/bibliotecavirtual/files/> acesso em setembro de 2017.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. **Principles of linguistic change – social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. **Language Variation and Change**, v. 2, p. 205–254, 1990.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. **The sounds of the world's languages**. Oxford: Blackwell, 1996.

LANGARO, J. A. De vibrantes a fricativos: os róticos na dublagem brasileira. **Trama**, Marechal Cândido Rondon, v. 1, n. 2, p. p. 109–123, 2007. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/trama/article/view/211>. Acesso em: 22 fev. 2025.

LEHISTE, Ilse. Some allophones of /r/ in American English. In: LEHISTE, Ilse. **Acoustical characteristics of selected English consonants**. The Hague: Mouton, 1962. p. 51–115.

LEITE, Cândida Mara Britto. Um estudo fonético-acústico do /R/ vocalizado em posição de coda silábica. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. São Paulo, v. 28, n. 2, p. 217–243, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/64MfBdY9fHZFWSZCmx4mJ3S>. Acesso em: 25 maio 2025.

LIMA, Jeylla Salomé Barbosa dos Santos. **Análise variacionista de /R/ na coda silábica medial no português falado em Alagoas**. 2019. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

LIMA, Márcia Maria de Oliveira. **As consoantes róticas no português brasileiro com notas sobre as róticas das variedades de Goiânia, Goiatuba e Uberlândia**. Brasília: UnB, (dissertação de mestrado), 2013.

LINDAU, M. The story of r. In: FROMKIN, V. A. (Ed.). **Phonetic linguistics**. Orlando: Academic Press, 1985.

LYONS, John. **Lingua(gem) e linguística: uma introdução**. Tradução de Marilda Winkler Averburg; Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINS, R. M. F., Barbosa, J. V. L., & Teske, R. M. (2016). A avaliação social do “R” em coda silábica. **Signo**, 41(71), 139-152.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C.; REDENBARGER, W. J. A Comparative Study of the Sounds of European and Brazilian Portuguese: Phonemes and Allophones. In.: WETZELS, W. L.; COSTA, J.; MENUZZI, S (Eds.). **The Handbook of Portuguese Linguistics**. India: Editorial Offices. 2016. p.56-68.

MATEUS, M. H. M. Sobre a Natureza Fonológica da Ortografia Portuguesa (À propos de la Nature Phonologique de l’Orthographe Portugaise ). **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 159-180, 2006. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1014>. Acesso em: 8 fev. 2025.

McCLEARY, L. **Sociolinguística. Curso Licenciatura em Letras-Libras**. Florianópolis: UFSC, 2007.

MILANI, S. E. Fonemas em coda silábica da fala dos goianos. **Web revista Sociodialeto**, 8(22 SER. 2), 154–172, 2017. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/sociodialeto/article/view/7851>. Acesso em 20 de abr. 2025.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. **Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica**. 1997. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

MONARETTO, V. N. de O. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do sul do Brasil. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v.35, p.275-284. 2000.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MORAES, C. de C. P. **Do corpo místico de Cristo: Irmandades e Confrarias na Capitania de Goiás, 1736-1808**. Goiânia: Editora UFG, 2012.

- MORAES, C. de C. P. **Do corpo místico de Cristo: Irmandades e Confrarias na modernidade**. Goiânia: Editora da UFG, 1997.
- MOTA, Jacyra. **Aspectos fônicos do Nordeste a partir de dados do ALiB. A fala nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia**. São Paulo: Blucher, 2016. p. 58-73
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004.
- NARO, A. J.; VOTRE, S. J. Mecanismos funcionais do uso da língua: função e forma. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 8, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45949>. Acesso em: 25 maio 2025.
- NASCENTES, Antenor. O tratamento de você no Brasil. In: **Letras**, Curitiba: UFPR, v. 6, n. 5, p. 114–122, 1956.
- NIKULIN, Andrey. **Proto-Macro-Jê: um estudo reconstrutivo**. 571 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) —Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- OLIVEIRA, Ingrid da Costa. **Os róticos em coda silábica externa: o interior da região Sul no projeto ALiB**. 2018. 134 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- OLIVEIRA, M. S. D. de; ZANOLI, M. de L. O /r/ retroflexo no Português caipira como resultado de “interferência” da Língua Geral de São Paulo – uma homenagem à obra de Amadeu Amaral. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, 50(3), 2021. p. 1159–1172.
- ORTEZ, Cinara Monteiro. Formalismo x funcionalismo: abordagens excludentes? **Percursos Linguísticos**, Vitória, v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/1188>. Acesso em: 18 jan. 2025.
- PALACÍN, L. **O século do Ouro em Goiás**. Goiânia: Editora da UCG, 1994.
- PALACÍN, L; MORAES, M. A. de S. **História de Goiás**. 7ª Ed. Goiânia: Editora da UCG, Editora Vieira, 2008.
- PATRICK, Peter L. The speech community. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Orgs.). **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell, 2002. p. 573–593.
- PEZATTI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- PORTELA, Adriane Caroline Teixeira; OLIVEIRA, Hugo Henrique Gonsalves dos Santos; VIOLA, Denise Nunes. Utilização do software R para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem da análise combinatória. **Ensino em Re-Vista**, [S. l.], v. 30, n. contínua, p.

e037, 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/71906>. Acesso em: 2 mar. 2025.

PRUDENTE, T. C. A. **Cotidiano e preservação: asilo São Vicente de Paulo da Cidade de Goiás**. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural) – Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006.

REINECKE, Katja. **Os róticos intervocálicos na gramática individual de falantes de Blumenau e Lages**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2006.

RENNICKE, I. Representação fonológica dos róticos do Português Brasileiro: uma abordagem à base de exemplares. **Scripta**, v. 20, n. 38, p. 70-97, 1 ago. 2016.

RENNICKE, I.; MARTINS, P. T. As realizações fonéticas de /R/ em português europeu: análise de um corpus dialetal e implicações no sistema fonológico. In: SILVA, [org.]; FALÉ, [org.]; PEREIRA, [org.]. **Textos selecionados do XXVIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística**, p. 509-523. Associação Portuguesa de Linguística (APL), 2013.

RENNICKE, Iiris. **Variation and change in the rhotics of Brazilian Portuguese**. 2015.

REZENDE SANTOS, Tânia Ferreira. **Falares rurais brasileiros**. Extensão e Cultura (UFG), Goiânia-GO, p. 58–60, 2005.

RICARDO, J. **O rótico retroflexo na Região Metropolitana de Porto Alegre: análise variacionista**. 2022. 124 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) – UFRS, Porto Alegre, 2022.

RIESTRA, Dora. **La epistemología saussureana: la significación, un siglo después**. Mexico: Ediciones del Lirio, ENAH, 2017.

ROMAINE, S. What is a speech community? In: **Sociolinguistic variation in speech communities**. London: Edward Arnold, 1980. p. 13–24.

SANTOS, J. S. B. **As realizações de 'r' em coda silábica na comunidade de porto da rua, litoral norte de alagoas**. Análise linguística e sociolinguística. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

SANTOS, Romilda Ferreira. **Produção e percepção do /R/ em coda silábica como marca do falar caipira**. 2024. 212 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SELKIRK, E. The syllable. HUST.H.V.D., SMITH. **The structure of phonological representation** (part II). Foris, Dordrecht, p.337 – 383. 1982.

SEVERO, C. G. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões. **Revista Voz das Letras**, n. 9, p. 1–17, 2008.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 4. ed., 2013.

SIMÕES, José da Silva. In: **Marcas do português do Brasil**. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0sDuGRKwguY>. Acesso em: 22 fev. 2025. FAPESP  
SKEETE, N. A. O uso variável de vibrante na cidade de João Pessoa. **Graphos**, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 77-96, 1996.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.  
TRAUGOTT, Elizabeth Closs. ‘All he endeavoured to prove was...’: **constructional emergence from the perspective of grammaticalization**. 2008.

VANIN, A. A. Considerações relevantes sobre definições de ‘comunidade de fala’. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 31, n. 2, p. 147–153, 2009.

VOTRE, S. ([1978] 2014). Aspecto da variação fonológica no Rio de Janeiro processos de redução de travamento silábico. **Letras De Hoje**, 14(3). Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/18749>.

WEINREICH, U.; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WIESE, R. The unity and variation of (German) /r/. **Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik**, n. 70, p. 25–43, 2003.

## **APÊNDICES**

## ROTEIRO DAS ESTREVISTAS SOCIOLINGUÍSTICAS

### Cidade e bairro

- Você sempre morou aqui? Onde mais você morou?
- Onde seus pais nasceram? O que eles te contaram sobre esse lugar?
- Você gosta desta cidade? O que você mais gosta em Goiás?
- Como é morar na cidade de Goiás? Por quê?
- O que você mudaria nesta cidade?
- Como é a rotina de quem mora aqui? O que se tem para fazer?
- Você gostaria de morar em outra cidade? Por que? Qual?
- Como é o bairro em você mora em Goiás? Qual o nome do seu bairro?
- Você acha do seu bairro? É violento ou não? Conte uma cena de violência que você viu ou ficou sabendo/ ou por que você acha que aqui é calmo?
- Você gosta dos seus vizinhos? Tem alguma coisa para reclamar deles? Quando você faz uma festa, você chama seus vizinhos? Você vai visitar eles ou eles vêm te visitar?
- Você sabe de alguma briga que envolve dois vizinhos seus?
- Você acha que eu sou goiana?
- Você acha que sou aqui da cidade de Goiás?
- Você acha que eu me pareço com os moradores aqui de Goiás? Por quê?
- Se você me encontrasse aqui em Goiás, quais os lugares que você me indicaria para visitar? Por quê?

### Família e amigos

- Você tem irmãos? Como eles são?
- Você acha que era tratado diferente por ser mais novo/ mais velho? Vocês brigavam muito quando eram crianças? Conte algum fato que você lembra da sua infância.
- Você ainda tem contato com seus amigos de infância? Você se lembra de alguma história engraçada dessa época? Conte.
- Você tinha um melhor amigo (a)? Fale sobre ele (a).
- Que tipos de brincadeiras vocês brincavam quando criança? Conte sobre as brincadeiras?
- Do que você mais sente saudade dessa época? Você acha que aquele tempo era melhor do que hoje? Por quê?
- Como foi sua criação? Rígida ou mais liberal?
- Que tipo de criança você era? Brigona, quietinha? E os seus amigos?
- Seus pais eram muito duros com você? O que eles faziam?
- Eles queriam que você seguisse alguma profissão? Qual?
- Já teve alguma situação em que você se meteu em problemas junto com seus amigos? Você contou desses problemas para os seus pais ou você não podia?
- Você vê bastante seus avós/ tios/ primos? Se não, fale o porquê. Que tipo de coisas vocês costumam fazer juntos?
- Como vocês comemoram as festas de final de ano?

- Fora sua família, com quem você passa bastante tempo hoje em dia? Onde eles moram? O que vocês fazem juntos?
- Para onde você gosta de sair nos finais de semana?
- Se você precisasse de ajuda em uma emergência, para quem você ligaria?
- Você costuma conversar com seus vizinhos? Se eu morasse do lado da sua casa e ouvisse música alta, o que você faria?
- O que você gosta de fazer nas horas vagas?

#### Escola e trabalho

- Você estuda? Qual o nome da sua escola? Como que é a sua escola? Por quê? Ou se não estuda hoje, mas onde estudou você estudou em qual escola? Você gostava de lá? Como era o ensino?
- Algum professor te marcou por algum motivo?
- Qual era sua matéria favorita? E a que você menos gostava? Por quê?
- Você já colou ou passou cola? Você já foi pego?
- Você já levou a culpa por alguma coisa que você não fez?
- Você acha que eu colava na escola ou passava cola? Por quê?
- Você fazia parte de algum grupinho? Como era?
- Você já brigou feio na escola? Já viu alguma briga? Como foi?
- Você acha que era o ensino antigamente? Era muito diferente de hoje? Por quê?
- Você trabalha ou não? Como é seu ambiente de trabalho?
- Se você trabalha ou trabalhou como foi o seu primeiro emprego? Com o que você gastou o seu primeiro salário? Você lembra?
- O que você acha de crianças trabalharem? Explique.
- Com o quê seus pais/ filhos/ companheiro trabalham?

#### Hobbies e esportes

- O que você gosta de fazer nas horas vagas? E no final de semana?
- Você pratica algum tipo de esporte? Qual? Fale sobre este esporte.
- Que programa você gosta de ver na TV? Por quê? Qual você não gosta?
- Você acessa muito a internet? Você tem muitos amigos na internet? Tem algum que você nunca encontrou na vida real?
- Você gosta de viajar? Como foi sua última viagem?
- Para que lugar do mundo você gostaria de ir? Como você imagina que é lá?

#### Acontecimentos e opiniões

- O que você acha da nossa educação? Acha que vai melhorar? Ou não? Por quê?
- Como que você vê o futuro do Brasil? Por quê?
- O que você faria se fosse o governador de Goiás? Por quê?
- O que você faria se fosse o presidente do Brasil? Por quê?
- Você assistiu e acompanhou a tragédia de Brumadinho? O que você achou? Por quê?

- Você já viu algum desastre? Como foi? As pessoas foram ajudar?
- Você já presenciou algum evento sobrenatural aqui em Goiás, como fantasmas, pois falam que tem muitos devido os casarões antigos? Como foi?
- Você já esteve em alguma situação em que sua vida corria perigo? Como foi?
- Você já ficou muito doente a ponto de ser internado? Como foi?
- Você tem intuições sobre coisas que vão acontecer? Conhece alguém que tem? E elas acontecem mesmo? Você lembra de alguma vez que isso aconteceu?
- Já teve alguma situação em que você se sentiu muito sortudo? E muito azarado? Como foi?
- Qual foi a situação em que você mais sentiu vergonha? Como foi?
- Você já encontrou alguém famoso? Como foi?